OBRAS

DO

V. DE ALMEIDA-GARRETT

XXIV

COLLECÇÃO COMPLETA DAS OBRAS LITTERARIAS

DO

V. DE ALMEIDA-GARRETT

THEATRO

Tomo I—Catão.
» II—Merope, Gil-Vicente.
» III—Frei Luiz de Sousa.
» IV—D. Philippa de Vilhena.
» V—A Sobrinha do Marquez.
» VI—O Alfageme de Santarem.
» VII—As Prophecias do Bandarra, O Noivado no Dáfundo.

VERSOS

Camões.
D. Branca.
Lyrica.
Fabulas, Folhas cahidas.
Flores sem fructo.
Romanceiro, tres volumes.
O Retratto de Venus.

PROSA

Viagens na minha terra, dois volumes.
O Arco de Sanct'Anna, dois volumes.
Portugal na Balança da Europa.
Da Educação.
Helena, romance.
Discursos parlamentares e Memorias biographicas.
Escriptos diversos.

Acham-se á venda na Imprensa Nacional e principaes livrarias do Reino

ESCRIPTOS DIVERSOS

DO

V. DE ALMEIDA-GARRETT

COLLIGIDOS POR

C. GUIMARAENS

LISBOA

IMPRENSA NACIONAL

1877

O DIA
VINTE E QUATRO DE AGOSTO

PELO CIDADÃO

J. B. S. L. A. GARRETT

ANNO I

LISBOA — 1821

Malheur aux peuples, dont les chefs regarderont ces maximes comme séditieuses.

Polit. nat., Préf. du vol. I.

AO CONGRESSO NACIONAL

Aos paes da patria offereço a defeza da causa d'ella. Os verdadeiros portuguezes não carecem das poucas luzes d'este escripto para conhecerem a justiça, com que o heroismo de poucos homens os libertou do jugo de tantos: os sentimentos de liberdade, e valor nasceram com elles. — Os que o não forem por fraqueza, e ignorancia, ou se emendarão, lendo-o, ou tem o vicio, e o crime arreigados no coração. Estes não são portuguezes. Mas nem se a Portuguezes me dirijo: eu fallo á Europa, e ao mundo fallo com intrepidez, porque fallo a simples verdade.

Tentei provar a legitimidade do dia—vinte e quatro de agosto—; vós declaraes á Nação e em nome d'ella, a mesma legitimidade. Tentei sustentar os direitos da minha patria, a liberdade dos meus concidadãos, e os imprescriptiveis fóros do homem; vós jurastes[1] defendê-los todos, vós jurastes dar-nos uma constituição liberal, vós jurastes ser homens, ser Portuguezes. Uma perfeita identidade de sentimentos une o meu coração ao dos representantes da Nação. Acceitae pois a offerenda d'elles, e salvae-nos. Salvae-nos ó Paes da Patria; salvae-nos homens sagrados! Mandae pela estrada da virtude os vossos nomes á posteridade; sêde o terror dos despotas, o flagello dos impios; e sereis o amor dos Portuguezes, e a admiração dos estranhos.

Se o Congresso nacional julgar o meu trabalho de algum preço e utilidade, eu me offereço, com todo o ânimo, e coração, não so a emendá-lo no que elle julgar conveniente; mas a traduzi-lo n'alguma das linguas estrangeiras, que sei. Nenhum trabalho me assusta; appoucado em talentos, em luzes, e

[1] Os nossos deputados juraram solemnemente cumprir o que lhes foi encarregado pelos seus constituintes.—Dar-nos uma Constituição pelo menos tam liberal como a Hespanhola—é um d'estes deveres e obrigações juradas.

em tudo, so tenho um grande bem, immenso, inapreciavel; — um coração Portuguez. Este offereço, e d'este disponham os Paes da Patria; assim como da penna, do braço, da lingua, do sangue e da vida de um cidadão, que se julgará feliz, se a dér á Patria, que o educou, que o sustenta.

AOS LEITORES.

Está diminuido aquelle sancto furor, em que nos puzéra o prazer súbito do maior dos bens, depois de longas dores do maior dos males. É mais solido agora, é mais razoado o nosso enthusiasmo. Aos que ousassem atéqui dettrahir as nossas idéas, oppor-se-lhe um momento, que fariamos nós? Toda a prudencia sería pouca para não lavarmos as aras da Liberdade com o sangue vil, que a tal se atrevesse.

Mas uma tal acção porque era filha do extasi do Patriotismo, deixaria de ser um crime?—Não por certo: a moderação, e o perdão é a primeira das virtudes, não so politicas e sociaes, mas religiosas e christãas.

Qual seria então o nosso partido, senão empregar todos os meios da persuasão para dobrar, para vencer ésta alma rebelde?—Eisahi o que eu faço mal, por ventura, mal, e sem a dignidade, sem a eloquencia, que tam nobre causa pede.—Desculpae um homem sem experiencia, apoucado em conhecimentos, e opprimido atéqui pela ignorancia em todos os seus estudos, pelo fanatismo em todos os seus exercicios litterarios, e pelo despotismo em todas as suas acções. Attentae so nos bons desejos, não repareis nos defeitos do author, que é (como Séneca) o primeiro a conhecê-los e confessá-los.

INTRODUCÇÃO

Ja temos uma patria, que nos havia roubado o despotismo: a timidez, a covardia, a ignorancia, que o tinha creado, que se prostrava com vil idolatria ante a obra das suas mãos, acabou. A ultima hora da tyrannia soou; o fanatismo, que occupava a face da terra, desappareceu; o sol da liberdade brilhou no nosso horisonte, e as derradeiras trevas do despotismo foram, dissipadas por seus raios, sepultar-se no inferno.

Qual era dentre nós, que se não podesse chamar opprimido? Qual ha dentre nós, que se não possa chamar libertado? Qual foi o

Portuguez, que não gemeu, que não chorou ao som dos ferros? Qual é o Portuguez que não folgará com a liberdade? Nenhum por certo: os netos de Moniz, de Nun'Alvares, de Gama, de Castro, de Pacheco, são o que sempre foram, — Portuguezes.

Escravos hontem, hoje livres; hontem authomatos da tyrannia, hoje homens; hontem miseraveis colonos, hoje cidadãos, qual será o vil (não digo bem) qual será o infeliz que não louve, que não bemdiga o braço heroico que nos quebrou os ferros, os labios denodados que ousaram primeiro entoar o doce nome — Liberdade?

Mas se almas ainda ha tam abjectas, se corações tam pusilanimes, tam accanhados espiritos, tam baixos animos, tam envilecidos peitos, tam despreziveis homens, que esquecidos de que são cidadãos, de que são homens, de que são Portuguezes, ousam duvidar um momento da legitimidade, com que a mais nobre, a mais illustrada porção d'esta cidade clamou por uma constituição politica, reuniu suas fôrças para fim tam glorioso, e tracta de convocar as Côrtes, e promover assim um governo representativo, segurar a majestade do povo, a liberdade da nação, os direitos do throno, a sanctidade da religião, e o imperio das leis; se alguns ha dentre nós tam desgra-

çados; se alguns, tambem timoratos e duvidosos, receiam e tremem, eis-aqui quando o homem de bem, quando um Portuguez, que o é, deve, accendendo o faxo da philosophia e das lettras, fazer servir as suas luzes e illustrar a sua patria; sacrificando-lhe as suas vigilias, mostrar que é cidadão.

Emprehendo pois (e heide prová-lo) demonstrar a legitimidade, com que o conselho militar de 24 de agosto, convocando Senado, Povo e Authoridades públicas d'esta cidade, erigiu a Junta provisional do Governo supremo, para que representando a Nação, e a majestade d'ella, convocasse as côrtes, para a organisação d'uma Constituição politica da Monarchia Portugueza.

E quantos meios tinha eu de provar a minha asserção? Mil se presentão, mil accodem á imaginação, que o patriotismo accende, que a verdade alumia, que a razão dirige. Pintar os males que soffriamos, o captiveiro em que jazíamos, o desprezo, a insolencia com que a perfida côrte do Rio-de-Janeiro — (ignorando-o o nosso bom e amado Rei) — nos calcava, nos opprimia, nos sangrava, nos roubava, e nos preparava a nossa morte politica? Dizer o atrevimento, a barbaridade com que os mais vis, os mais ambiciosos homens forçavam o nosso Soberano a faltar á fé jurada, á palavra

que nos dera de voltar para Portugal? Exprimir ao vivo, fazer patente aos olhos de todos, os meios indirectos com que arruinavam o nosso commercio, destruiam as nossas fabricas, avexavam a nossa agricultura? Enumerar as barbaridades, as ignorancias, a inutilidade, insufficiencia de um governo de Bachás, que, sem fazer um so bem, tantos males causou á desgraçada patria? Revolver a lousa do opprobrio, e da infamia que encerra as respeitosas e venerandas cinzas de Gomes Freire, dos outros martyres da patria e da liberdade? Fazer ver que a mudança de governo (ou antes a restauração do antigo) estava em taes circumstancias a arbitrio da nação? Revolver argumentos, apontar authoridades de Rousseau, de Mably, de Volney, de Condorcet?

De tudo me valerei, tudo farei por expender e fazer público e claro aos olhos dos Portuguezes; e porei peito em não usar, quanto a materia o permittir, senão da linguagem corrente e chã, deixando a abstracta e scientifica, que so convem ás escholas, e que não tem cabimento em uma obra, que deve ser pública, que é de todos e para todos, e destinada a instruir um Povo Rei nos seus direitos, nas suas obrigações.

I

Liberdade e equaldade dos homens, verdadeiras idéas que a estas palavras se devem ligar

Os homens são eguaes porque são livres; e são livres porque são eguaes: eis-aqui um circulo vicioso á primeira vista, mas uma demonstração verdadeira e exacta, para quem a quizer profundar. A natureza que nos doou estes dois preciosos bens, que os ligou intimamente com a nossa essencia, lhes deu uma tal correlação, uma affinidade e união tam reciproca, que um sem outro não podem existir; que um sem outro não podem cabalmente demonstrar-se.

Somos livres, porque os direitos que temos

á existencia, á boa existencia, a prover aos meios d'ella, a aperfeiçoá-la, são communs a todos; em consequencia, não ficando a nenhum homem em particular mais direitos que a outro, é claro que não podem impedir-se uns aos outros no exercicio d'estes direitos: eis-aqui no que consiste a liberdade tomada em abstracto.

Somos eguaes: porque não podendo nenhum homem ser impedido por outro no exercicio de seus direitos, sendo estes os mesmos para uns e para outros, e portanto livres, este estado forma o que se diz, e o que é a egualdade.

Eis-aqui verdades (no seculo XIX) de simples intuição. Mas deverão ellas — n'este mesmo seculo — applicar-se assim n'este estado de abstracção, e com todo o rigor da idéa, ás instituições, aos estabelecimentos sociaes? Uma experiencia triste e funesta nos adverte que não. O delirio, a effervescencia que ellas produzem, são sempre a origem horrorosa da mais horrorosa anarchia.

Que é pois a liberdade para homens, que não habitam os matos, que não dormem nas cavernas, que se não sustentam de fructos asperos d'uma terra inculta e selvagem?

Que é a egualdade para homens, que teem leis, que teem fórma de nação, que constituem

um corpo politico? Respondo a ambas as perguntas.—A liberdade do homem social e cidadão, é o direito que elle tem de exercer todos os direitos que lhe deu a natureza, uma vez que não offenda a tranquillidade pública e suas justas leis, nem perturbe a ordem social *rectamente* constituida. E sua egualdade consiste em ser indistinctamente amparado, protegido e castigado pela lei e por seus executores.

Tal é o homem social, tam differente do natural ou abstracto; pois que, deixando preconceitos, o Direito Natural não é mais que uma abstracção necessaria nas escholas; sendo como é, o homem dotado de uma sociabilidade, ou necessidade de viver com os outros homens, que é clara e patente a todas as luzes, e em cuja prova sería hoje ridiculo gastar duas linhas.

II

Do que se chama uma nação, e da sua majestade

Uma reunião de homens, qualquer que seja o seu número, qualquer que seja a extensão

do seu territorio, que tem leis, que tem fórma de governo, eis-aqui o que é uma nação. A necessidade de mutuos soccorros une os homens em familias, a mesma necessidade une as familias entre si, forma as cidades, constitue as nações.

A necessidade, a utilidade que todos teem, em que a maneira por que estes soccorros se prestem seja certa, determinada, constante e infallivel, esta necessidade dictou as leis, produziu as fórmas dos governos, creou os magistrados.

Assim as leis são obra da nação; o governo e os magistrados, os executores dellas em nome da nação. E em consequencia, a majestade, isto é, o poder e direito de fazer as leis, de regular os direitos dos cidadãos, de executar aquellas, de obrigar estes a conformar-lhes as suas acções; e todos quantos direitos d'este dimanam e podem provir, quaesquer que sejam os nomes que se lhes dê, qualquer que seja a maneira, as circumstancias por que se façam,—tudo aquillo que nas escholas se chama *direitos majestaticos*—, pertencem á nação, formam o seu patrimonio inalienavel, impreterivel, irrenunciavel. Pretender despojá-la de tam sagrados fóros, é commetter um crime de leza-nação, é inverter a ordem social, é ser despota, é ser tyranno.

III

Do rei e seus podêres

Todos sabem que se uma nação conserva em si toda a amplidão da majestade (embora tenha executores subalternos) esta fórma de governo se chama—Democracia—, e um tal povo—Republica—: que se ella erige um magistrado principal que, *debaixo de suas vistas e com seus conselhos*, presida á administração da justiça e seja o executor de suas leis, então se diz uma Monarchia Constitucional, e seu supremo magistrado—Rei ou Monarcha—[1]. Tal é a Inglaterra, a França, a Hespanha, Napoles; e tal foi Portugal, tal o torna a ser.

É pois, n'uma monarchia constitucional, o

[1] E as outras *fórmas* (dirá algum escholastico), a aristocracia, o governo absoluto? Não o são, direi eu, e dirá commigo todo o homem de bem: estas não são fórmas de governo, mas uma associação barbara, uma cabilda de selvagens, que usurpam o nome de cidadãos e até o de homens. Para dizer melhor: não existem, porque onde quer que uma nação se governar de tal sorte, ella não o será; os seus chamados chefes serão usurpadores, e a ella lhe resta todo o direito de clamar pelos seus fóros, de se regenerar.

rei o supremo magistrado, o executor das vontades da nação. Quaesquer outros direitos geraes que se queiram attribuir-lhe, são phantasticos. A força póde dar-lhe por algum tempo o exercicio injusto d'elles; mas a mesma força o despojará d'elles, para os entregar a seu verdadeiro e legitimo dono — a nação.

IV

Das leis fundamentaes expressas e tacitas, e da tyrannia

A nação que elegeu um de seus membros para seu chefe, ou determinou *expressamente*, e por formaes e solemnes palavras, os limites do poder que lhe concedia, a maneira por que lhe *apprazia* que as leis se executassem, e o modo por que, — admittida a successão hereditaria — deveria ésta ser regulada; e n'este caso esse povo, essa nação tem um codigo de leis fundamentaes, uma constituição, que so ella, e ninguem mais, tem direito de abolir, derogar ou abrogar: Ou no momento da nomeação do rei ou installação da

dynastia, se não declararam formalmente estes limites, estas bazes do edificio social. N'este ultimo caso, nem eu direi, nem homem nenhum de senso commum dirá, que uma tal nação não tem direitos fundamentaes. Ella os tem por certo, ainda que tacitos, mas egualmente obrigatorios, deduzidos dos principios geraes, universaes e inalteraveis da sociedade e do bem commum[1]. O rei que os infringir será tam tyranno, será tam despota, como o que ousar infringir o direito expresso e claro d'uma nação que tiver previamente formado a sua constituição.

Alem d'estas leis geraes, ou *fundamentalmente* expressas e declaradas por uma constituição, ou *fundamentalmente* intendidas pela tacita deducção das invariaveis regras da sociedade, outras ainda ha que devem sempre intender-se, posto que não sejam tam geraes, que se digam naturalmente existir com a sociedade (se ella não tem constituição) nem se julguem nullas, porque a nação as não declarou, tendo aliás feito o seu codigo politico.

Assim, por exemplo, a monarchia portugueza, que possuia uma constituição nas leis

[1] Não me conformo aqui, ou não pareço conformar-me com o famoso author da *Politica natural;* ouso porém asseverar sobre a d'elle a minha opinião.

fundamentaes das Côrtes de Lamego, não declarou n'ellas varios direitos da nação e varios limites do poder real; ou (para fallar mais exactamente e com mais verdade) não os declarou por aquelles termos que *as sciencias modernas tem adoptado*, que a philosophia e a politica usam hoje, que são muito bem requeridos e necessarios n'um livro classico destinado á publica instrucção: mas que, por faltarem ou serem outros, n'um venerando e antiquissimo codigo politico das leis fundamentaes d'uma nação, lhe não diminuem o vigor, a força, o valor, e a qualidade e principio de obrigar, não so os povos mas os soberanos, em tudo o que elles *litteralmente* expressam, e em tudo o que por *analogia*, por *identidade*, por seu *espirito* ou *sentença* se dever e podér sub-intender.

Isto posto, se um rei, ou por si ou por seus indignos ministros, infringir, esquecer, abusar ou preterir algum dos artigos d'estas leis fundamentaes, quer tacitas quer expressas, este rei será um tyranno e seus ministros sacrilegos reus do maior dos attentados, d'um crime de leza-nação; seus ministros, seus satellites, seus magistrados, seus conselheiros, seus validos serão *traidores*, infames, indignos do nome, do character, dos fóros de cidadão e até de homem.

V

Dos recursos da nação contra a tyrannia do rei ou de seus ministros

O que nas escholas se chama *pacto social*, é o contracto mutuo de ajuda e soccorro que os homens ao juntarem-se em sociedade fazem para sua segurança: a convenção porém que os cidadãos fazem com o rei é egualmente um contracto, egualmente obrigatorio, egualmente sagrado. Por elle se obrigam os cidadãos ao respeito, ao amor e á obediencia; por elle se obriga o principe á protecção, ao amor e a todos os cuidados paternaes; por elle se obriga finalmente a cumprir á risca, a observar exactamente, a não omittir um ponto d'aquellas leis que a vontade da nação expressamente estabeleceu ou tacitamente subentendeu.

Cumpridas pois pelo povo as condições d'este contracto, o rei que a ellas falta, falta á fé, ao juramento, á sanctidade d'elle, e por este impio facto desliga os cidadãos da obrigação em que se tinham constituido. A nação póde reclamar os seus direitos e usar de to-

dos os meios *justos* para se manter e restabelecer na posse d'elles.

Mas quaes são estes meios justos? As sedições, os tumultos, o desenfreamento, a soltura d'uma plebe ignorante e sempre prompta a franquear todos os limites da razão, todas as barreiras da justiça? Não por certo. Uma nação honrada, generosa, nunca os approvará; por virtude, por gloria e por dever hade detestá-los, hade evitá-los quanto lhe for possivel.

Que fará pois? Gemer, soffrer em silencio, esperar? Até certo tempo, até certo ponto, approvo e louvo. Se o mal está no seu cumulo, é fraqueza, é vileza.

Qual será pois o meio mais apto de obviar aos males presentes, prevenir os futuros e evitar os proximos? Fazer o que fizeram os Portuguezes.

Não é o povo em massa, não é a nação em tumulto, sem ordem, sem lei, que deve levantar a voz, bradar pelos seus fóros. Os inconvenientes, os funestos effeitos d'este meio são patentes ao homem menos versado na historia das nações. Não é pois a nação inteira, mas aquelles de seus membros, que por suas virtudes, por suas lettras, por seu valor e por sua posição na sociedade, podérem, sem perigo d'ella, sem preverter a ordem,

acclamar a liberdade, que o devem fazer. O esforço e a constancia devem animar seu braço, excitar sua voz: a prudencia dirigir suas acções, e a politica e a virtude alumiar todas as suas tentativas.

E se isto assim é em geral, que fará quando a nação, conhecendo bem o character bom e justo do soberano, sua alma pura e amiga do bem, seu coração amante, sabe ao mesmo tempo que da perfidia, dos embustes e da maldade dos que o cercam, dos que o illudem, lhe vem todos os males, lhe partem todas as desgraças? N'este caso, os homens probos e sãos d'um povo assim opprimido, levantarão a voz e o braço, clamarão aos seus concidadãos, para que saibam distinguir o vicio da virtude e o crime da ignorancia; clamarão ao rei para que elle veja as traições dos que o enganam, os sacrifique ao público bem, e remedeie, de mãos dadas com a nação, aos males d'ella e aos seus proprios.

VI

Applicam-se todos os principios antecedentes á nossa causa

Se eu provar agora, em primeiro logar, que a nação portugueza, tendo uma constituição

antiquissima, tinha sido altamente offendida pelo desprezo e inobservancia da mesma; se eu provar que alem da aniquilação dos principios constitucionaes, o despotismo ministerial tinha quebrado os seus mais sagrados fóros, que são os que da natureza de todas as sociedades se derivam; se eu provar que estes males estavam no maior auge, a que podiam chegar; teria egualmente provado que o governo de Portugal, até o dia 24 de agosto de 1820, era tyrannico, despotico e injusto; e que a nação tinha direito de abolir, reclamando os seus fóros, os seus direitos.

Se eu provar, em segundo logar, que os homens verdadeiramente heroicos e cidadãos, que na cidade do Porto, no mesmo eternamente sagrado e memoravel dia — 24 de agosto —, proclamaram a liberdade de Portugal, obraram em tudo segundo as regras da prudencia e da virtude; se eu provar que o conselho militar do mesmo dia, reunido com a camara, e authoridades d'esta cidade, egualmente obrou com a maior prudencia installando um governo provisorio, que accudisse ás necessidades immediatas, e fizesse convocar as Côrtes, isto é, a representação completa da nação: se eu provar isto, terei exuberantemente justificado o dia 24 de agosto.

VII

A nação portugueza estava altamente offendida pelo desprezo e inobservancia de sua antiquissima constituição

As Côrtes de Lamego, de cuja existencia ja não é possivel duvidar, formaram no berço da monarchia portugueza a constituição politica da mesma; e formaram a melhor, que as luzes d'aquelles tempos podiam ensinar. Uma das principaes declarações d'ella, é a da nossa liberdade [1]; e a mais sancta e inviolavel regra estabelecida, e conservada por tantos annos de gloria, é a representação nacional, por meio das Côrtes, necessaria para a imposição dos tributos, promulgação de leis, etc.

Desde os fins do seculo XVII, qual foi o rei portuguez que convocou Côrtes? Porque maneira se ouviu a nação nas mais urgentes, nas mais perigosas, nas mais delicadas circumstancias? Das ruinas, das cinzas d'um governo representativo se elevou o formidavel colosso da tyrannia ministerial. Os Portuguezes, declarados livres nas Côrtes de Lamego e de Lis-

[1] Accrescem as declarações das Côrtes de 1640, em Lisboa.

boa, foram escravos d'homens vís, ambiciosos, iniquos, insaciaveis. A segurança pública foi destruida; os direitos de propriedade foram atropelados. Fez-se a guerra, formaram-se pazes, contractos os mais prejudiciaes ao estado, impuzeram-se os mais sanguinarios tributos, as mais avexadoras fintas, consumiu-se a substancia pública em ridiculas pompas, que dictava o orgulho, que santificava o fanatismo: e tudo isto, sem que a nação fosse participante, sem que a nação cooperasse, (ou antes) sem que o mandasse, sem que o approvasse.

E não eram infringidas nossas leis constitucionaes? Não eram tyrannos os que assim as quebravam? E não podiamos nós reclamar nossos direitos, e castigar os infractores d'elles?

VIII

Os mais sagrados fóros de uma nação, os que se derivam da natureza da sociedade civil estavam indignamente calcados pelo despotismo ministerial.

Corramos um véo sobre a indignidade com que nos privaram da nossa representação nacional; esqueçamos um momento esta affronta

e examinemos de sangue frio (se é possivel!) como eramos governados.

Ja estabeleci, que ainda quando não haja prévias declarações, ainda quando estas sejam imperfeitas, a obrigação da parte do rei, de promover o bem público em todos os seus differentes ramos, é sempre a mesma.

O bem commum ou a felicidade de uma nação manifestamente se libra — 1.º nas leis, 2.º na execução d'ellas, 3.º na administração das finanças, 4.º na protecção e intro-inspecção da religião, 5.º na instrucção pública.

E qual era o estado da nossa legislação? Informe, incoherente, desegual, e incerta d'ha muitos annos, em breve chegaria o estado de não haver um so homem que podesse conhecê-la. Avultava muito mais o numero das excepções, que o das regras geraes; os privilegios eram infinitos, as izenções multiplicadas, e em consequencia não havia — *direito*.

Examinemos mais circumstanciadamente. — O nosso codigo civil compunha-se dos quatro primeiros livros das — *Ordenações do reino* — e d'um milhão de leis extravagantes, umas arbitrárias, outras contradictorias, outras ridiculas, e algumas indignas do sagrado nome de Lei. Muitos e muitos dos titulos da Ordenação, eram copiados do Digesto e Codigo, e copiados litteralmente, sem as devidas

modificações, sem as necessarias applicações a um clima diverso, a costumes distinctos, a diversa fórma de governo, a mui dissimilhante religião, a novo systema commercial. Outros muitos eram egualmente transcriptos ja do fuéro juzgo de Hespanha, ja do livro dos feudos, ja do barbaro, e as mais das vezes ridiculo, direito do Decreto e Decretaes.

Boas determinações, optimas leis encerram as nossas Ordenações; mas o vicio da ordem e do systema, alem dos immensos de legislação, é bem conhecido de todo o homem que as conhece.

Que direi das leis chamadas extravagantes? Exceptuadas algumas do Senhor D. José, da Senhora D. Maria, o resto é barbaro e informe: e quando per si o não fossem muitas, o não fossem todas, basta o prodigioso numero a que tem subido, para as tornar um codigo supplementar bem indigno de uma nação culta e lettrada.

Mas, entrando mais no fundo da questão, que deffeitos não encerra, que lacuna não tem a jurisprudencia patria nos artigos — Morgados, emphiteusis, capellas — por não fallar em tantos outros? Que incerteza nas opiniões do fôro, onde as não deve haver, mas onde a falta de lei as faz necessarias? Que vergonha não são os *Romanismos*, as

chicanas, as puerilidades do mesmo fôro? Todos o sabem, todos o choram, e ninguem o remedeava!

A jurisprudencia criminal... oh! aqui é que o homem honrado, o homem que é homem não póde fitar os olhos sem horror, sem abominação, sem desprezo e sem lagrymas! Que espantosa desproporção entre a pena e o delicto? Que rios de sangue não correm de cada pagina? Não se lêem duas linhas, que o fatal —*morra por elle*— não venha excitar a indignação do homem de bem: os castigos de fogo, as punições das heresias, dos feitiços!... oh! natureza que horrores accumulados!

Mas o que certamente espantará mais, a quem não tiver versado tam enfadonhas materias, é que em todos os longos volumes, de que se compõe o nosso codigo civil e criminal, não ha certamente uma duzia de suas leis, que sejam *plenamente* executadas. A execução da justiça tornou-se arbitrária a um tal ponto, que as opiniões dos chamados *doutores* são preferidas ás leis expressas, as romanas ás patrias, a chicana e a intriga á razão e senso commum. Os magistrados —meros orgãos da lei— tornaram-se não so interpretes d'ella, mas legisladores; e os subornos se fizeram mais frequentes nos nossos tribunaes que na propria curia de Roma.

te, livres de impostos; emquanto as que faziamos, ou nos portos do reino ou nos do Brazil se achavam gravadissimas.

Tal e tam viciosa era a distribuição dos nossos impostos; mas certamente bem tenue era este mal se o compararmos com o da exorbitancia d'elles, com o excesso que vai da somma dos tributos, á das públicas despezas. Longa fôra esta materia; exigiria de si um tractado, exigiria a pausa e o vagar, que as circumstancias actuaes, e a brevidade d'este opusculo não permittem. Mas quanto este excesso era grande, quanto o roubo público era palpavel e exorbitante, todos o sabem, todos o conhecem.

Qual sería porém o espanto d'um bom ecónomo-politico, a quem, — depois de ter observado receita e despeza, — se dissesse que, apezar de tudo, a nação estava empenhada com os seus e com os estranhos; que as tropas que a libertaram pediam esmola; que os empregados públicos, que tinham honra e limpeza de mãos, curtiam fomes, e que das instituições, todos os edificios públicos ou cahiam a pedaços ou estavam desamparados! Pois este era o nosso estado; pois este era o excesso horroroso, e quasi incrivel, a que tinha chegado o roubo dos ministros e de seus subalternos.

X

Da protecção e intro-inspecção da religião, da instrucção pública, e da corrupção da moral que d'aqui provinha

A religião (disse Filangieri) é o supplemento ao codigo criminal de uma nação; é o vinculo mais sagrado que une os homens na sociedade, o juiz mais severo, que, sem tribunaes, sem apparato forense, os accusa e castiga, e ao mesmo tempo, com a maior das penas, com o mais cruel dos tormentos — o remorso.

Todos sabem que as obrigações e direitos do principe a respeito da religião e seus ministros, são as que se chamam de *inspecção* e *protecção* — um que evita os males, que a ella ou seus ministros possam provir, outro que prohibe os que os seus ministros possam fazer na sociedade, sob côr e pretexto de religião.

E qual d'estes direitos se exercita ha muitos annos em Portugal? Não se protege a religião, porque o escandalo nos costumes de seus ministros cresce cada vez mais; porque attribuindo-se ao Evangelho — que prégou o

mais pacifico, o mais indulgente dos homens — maximas intolerantes, se lhe ergueram altares de fogo, se lhe immolaram humanas victimas; porque... Não; eu não mancharei a minha penna com taes horrores! Prouvéra aos céus que até sua lembrança se apagasse da memorias dos homens.

E *inspeccionou-se* acaso sobre os ministros do altar? Tem-se diminuido as extorsões, tem-se feito callar os falsos dogmas, que semeiavam a sizania e a discordia entre os povos, entre as familias? Oh! Religião Sancta, oh! presente consolador que o Céu fez ás nossas calamidades! Obra de um Deus, pura como elle, que opprobrios, que calumnias te accumularam! De que horriveis desgraças não tens sido a innocente causa ou antes o pretexto?!

Apar com a religião, a instrucção publica foi desprezada, as lettras menoscabadas, e o homem de talento e o sabio calcado, e apesinhado pelo estupido e ignorante.

A mocidade não tinha mestres, a impostura e o abuso inventavam por esta causa, o mais ridiculo abuso em que póde cahir uma nação: esta foi a educação em paizes estrangeiros. Ignorando a sua lingua, os seus costumes, as suas leis, os seus direitos, a sua historia, a sua religião, um mancebo portuguez, enfronhado em inglez, voltava á sua patria ridiculamente

affectado, e não possuindo outro cabedal de instrucção, mais que o de papaguear algumas palavras d'um idioma, cujo espirito, cujos idiotismos, cuja indole certamente não intende.

Passarei em silencio a miseravel decadencia da Universidade de Coimbra; a ignorancia de um grande numero de seus mestres, a pedanteria d'elles, o espirito de partido que impede os progressos das sciencias, e mil outras vergonhosas miserias que soffre um tam antigo e respeitavel corpo litterario.

A corrupção dos costumes é o effeito necessario d'estes vicios moraes.

Nenhum homem de bem que tenha vivido em publico, ignora o excesso horrivel, a que tem chegado a devassidão entre nós; os latrocinios, as mortes, a falta de fé no commercio, a impiedade, a irreligião, a deshonestidade, tudo subiu a um auge, que espanta, que horrorisa. O culto exterior cresceu em pompa, mas o interior — sem o qual fica inutil o primeiro — este culto, em espirito e verdade o fundamento da justiça, que se não vê, mas que bem se conhece pelas acções virtuosas que d'elle dimanam, este culto porque não satisfaz a vaidade dos homens, estava.... tremo, mas não duvido asseverá-lo... sim estava quasi extincto.

XI

Consequencia necessaria

De tudo o que tenho exposto, que é innegavel, devemos necessariamente concluir—*que o governo de Portugal até o dia 24 de agosto era tyrannico, despotico e injusto;* e em consequencia, que a nação portugueza, desligada, pela falta de cumprimento, pelo desprezo das condicções de seu contracto, do vinculo, da obrigação, tinha todo o direito de abolir um tal governo, de clamar pela sua liberdade, e restaurá-la.

Isto incontrastavelmente estabelecido, que resta a examinar para a justificação do memoravel dia vinte e quatro de agosto?

Duas coisas: primeira, se a nação se portou com aquella prudencia, com aquella generosidade, com aquella paz, que são a alma e o penhor da pública felicidade, e que são a characteristica d'uma boa revolução [1]. Segunda, se o conselho militar, com o senado da camara, assistencia do povo e authoridades,

[1] Vide art. V.

legitimamente podia eleger e installar a *Junta provisoria do governo supremo do reino* [1].

Manifestada, como alta e publicamente estava, a vontade da nação e o seu descontentamento; temido, como todos os dias se temia, um rompimento anarchico, — cuja horrorosa explosão assaz e sobejamente sabemos quantos e quam grandes males traz comsigo —, cumpria, não digo bem, era do dever e obrigação d'aquelles cidadãos que, por suas virtudes, por suas lettras, por *sua posição na sociedade*, podiam salvar a patria das desgraças e oppressão da tyrannia, evitando ao mesmo tempo as calamidades anarchicas, era de seu dever fazê-lo e com toda a legitimidade.

E por quem, no estado actual de Portugal, devia começar o grito da liberdade? Todo o homem de senso commum, todo o homem amigo da paz responderá que pela força armada. Qualquer outra classe do estado, que o intentasse, por mais dirigida, por mais illustrada que fosse, não evitaria os tumultos, não obviaria ás desordens.

Estes argumentos são theoricamente deduzidos; um so — colhido dos factos e experiencia — basta por todos elles.

Que viu a França nos fins do seculo XVIII?

[1] Vide — Auto de Vereação extraordinaria de 24 de agosto.

Que viu a Inglaterra nos principios d'esse mesmo seculo e fins do antecedente? Que viram mil outras nações em eguaes circumstancias? Desgraças, barbaridades, horrores, com que ainda hoje chóra a natureza, de que ainda se envergonha a humanidade.

Pelo contrario, que viram os nossos honrados vizinhos, os Hespanhoes? E que viu Napoles? A tranquillidade, a paz, o socego publico: em quanto na massa do estado se operava a maior revolução, uma mudança absoluta de governo, de systema, de tudo. E qual será a razão da differença? Todos a colhem, todos a palpam. A força armada evitou os tumultos, suppeou as desordens, e os altares da Liberdade não foram manchados com o sangue das victimas.

Provado pois que o conselho militar obrou com a maior prudencia, está provado que elle obrou com a maior legitimidade. Respondamos á segunda questão.

Alguns homens, a quem me envergonho de dar este nome, mas a quem certamente nunca darei o de Portuguez, ousaram duvidar da legitimidade com que a Junta do Governo Supremo foi instalada. Não por que taes vozes, filhas da ignorancia, do fanatismo e da vileza, mereçam resposta ou attenção, mas porque é do meu dever, provarei o contrário.

Quem deviam ser considerados no estado em que se achava o Systema Nacional (visto que era do bem commum não innovar por ora nada d'elle) — quem deviam — *rebus sic stantibus* — ser considerados os representantes d'aquella parte da nação que se achava livre? O Senado da Camara. Por elle foi *canonicamente firmada a eleição, sem perturbação alguma e a apprazimento reciproco*[1]. Que mais póde faltar para a sua legitimidade? Existentes por'ora as differentes classes — de clero, nobreza e povo, de cada uma d'ellas não foram eleitos vogaes?

A não ser assim, como, por que maneira e por quem se faria a convocação das Côrtes?

Pelo clero? É por sua profissão, por suas leis, e pelas da Sociedade mesmas, apartado de todo o *strepito* das politicas contendas, de pegar em armas, etc. Era por seus preconceitos e interesses (fallo em geral) inhibido d'isso mesmo. E que confiança teria a nação n'uma reforma politica e civil, forjada e começada pelo clero? Ja la vão as cruzadas, os seculos de Gregorio VII e Xisto V: — o remedio sería peior que o mal.

Pela nobreza? Quem sabe os inconvenien-

[1] Auto da Camara geral de 24 de agosto.

tes e horrores aristocraticos, conhece o perigo d'este methodo.

Pelo povo? Mais ao longo expendemos ja os perigos d'estas insurreições populares, e a historia do mundo os fornece a cada passo e em todas as nações.

Ésta exclusão de partes naturalmente nos leva *á força armada*, que justamente e com toda a legitimidade fez e protegeu a feliz revolução do dia vinte e quatro de agosto.

De proposito não explano nenhum d'estes pontos, que tóco e suscito. Nacionaes e estrangeiros, que estiverem de boa fé, de sobejo conhecem a verdade de todas as minhas asserções: para esses somente escrevo. Para os outros, não ha senão um meio de persuasão; um orador bem conhecido o appontou da cadeira da verdade. [1] «Ou séde Portuguezes, ou expatriae-vos».

[1] O sr. José de Sá, no sermão de acção de graças, prégado no dia 27 de agosto de 1820, na cidade do Porto.

ORAÇÃO FUNEBRE

DE

MANUEL FERNANDES THOMAZ

PELO SOCIO

J. BAPTISTA DA SILVA LEITÃO D'ALMEIDA GARRETT

LIDA A 27 DE NOVEMBRO DE 1822

EM

SESSÃO EXTRAORDINARIA

DA

SOCIEDADE LITTERARIA PATRIOTICA

Senhores: — Venho hoje pronunciar um grande nome; mas tam grande como elle, será a dôr de proferi-lo: maior nome, não o pronunciou bocca de homem; maior mágoa não a sentiu coração vivente. Manuel Fernandes Thomaz... — morreu —. Quereis maior nome que este? Quereis maior dôr que a nossa? não, Senhores, não ha hi portuguez honrado, que não clame affouto — não —; e, se algum ha, portuguez não é esse.

Se medisse o meu dever pela bitola de minhas fôrças; se regulasse o desempenho das funcções d'este logar pelas qualidades dos que me ouvem; não restaria (pronunciado tal nome) ao complemento do meu officio, senão derramar lagrymas, e prantear comvosco:

mas urge o dever forçoso; e comquanto se acanhe o orador na mesquinhez das suas fôrças, sobeja a vastidão do assumpto para dar largas ao mais limitado espirito, e desenvolver o mais curto ingenho. Penso no meu objecto, e em vez de me appoucar á face de sua grandeza, sinto elevar-me até elle; vejo que me espraio pela immensidão do seu infinito.

Mas não penseis que vou enfeitar-me de flores oratorias; não julgueis que vou servir-me dos atavios emprestados da arte: são postiços esses enfeites; são estranhos esses atavios; são as brilhantes roupas com que a mão da eloquencia servil adorna o esqueleto da ambição, e lhe encóbre o asqueroso dos vermes com a tunica da pompa: mas vem a mão dos seculos (e essa, não a compra o ouro, nem a desvairam honras) rasga-lhe as roupas mal seguras, e então apparece o horror do sepulchro, e o nada de uma cinza mesquinha, que não legou uma pagina á historia das idades, nem deixou uma lettra no pequeno livro dos homens de bem.

Não, Senhores, a eloquencia do homem livre é a linguagem do coração: desconhece ornatos, ignora enfeites; é simples como a natureza; singella como a sua simplicidade.

Vêde esses edificios, que nos deixaram avoengos servis: olhai essas grympas ergui-

das por mãos de escravos; examinai os recortados florões d'essa architectura chamada Gothica: vêdes curtas linhas; observais acanhados traços; tudo respira a mesquinhez do engenho encoberta com os enfeites da arte. Voltai agora para os grandes monumentos dos povos livres: que differença! deparais com altivas columnas, com esbeltos porticos, com donairosos remates: mas tudo simples, tudo singelo. Que altiva que é a liberdade, Senhores! não desce a pequenas coisas; firma o compasso no ponto da grandeza, e descreve o circulo da eternidade em deredor das suas obras.

Não são as pompas do discurso, não são os atavios do ornato funebre os que honram a memoria dos desapparecidos da terra.—Breve murcham as flores que espargiu sobre a campa a escassa mão de uma dôr fingida—sem enfeites, e sem arte corram singelas as lagrymas do amigo; rebentem verdadeiros os soluços de um coração magoado, e então dizei affoutos que a morte d'esse homem foi sentida.

Deixai que assalariadas dextras levantem mausuleos; deixai-as que ergam obeliscos; que amontoem pyramides: a solidez d'esses tumulos, o gigantesco desses colossos não servem senão para encher o vazio immenso, que deixára o coração do homem entre a dôr

e a verdade. Essas massas enormes, que topetam com as nuvens, e que levam da terra aos astros, o sentimento penoso da aniquilação, são o acouto de fingidas penas; são a exageração do orgulho encubrindo mentirosas mágoas.

Tal é, Senhores, a vaidade do mundo, tal é a mentira dos homens; tal é a sorte do infeliz, que no fim do penoso caminho da existencia não viu os olhos do seu amigo fitá-lo na extremidade da vida: chegou ás bordas do sepulchro, e não sentiu uma lagryma que lhe amolgasse a dureza da campa: entrou no jazigo e não escutou um suspiro que lhe quebrasse o silencio eterno da morada dos mortos: o pae, o filho, o esposo, estas classes previlegiadas pela natureza e pelo sentimento, la viram um vislumbre de magoa; mas foi ella sincera? Homens que conheceis os homens, ouzai asseverar-m'o.

Vinde povos da terra, accudi nações do mundo: quereis conhecer a dôr, quereis ver o sentimento nú como a verdade, sincero como a natureza? Voltai os olhos sobre os poucos Portuguezes; fitai-os n'estes ainda mais poucos, que o amor da patria e das letras reuniu neste logar.

Entre mal compostas paredes, escassas alfaias, não muitos homens; mas vêde-lhe o

semblante, mas lêde-lhe o coração — immoveis como um sepulcho, o silencio nos labios e a dôr no seio, so vem alguns suspiros cortar-lhe a mudez do luto, so o correr das lagrymas altera a immobilidade do seu abatimento: ahi tendes o que é magoa, vêde ahi o que é sentir irreparaveis perdas.

E quem chorâmos nós: quem lamentam os Portuguezes? um cidadão extremado; um homem unico; um benemerito da patria; um libertador d'um povo escravo: Manuel Fernandes Thomaz. Que nome, Senhores, que nome nos fastos da liberdade! que pregão ás idades futuras! que brado ás gerações que hão de vir! este nome será so por si a historia de muitos seculos, este nome encerra em compendio milhões de males arredados de um grande povo: bens incontaveis accarretados sobre elle.

Ah! Senhores, extazio-me, e perco o fio de um discurso, que quizera regularisar, mas que o excesso do enthusiasmo me não deixa seguir senão em desalinho: estas vozes rompem do coração, e por mais que se esforça o espirito pelas ordenar, mal podem forças do entendimento onde o peito se espande sem regra: porei animo todavia em ser mais methodico nos louvores do grande homem, a quem por ventura minha me cabe hoje elo-

giar, e que por desventura nossa tambem nos cabe chorar hoje.

Dois são os elementos do homem de bem: natureza, e a sociedade: por aquella é homem; por esta é cidadão: em ambos elles o heide considerar; e em ambos vereis quanto merece os nossos elogios e as nossas lagrymas.

Nascido com mediocre fortuna, de honestos mas não abastados paes, Fernandes Thomaz viu a luz do dia em 30 de julho de 1771 na villa da Figueira. Educado na moral e na virtude, seus principios foram os do homem honrado, e a sua infancia e puberdade os annuncios d'um grande genio: no decurso da idade todas as virtudes naturaes e domesticas o adornaram: bom filho, bom espozo, bom pai e bom amigo tal o viram sempre; tal se conservou inalteravel: modesto comsigo, desinteressado e franco, assim viveu e assim é morto: girai no circulo de suas relações, e apontai-me uma voz que não bem diga a sua memoria; mostrai-me olhos que o vissem, e dizei-me se a aridez da indifferença lhos deixou seccos.

Argumento unico da existencia de um Deos, virtudes do coração humano — solitario presente dos céus á terra amargurada — qual de vós não excitou, não dirigiu os movimentos

todos d'aquelle peito? Compendio de todas ellas — character e humanidade — vosso throno inhabalavel não o assentou a constancia, não o conservou sempre dentro de tão grande alma?

Como homem, honrou a natureza: como cidadão, a patria que o diga: eu fallarei por ella. Entrado, depois de distinctos estudos, na carreira da magistratura, desempenhados (admiravel e quasi incrivel feito!) seus difficeis encargos com a pontualidade d'um juiz-cidadão, o patriotismo de Fernandes Thomaz não estava satisfeito ainda com a simples pratica das virtudes civicas passivas: cabia maior esforço em coração tamanho, e maior tarefa era dada a braço tão valente: olhou para a sua patría e gemeu sobre ella: a sua alma era livre, mas os seus pulsos tinham ferros; e esses ferros eram um pequeno elo do grilhão immenso que pesava sobre a patria.

Não foi só dado a Grecia e Roma ter Brutos e Thrasybulos, produzir Codros e Fabios; o pequeno Portugal tambem tem quem o liberte; tambem sabe gerar quem se vote pela sua salvação, — Fernandes Thomaz concebeu o grande projecto: concebeu-o e começou a executá-lo. Ei-lo que ajunta fleis amigos e vai em silencio, tecendo o fio luminoso que o hade guiar no labyrintho difficil d'uma revo-

lução tam necessaria, quanto arriscada. Vós sabeis quanto fez, para que é repeti-lo? Foi aqui, n'esta mesma cidade que, para sentar as bazes d'uma acção tão arrojada, veiu elle mesmo pôr-se ás bordas do precipicio para lhe medir toda a profundidade: nem com maior perigo, nem com mais animo examinava Plinio a torrente do Vesuvio que o consumiu. O Philosopho Portuguez ia a ser victima do seu amor da patria, como o fôra o Romano do amor da sciencia: a amizade o salvou e os céus o guardaram para nossa ventura.

Raiou o grande dia 24 de agosto, o primeiro da liberdade Portugueza; infatigavel não descançou desde então: havia entrado na arêna, não voltava sem ter prostrado o grande inimigo com quem travára: este inimigo vós o conheceis, e bem mal que todos o conhecemos! era o Despotismo: aterrou-o, venceu-o. Portugal tornou a ver as suas côrtes, e a nação teve quem a representasse: toda a Europa admirou com respeito um congresso illustrado, e no meio d'elle o campião da liberdade, o patriarcha da regeneração portugueza: vêde-o como alça denodado o trovão da sua voz energica para fulminar antigos abusos, e destruir arraigados vicios: a sua eloquencia despida de pompas não respira senão verdade: severa, e descarnada so põe mira na utili-

dade commum, e no bem da patria: vem-lhe do coração franco aos labios sinceros, por natural impulso de indefesso zêlo: no estirado curso de comprida legislatura sempre o mesmo, sempre incansavel, debalde a molestia lhe abate as forças; o animo é sempre egual; nem ha poder que o mingue, nem doença que o desfalque.

Ja com passos arrastados na derradeira das sessões legislativas, ainda vai animá-la com a sua presença, e pelejar ainda na extremidade do circo: a causa da liberdade está-lhe sobre o coração; e aquelle coração é todo d'ella: com a morte vizinha ainda ergue o canto do Cysne; ainda peróra pelos interesses da sua patria: esta patria que lhe tem custado tanto, esta patria que é todo o seu disvelo, elle hade deixá-la em breve... Ah!... pouco restava aos Portuguezes, da carreira de uma existencia tam preciosa e tam necessaria! A maxima columna de seu edificio social vacillava em sua baze, mas valente ainda em sua ruina, ella o sustentava com forças d'Atlante.

Guiei-vos, Senhores, com prazer pela vida do nosso libertador; satisfeito retrilhei comvosco as suas pizadas pelo caminho de sua existencia; não encontrámos vestigios de seus pés senão na vereda da virtude, nem signal da sua passagem senão na estrada da justiça;

não vimos acções suas senão na carreira da glória: por tam consolador assumpto a minha alma se expraiou de gosto; velozes me corriam as palavras depoz o coração que as dictava; nem havia mister estudá-las, quando espontaneas me vinham aos labios: mais difficil começa agora o meu empenho; mais amargo o meu officio; vou renovar crueis memorias, abrir chagas que ainda sangram; vou cravar ferros novos em peitos apunhalados de fresco.

Sobre o leito da morte... perdoai-me estas lagrymas... perdoai-m'as!... não; engrossai-as com as vossas; sobre o leito da morte, cuberto de angustias, retalhado de dores, o coração eivado de amargura, eis-ahi onde vamos conhecê-lo, eis-ahi onde veremos o homem, o cidadão e o justo.

Corria ja longo o azado periodo de assustadora molestia: aos amigos que o cercavam havia desapparecido a esperança, e quasi se escondia ja aos olhos inturvados do enfermo: a sua constancia é inabalavel; a sua intrepidez a da ousadia honrada, dizei-o vós, homens sensiveis, que lhe assististes em seus ultimos momentos, vós, a quem honra e louvor pelo desempenho fiel dos sanctos deveres de homem e de amigo, vós o dizei: vistes acaso que o mais ligeiro movimento do des-

espero lhe enrugasse a frente; lhe desvairasse os olhos, quando fugida a esperança, quando perdido o futuro, medindo o curto espaço, que lhe restava de uma triste vida, viu a morte... e so ella? não por certo: pallidos sustos, negros horrores, espinhosos remorsos, herança do impio e do vicioso, cercai-o em quanto braceja com a morte, fazei-lhe ala no momento da despedida. O justo não vos teme; recorda sem vergonha, lembra-se sem medo das acções da sua vida; a consciencia da virtude, não receia que a sua memoria seja praguejada, nem malditto o seu nome: os amigos, e a patria... que dolorosa saudade! mas sómente saudade: e este sentimento, penoso sim, mas não amargo, é o unico do homem de bem nos derradeiros instantes da existencia.

A sua memoria e o seu nome.... Oh! que memoria e que nome! gerações que heis de vir depoz nós, a historia vo-lo não hade levar com manchas de ambição, nem com as nodoas de pessoal interesse: Fernandes Thomaz morreu pobre: morreu pobre....Que exemplo de gloria a muitos! Que exemplo de vergonha a tantos! — Oh! seja emulação a todos: morreu pobre! pela terceira vez o repitto; e os filhos do varão illustre teriam de esmolar ás portas, se homens que desempe-

nham este nome, não prevessem seu estabelecimento: Portugal todo terá a satisfação de sustentar os filhos do seu libertador, e de pagar á viuva e orphãos escassos juros de uma divida incalculavel.

Alfim chegou a hora: os seculos que a ouviram soar, marcaram este ponto no circulo das edades: Manuel Fernandes Thomaz expira: seu cadaver ungido e embalsamado será conservado como reliquia preciosa de liberdade e de gloria, e a voracidade do sepulchro respeitará aquelles ossos honrados. Notai, Senhores, de passagem um contraste bem digno de reparo: ungem-se os despotas ao subir a erguidos thronos de oiro; unge-se o homem livre ao descer ao humilde cofre de chumbo; mas a uncção d'aquelle é veneno de morte que se espargirá sobre um povo desgraçado; mas a uncção d'este, é cheiro suave de virtude que se exhalará por compridas gerações, e lhes recordará insoluveis beneficios: o perfume do despota morre com elle, e se converte em cheiro de podridão; o do libertador respira de seu tumulo com aromas de salutar fragrancia.

Aqui fenece o meu discurso; eu o remato como hei começado: Manuel Fernandes Thomaz morreu: derramemos lagrymas de gratidão e de saudade: este é o verdadeiro elogio

funebre dos grandes homens; estas lagrymas são as honras do seu funeral, são as pompas do seu enterramento: ellas terão lugar na historia, ellas serão o Epitaphio eloquente que mostrará aos vindouros o jazigo das suas cinzas gloriosas: molhai com essas lagrymas a penna da verdade, e escrevei-lhe sobre a lapide sepulchral — AQUI JAZ O LIBERTADOR DOS PORTUGUEZES: SALVOU A PATRIA, E MORREU POBRE.

BOSQUEJO

DA

HISTORIA DA POESIA E LINGUA PORTUGUEZA

O Bosquejo da Historia da Poesia e Lingua Portugueza, foi publicado pela primeira vez em París, no principio, como introducção, do primeiro volume do Parnaso Lusitano: collecção de que o sr. V. de Almeida-Garrett não quiz para si as honras de author, pelo que se vê da seguinte nota que vem no seu livro — Da Educação.

NOTA DO EDITOR.

Ja em outra parte protestei que nada meu tinha no *Parnaso Lusitano,* que publicou o sr. Aillaud, livreiro em París, senão o resummo da historia litteraria de Portugal que vem no principio do primeiro tomo d'aquella collecção. É certo que arranjei o systema e plano da obra, que escolhi os authores e as peças; mas ausentando-me de París antes de completa a impressão do primeiro volume, um homem por nome Fonseca, a quem de minha algibeira paguei para rever as próvas, tomou a liberdade de alterar tudo, introduzindo na collecção producções ridiculas de gente desconhecida, e que eu nunca víra, ommittindo muitas das que eu escolhêra, enxovalhando tudo com pueris e indecentes notas, errando

5

vergonhosamente até o indice de matérias que eu preparára para cada volume, e introduzindo uma orthographia gallega que faz rir a gente, e que está em contradicção com as regras que eu na prefação estabelecêra.— Repitto ésta declaração para que me não attribuam as grossas tolices e grossas má-criações que emporcalham aquella obra, que tam bella podia ser.

Julgo haver prestado algum serviço á litteratura nacional em offerecer aos estudiosos de sua lingua e poesia um rapido bosquejo da historia de ambas. Quem sabe que tive de encetar materia nova, que portuguez nenhum d'ella escreveu, e os dous estrangeiros Bouterweck e Sismondi incorrectissimamente e de tal modo, que mais confundem do que ajudam a conceber e ajuizar da historia litteraria de Portugal, — avaliará decerto o grande e quasi indizivel trabalho que me custou esse ensaio. Não quero dá-lo por cabal e perfeito; mas é o primeiro, não podia sê-lo. Além de que, a maior parte das idéas vão apenas tocadas, porque não havia espaço em obra de taes limites para lhe dar o necessario desenvolvimento.

I

Origem de nossa lingua e poesia

A LINGUA e a poesia portugueza (bem como as outras todas) nasceram gemeas, e se criaram ao mesmo tempo. Erro é commum, e geral mesmo entre nacionaes, pela maior parte pouco versados em nossas cousas, o pensar que a lingua portugueza é um dialecto da castelhana, ou hespanhola segundo hoje inexactamente se diz.

Das variadas combinações das primitivas linguagens das Hespanhas com o Grego, o Latim, e com os barbaros idiomas dos invasores do norte, e emfim com o Arabigo, nasceram em diversas partes da Peninsula diversissimas linguas que nem dialectos se podem chamar geralmente, porque, além de não haver uma commum, de muitos d'elles é tam distincta a indole e tam opposta que se lhes não colhe similhança.

Ninguem ignora hoje que o Proençal foi a

primeira que entre as linguas modernas se cultivou, mas que por sua breve dura não chegou nunca á perfeição. Das nações da Hespanha, as mais vizinhas áquelle crepusculo de civilização primeiro melhoraram sua linguagem: mas tambem lhes coube igual sorte; nunca de todo se puliram. O Castelhano e Portuguez, que mais tarde se cultivaram, permaneceram pelo sabido motivo da conservação da independencia nacional, e vieram a completo estado de perfeição e character cabal de linguas cultas e civilizadas. O Biscainho, Catalão, Gallego, Aragonez, Castelhano, Portuguez e outras mais, foram e são ainda alguns distinctos idiomas: porém so os dous ultimos tiveram litteratura propria e perfeita, linguagem commum e scientifica, tudo emfim quanto constitue e caracteriza (se é licita a expressão) a *independencia* de uma lingua.

Grande similhança ha entre o Portuguez e Castelhano; nem podia ser menos, quando suas capitaes origens são as mesmas e communs: porém tam parecidas como são, pelas raizes de derivação; no modo, no systhema d'essas mesmas derivações, na combinação e amalgama de identicas substancias e principios se vê todavia, que diversos agentes entraram, e que mui variado foi o resultado que a cada uma proveio. Filhas dos mesmos paes,

diversamente educadas, distinctas feições, vario genio, porte e ademan tiveram: ha comtudo nas feições de ambas aquelle *ar de familia* que á prima vista se colhe.

Este ar de familia enganou os estrangeiros, que sem mais profundar, decidiram logo, que o Portuguez não era lingua propria. Esse achaque de decidir afoitamente de tudo, é velho; sobre tudo entre francezes, que são o povo do mundo entre o qual (por philaucia de certo) menos conhecimento ha das alheias cousas.

Sem duvida é que a lingua portugueza começou com seus trovadores, unicos no meio do estrepito das armas que algum tal qual cultivo lhe podiam dar; e provavel é que assim fosse com pouco melhoramento até os tempos d'el-rei D. Diniz, que no remanso da paz do seu reinado protegeu e animou as lettras, que elle proprio cultivou tambem.

II

Primeira epocha litteraria; fins do XIII até os principios do XVI sec.

D. João I o eleito do povo, e o mais racional de todos os nossos reis, deu ao idioma patrio valente impulso, mandando usar d'elle

em todos os actos e instrumentos publicos, que até então se faziam em Latim. Foi esta lei, carta de alforria e de cidade para a lingua que atélli vivêra escrava da dominação latina, a qual sobrevivêra não so ao imperio romano, mas a tantas conquistas e reconquistas de tam desvairados povos.

Aqui se deve pôr a data da verdadeira aurora das lettras em Portugal, que por singular phenomeno pouco visto entre outros povos, raiou ao mesmo tempo com a das sciencias; por maneira que quando o romantico alaúde de nossas musas começava a dar mais afinados sons, e a subir mais alto que o atélli conhecido, as sciencias e as artes cresciam a ponto de espantar a Europa, mudar a face do mundo, e alterar o systhema do universo.

Desde então até á morte d'el-rei D. Manuel, tudo foi crescer em Portugal; artes, sciencias, commercio, riqueza, virtudes, espirito nacional.

Muitas foram as producções de nossa litteratura n'aquelle seculo de glória em que Gil-Vicente abriu os fundamentos ao theatro das linguas vivas; Bernardim Ribeiro puliu e adereçou com alguns mimos da antiguidade o genero inculto dos romances [1], e seguiu (quasi

[1] Não no sentido de *novellas*, mas no que então se lhe dava.

o segundo) o caminho encetado pelo nosso Vasco de Lobeira nas composições romanescas; e ao cabo mostrou aos rusticos pastores do Tejo alguns dos suaves modos da frauta de Sicilia, que nenhuma lingua viva até então ouvíra soar.

A natural suavidade do idioma portuguez, a melancholia saudosa de seus numeros nos levaram á cultura d'este genero pastoril, em que raro poeta nosso deixou de escrever, quasi todos bem, porque a lingua os ajudava; nenhum perfeitamente, porque (inda mal) deram ás cegas em imitar Sannazaro, depois Boscan e Garcilasso, e copiaram pouco do *vivo* da natureza, que tam bella, tam ricca, tam variada se lhes presentava por todas as quatro partes de que em breve constou o mundo portuguez, e das quaes todas ou assumpto ou logar de scena tiraram nossos bucolicos. Nem d'este geral defeito [1] (o maximo que por ventura se lhes nota) póde fazer-se excepção, senão fôr alguma rara em favor de Camões e de Rodrigues Lobo. O Tejo, o Mondego, os montes, os sitios conhecidos de nosso paiz e dos que nos deu a conquista, figuram em seus poemas; porém raro se vê descripção que recor-

[1] Commum tambem nos outros generos de poesia, onde quer que entra o descriptivo.

de alguns d'esses sitios que ja vimos, que nos lembre os costumes, as usanças, os preconceitos mesmos populares; que d'ahi vem á poesia o aspecto e feições nacionaes, que são sua maior belleza.

Bernardim Ribeiro foi um tanto mais original em sua simplicidade, o que lhe falta de sublime e culto sobeja-lhe em brandura, e n'uma ingenua ternura que faz suspirar de saudade, d'aquella saudade cujo poeta foi, cujos suaves tormentos tam longo padeceu, e tam bem pintou.

Foi seu contemporaneo Gil-Vicente, fundador do theatro moderno, de cujas obras imitaram os Castelhanos; e d'ellas se espalhou pela Europa o mau e o bom d'essa irregular e caprichosa scena, que ainda assim suas bellezas tem.

O proprio Gil-Vicente não deixa de ter seu comico sal, e entre muita extravagancia muita cousa boa. Bouterweck e Sismondi parece que escolheram o peior para citar; muito melhores cousas tem, particularmente nos autos, superiores sem comparação ás comedias. A soltura da phrase, e a falta de gôsto são os defeitos do seculo: o ingenho que d'ahi transparece é do homem grande e de todas epochas [1].

[1] Reservo-me para uma edição que pretendo publicar do nosso Plauto, fructo de longo e penoso trabalho, para examinar melhor este ponto, e demonstrar o que aqui enuncio.

III

Segunda epocha litteraria; idade de ouro da poesia e da lingua desde os principios do XVI até os do XVII sec.

Com a morte d'el-rei D. Manuel declinou visivelmente a fortuna portugueza: certo é que as artes progrediram, que a lingua se aperfeiçoou; porém esse movimento era continuado ainda do impulso anterior e ja não promettia longa dura. Assim succedeu. D. João III colheu os fructos do que D. Manuel havia semeado; mas de lavras suas, nem elle, nem seus successores viram colheita.

Uma cousa todavia que muita influencia teve sobre a lingua e litteratura portugueza e que a instituições de D. João III se deve, foi o cultivo das linguas classicas, que na reformação da universidade de Coimbra augmentou muito. Os modelos gregos e romanos foram então versados de todas as mãos, estudados, traduzidos, imitados. Aperfeiçoou-se a lingua, enriqueceu-se, adquiriu aquella solemnidade classica que a distingue de todas

as outras vivas, seus periodos se arredondaram ao modo latino, suas vozes tomaram muito da euphonia grega; d'um e d'outro d'esses idiomas lhe vieram as muitas figuras, e principalmente da grega os muitos hyperbatos: com o que vai ricca, livre e majestosa por todas as provincias da litteratura, que tem decorrido; não havendo ali genero de composição, para o qual, ou por doce de mais como o Toscano, não seja propria, — ou por mui aspera e guindada como o Castelhano, se não adapte, — por curta como o Francez, não chegue — por inflexivel e rispida como o Alemão e Inglez, se não amolde.

Claro é que a historia, a oratoria, todas as artes do discurso deviam de florescer com tal augmento. Com ellas todas, medrou e cresceu a poesia na delicadeza, na harmonia, no gôsto; porêm desmereceu muito, demasiado na originalidade, no character proprio, que perdeu quasi todo, em a *nacionalidade,* que por mui pouco se lhe ia. Todos os deuses gregos tomaram posse do maravilhoso poetico, todas as imagens, todas as idéas; todas as allusões do tempo de Augusto occuparam as mais partes da poesia; e mui pouco ficou para o que era nacional, para o que ja tinhamos, para o que podiamos adquirir ainda, para o que naturalmente devia nascer de nossos usos, de

nossas recordações, de nossa archeologia, do aspecto de nosso paiz, de nossas crenças populares, e emfim de nossa religião.

Sá de Miranda, verdadeiro pae da nossa poesia, um dos maiores homens de seu seculo, foi o poeta da razão e da virtude, philosophou com as musas, e poetisou com a philosophia. Seu muito saber, sua experiencia, seu tracto affavel, e até a nobreza do seu nascimento, lhe deram indisputada superioridade a todos os escriptores d'aquelle tempo, dos quaes era ouvido, consultado e imitado. Sá de Miranda exerceu sobre todos os poetas d'aquella epocha a mesma especie de imperio que veio a ter Boileau em França, e mais modernamente Francisco Manuel entre nós. Introduziu na poesia os metros italianos, e os modos, versos e combinações de rhymas de Dante e Petrarca: e desd'ahi quasi se abandonaram inteiramente (excepto nas voltas e glosas) os nossos antigos versos de redondilha, e absolutamente os de arte maior e menor, que ainda assim mui proprios são para certos assumptos, segundo com feliz exemplo no-lo mostraram antigos e modernos poetas. Nem o mesmo Sá de Miranda igualou nunca em composições hendecasyllabas a pureza, a correcção, a naturalidade e sublime simplicidade de suas redondilhas nas epistolas, que

hoje são seu maior e quasi unico titulo de glória.

São de admirar suas comedias, e são notavel monumento para a historia das artes pela feliz imitação dos antigos, e pelo que excedem quanto até então se tinha escripto. Porém o theatro portuguez creado pela musa negligente e travêssa de Gil-Vicente e João Prestes, carecia de reforma, mas não podia supportar uma revolução. As comedias de Sá de Miranda sem character nacional, mui classicas de mais não eram para reformá-lo: o mesmo direi, e o mesmo succedeu ás de Ferreira, a algumas poucas mais que depois vieram. O effeito d'estas composições, alias preciosas, foi funesto: os litteratos enjoaram-se (e com razão) do theatro nacional, e não se deram a corrigi-lo e melhora-lo: o publico preferia (e com razão tambem) o com que fôra creado, o que o interessava, o que o divertia, e antes queria rir com as grosserias dos autos populares, que bocejar e adormecer-se com as finuras d'arte e correcções d'essas comedias, que tudo tinham, menos interesse, onde todo o espirito havia, menos o nacional.

Se houveram Sá de Miranda e Ferreira escolhido assumptos portuguezes, se houveram pintado os costumes nacionaes, e presentado

ao publico, em vez de quadros italianos, um espelho em que se elle visse a si e aos seus usos, e se risse de seus proprios defeitos; fico em que houveram reformado o theatro em vez de lhe empecer: e acaso gosariamos ainda hoje em uma scena ricca e abastada dos resultados d'esse impulso, quando não temos senão que chorar, e vivermos, sobre o theatro, das migalhas que mendigamos a estrangeiros pelo triste meio de traducções, que (as dramaticas sôbre tudo) nunca podem ser boas.

Sá de Miranda escreveu além d'isto algumas eclogas bastante frias, varios sonetos geralmente de pouca monta. Um d'elles, á morte de Leandro e Hero, é excellente, mas castelhano[1]; e por esse achaque o não incluí na escolha[2].

Não posso deixar de querer mal a tam illustre portuguez pelo muito que escreveu n'essa lingua estranha; com que não so privou a natural do fructo de suas tarefas, mas fez maior damno ainda com o exemplo que abriu; exemplo funesto que nos cerceou a litteratura, que nos defraudou d'uma Diana de Monte-maior, de tantas boas coisas mais, e ao cabo ía perdendo a lingua.

[1] A. Rib. dos Santos traduziu este soneto em portuguez e (cousa inexplicavel em tal homem) o deu por seu.

---

[2] Parnaso lusitano. N. do e.

Mas eis ahi Antonio Ferreira para combater esse mal em sua origem: ei-lo ahi esse portuguez verdadeiro, ardente amador da lingua, clamando a todos, pugnando contra todos os que não prezavam e aditavam o patrio idioma com as producções do ingenho e das artes. O profundo conhecimento dos classicos gregos e latinos, o finissimo gosto que em seu estudo tinha adquirido, a felicidade com que sempre os imitou, a pureza da phrase, as riquezas com que adornou a lingua deram aos versos de Ferreira grande popularidade entre os litteratos e cortezãos (que, ao aveço de hoje, as lettras viviam então quasi so na côrte) e fixaram determinadamente o genero classico entre nós.

Cegou-se todavia o nosso bom Ferreira na imitação dos antigos; copiou-os, não os imitou: e d'ahi, enriquecendo a lingua, empobreceu a litteratura, porque a avezou a esse hábito de copista; cancro que roe o espirito creador, alma e vida da poesia nacional. Tam cega foi esta imitação, que seus mesmos versos, aos quaes hoje ninguem defende da nota de asperos e duros (e muitos direi — errados) os fazia assim de proposito por querer usar das ellipses gregas e latinas, a que repugna a indole de nossa lingna, so toleraveis em certas vozes que na prosa mesma se pro-

nunciam e escrevem no final com *m* ou sem elle. Este desagradavel defeito dos versos de Ferreira é principalmente sensivel nas dicções que teem final no que chamámos (mal ou bem) diphtongos nasaes de *ão*, e muito mais quando n'elle é o accento predominante da palavra.

Os sonetos são frios e desengraçados; nas eclogas ha bellezas muitas, e mui grandes, mas espalhadas: nenhuma d'estas composições tomada por si póde merecer o nome de bella. Porém das odes, ha d'ellas que são puramente horacianas, e se lhes fallece a elevação (que não era esse o genio de Ferreira) sobeja-lhe a graça, a elegancia e a adornada philosophia, que não agradam menos, nem de menos valor e merito são que os extasis pindaricos, ou os requebros anacreonticos. O que é sem duvida é que nas linguas vivas Ferreira foi o primeiro imitador feliz de Horacio, e o primeiro dos modernos que pulsou a lyra classica. Das epistolas, ha algumas que podem pleitear em concisão e fino dizer com as boas do lyrico romano. Quanto á pureza da moral, ao nobre patriotismo, aquelle generoso sentimento da honrada liberdade de nossos avós, áquelle enthusiasmo da virtude; esse respira, mostra-se e resplandece em todas as suas obras.

Mas a verdadeira glória de Ferreira é a Castro, producção admiravel por si mesma, pelo tempo em que a escreveu, por todos os lados por que se considere. Não é ainda liquido entre os philologos se era possivel o ter visto Ferreira a Sophonisba de Trissino, que mui poucos annos antes da Castro appareceu: mas é sem a minima questão reconhecida a superioridade da tragedia portugueza á italiana: pasma como sem ver um theatro, sem mais exemplares que os gregos e latinos, podesse Ferreira tractar tam delicadamente um tal assumpto em um genero desconhecido da antiguidade. É notavel a primeira scena da Castro, a scena d'el-rei e dos conselheiros no acto II, a do acto III, em que o côro traz a Castro as novas de sua cruel sentença, onde aquella pergunta de Ignez: «É morto o meu senhor, o meu infante?» rasgo de sublime, porém d'um sublime todo sensibilidade, ao qual nem o *qu'il mourût* de Corneille póde comparar-se; e finalmente os côros, que sem paixão são superiores a todos os exemplares da antiguidade, e não teem que invejar aos tam gabados da Athalia. Não dou a Castro por uma tragedia perfeita: ainda em relação ao seu tempo e aos conhecimentos da scena d'então tem ella defeitos: não haver uma scena em que se encontrem Pedro e Ignez, não ha-

ver algum esfôrço do infante para lhe valer, deixam a peça muito nua de acção, e lhe entibiam o interêsse. A versificação (que todavia é de preferir aos versos sesquipedaes e himpados com que hoje está prevertida a scena portugueza) pécca geralmente por dura; mas essa mesma é por vezes bella; e para bons entendedores muito ha hi que estudar; e oxalá que os nossos dramaticos lessem e relessem bem a Castro, e apprendessem alli, pelo menos, naturalidade e verdade de expressão, que tanto lhes fallecem.

Não estava ainda n'este auge a poesia portugueza, quando um homem pouco conhecido dos lettrados, mas ja célebre por suas aventuras e valor, foi para tam longe da ingratissima patria despicar-se de seu desamor com a mais nobre vingança; a de levantar-lhe um padrão, com que não entram as idades, e que conservará ainda o nome portuguez quando ja elle houver desapparecido da terra. Muita erudicção (pois sabia quanto se soube em seu tempo), ingenho dos que veem ao mundo de seculos a seculos se reuniram em Camões. Esse homem levantou a cabeça la das extremidades d'Asia, e viu tudo pequeno á roda de si, todos os poetas pigmeus, todos acanhados com as linguas modernas ainda mal perfeitas, es-

cravos da imitação classica, incertos e entalados todos entre o cego respeito da antiguidade e as novas precisões que ás novas idéas, que o novo estado do mundo requeria. Teve animo para conceber e força para executar um rasgado e necessario atrevimento de se abrir caminho novo, de crear emfim a poesia moderna, dar não so a Portugal, mas á Europa toda um grande exemplo, e constituir-se o Homero das linguas vivas.

Não me dá espaço o acanho de meus limites para dizer de Camões o que era indispensavel; antes a celebridade de seu nome me deixarâ parar aqui para dar logar a tractar de menos conhecidos nomes. So direi que a influencia de Camões na nossa poesia, e em toda a litteratura portugueza foi tal que desde então té hoje ainda se não deixou de sentir, mesmo nas epochas em que mais desvairados teem andado nossos poetas com as empolas do *gongorismo*, ou mais lunaticos com os esfusiotes do *elmanismo*. Quasi que não houve genero de poesia que não tractasse; tem sonetos admiraveis; eclogas (sôbre tudo as primeiras) excellentes; mas principalmente de todas as poesias menores, são o mais sublime e perfeito as canções; genero a que deu uma nobreza e elevação desconhecida mesmo em Petrarca: sirva de próva e exemplo aquella

que começa —«Junto d'um sêcco dûro e esteril monte». Dos Lusiadas, de suas bellezas e defeitos, das controversias sôbre umas e outros, está cheio o mundo litterario.

Contemporaneo de Camões e ousado tambem como elle a encetar a carreira epica foi Jeronimo Cortereal. O Cêrco de Diu, que é notavel monumento litterario, e que de certo se teve algum exemplar foi a *Italia* do Trissino, é uma fria narração, em que ha bellas idéas áquem, álem, muita riqueza de linguagem, pouca de poesia, e pelo geral maus versos. E comtudo é talvez Cortereal o primeiro (em data) poeta descriptivo; e creou elle acaso esse genero de que tanto blasonam hoje os inglezes, alemães, e até francezes, e que todavia nós tinhamos seculos antes d'elles. Ja no Cêrco de Diu ha muito boas descripções; mas no naufragio de Sepulveda ha d'ellas sublimes.

Entre muito devaneio de imaginação e de mau gôsto, entre aquelles insipidos requebros de Pan e de Protheu, apparece todavia a morte de D. Leonor, que é um trecho da mais bella poesia, da mais fina sensibilidade que se tem composto.

De todos esses poetas que então floreceram, é na minha opinião o menos poeta, esse Pero d'Andrade Caminha, a quem da amisade e ce-

lebridade de Ferreira e Bernardes vem talvez o maior renome. Ainda assim tem algumas odes boas, simplicidade com elegancia por partes de suas composições: epigrammas, são alguns excellentes.

Sôbreviveu a todos estes e á patria, que não tardou em perecer, o suave cantor do Lima que levado por D. Sebastião para testimunhar seus altos feitos, de que devia fazer um poema, perdeu-se com seu rei, e jazeu captivo em Africa. Pondo de parte a questão das eclogas (na qual de certo não andou de boa fé Faria e Sousa), a qual, ainda que propria do logar, é mui longa para os meus limites, Bernardes foi excellente poeta; e com quanto sua linguagem é pobre, e em geral pouco variadas suas composições; a suavidade de seu stylo, certa melancholia d'expressão que lh'o requebra e embrandece darão sempre a Bernardes um logar mui distincto na poesia portugueza.

Mas ja a nação se perdêra nos areaes de Africa, ja a glória portugueza estava offuscada; com ella foram (como sempre vão) as boas artes. Ainda brilham a espaços faiscas do grande luzeiro que se apagára; mas ja não eram senão faiscas.

Ainda Luis Pereira deplora na *Elegiada* a ruina da patria, mas esse canto funebre é

quasi o canto de cysne da poesia nacional, que parece querer fenecer com elle, e ja n'elle moribunda se mostra. Ha excellentes oitavas derramadas per esse poema, algumas descripções felizes, grandissima riqueza de linguagem; mas pouco mais.

Ja Fernão Alvares do Oriente diffuso, intrincado nos primeiros labyrinthos dos *conceitos* italianos mostra a visivel decadencia da poesia: ja as musas que tam louçans e ingenuamente bellas tinham folgado pelas varzeas do Tejo e do Mondego com Ferreira e Camões, apparecem affeitadas com arrebiques e côres falsas, como essas damas para quem se desbota a flor da idade e lhe querem ainda supprir o viço com emprestados ornamentos, gentilezas compradas e postiças. E todavia ha na Lusitania transformada pedaços lyricos excellentes, e alguns bucolicos soffriveis. Assim elle nos dissesse mais do seu Oriente do que nos disse: assim houvesse enriquecido a litteratura com mais imagens de tantas que sua Asia lhe offerecia, e com que houvera additado a mãe patria. Onde o fez, n'aquella ecloga em que conta a historia de Saladino, é elle verdadeiramente poeta; e se d'ahi tirarem alguns trocadilhos que tinha apprendido em Italia, excellente e digno de imitar-se é o resto.

IV

Terceira epocha litteraria; principia a corromper-se o gosto e a declinar a lingua.—Começo até o fim do XVII sec.

Porém os symptomas do *Gongorismo e Marinismo* se manifestavam ja em Italia e Castella; não perfeitos ainda, não no auge a que os levaram os dous poetas, aliás ingenhosos, cujo nome vieram a tomar; mas ja assim mesmo a poesia moderna estava toda gafa d'essa lepra de suberba requintada.

Vasco Mousinho de Quevedo, que, sem disputar, é depois de Camões, nosso primeiro epico, ahi tem ja em toda a nobreza de seus versos a quebra de bastardia d'esse defeito, que todavia é n'elle ainda raro. Mas que bellezas tem esse tam mal avaliado Affonso Africano, a que a cegueira e o mau gosto tem querido preferir a *quixotica* e sesquipedal Ulyssea, a hyperborea e campanuda Malaca! Não é regular o poema, não é um todo perfeito; o maravilhoso é frio, e a acção toda não mui bem deduzida; mas que riquissimos episodios a enfeitam! A descripção de Zara,

o jardim incantado onde aporta o principe D. João, e alguns outros trechos são cunhados com o sêllo da verdadeira poesia, e animados da luz que so dá o ingenho. Quanto ao stylo, é com poucas excepções fluido e elegante; custa a achar em tam longo poema uma rhyma forçada ou má: e a mesma linguagem, supposto decline um tanto da primeira pureza, é ainda de boa lei e valiosos quilates.

D'esta epocha é tambem Rodrigues Lobo, cujo grande logar como prosista não é aqui proprio de examinar: de seu merecimento poetico a commum opinião tem com justiça decidido dando-lhe um dos primeiros (eu quizera o primeiro) logar entre os bucolicos antigos; e outro mui differente e inferior entre os epicos. E certo, o Condestabre, apesar de muitos e bons pedaços descriptivos, é frouxa e morna composição. Que differente era a frauta que ia soando pelas margens do Lis, a dulcissima frauta de Lobo, quando comparada com a tuba heroica, para cuja altivez lhe fallecem natureza e arte! seus pastores são verdadeiros pastores, sua linguagem é verdadeira do campo, não lhes sahem pelos golpes do pellico as alfaias da cidade, tam mal encubertas pelos outros bucolicos, os quaes, sem excepção do proprio Camões, todos peccam por mui sabidos e lettrados, por discretos e

galantes mais que sóem ser aldeãos e pastores.

Alem d'isso ha derramados pela Primavera, Pastor peregrino, etc., pedaços lyricos de summa belleza, romances excellentes e verdadeiramente dignos de admiração e estudo.

Tinhamos perdido a independencia; perdemos logo o espirito nacional, o tymbre, o amor patrio (que amor da patria poderá haver em quem patria ja não tem); a lisonja servil, a adulação infame levou nossos deshonrados avós a desprezar seu proprio, riquissimo e tam suave idioma, para escrever no guttural Castelhano, preferindo os sonoros helenismos do portuguez ás aspiradas *aravias* da lingua dos tyrannos. Vergonha que so tem par nas derradeiras vergonhas com que nos enxovalharam a lingua e a fama os tarellos, francelhos, gallici-parlas e toda a caterva dos gallo-manos!

Em Castelhano escreviam ja esses degenerados portuguezes: mas pouco importava que o fizessem, que n'isso fraca perda tivemos nós: de toda essa çafra de versos castelhano-portuguezes pouco ou nada ha que espremer.

D'esta commum baixeza se alevantou o honrado e douto magistrado Gabriel Pereira de Castro, que depois de ter aberto na jurisprudencia um caminho novo e n'aquelle tem-

po tam difficil por grandes verdades então perigosas, tomou ousado a trombeta de Homero, e não se arrojou a menos que a competir ao mesmo tempo com a Iliada e Odyssea; que tanto abraça o assumpto de seu poema. Grande é a concepção, bem distribuidas as partes, regularissimo o todo, regular e bella a acção, bem intendidos os episodios; mas o stylo... o stylo é, prototypo da *Phenix-renascida*, o requinte do gongorismo, cujo patriarcha foi entre nós, pervertendo-nos, á sombra de sua grande fama e brilhante ingenho, todo o resto escasso que de gôsto tinhamos ainda; intrincando a poesia (senão que tambem a prosa por mau exemplo) n'um dedalo inextricavel de conceitos, de argucias, de exagerações, de affectada sublimidade, falsa e van grandeza; com que de todo veio a terra a poesia nacional, e acabou a grande eschola de Camões e Ferreira, que tantos e tamanhos alumnos havia produzido. E suppunha esse homem vaidoso ter sobrepujado com as quixotadas da sua Ulyssea as naturaes bellezas dos divinos Lusiadas!

Quasi o mesmo errado trilho, mas que menos brilhante e com inferior ingenho, seguiu Sá de Menezes na Malaca. Esse poema, que tanto tem engrandecido o mau gôsto, é na minha opinião um dos derradeiros titulos de

glória da litteratura portugueza. E todavia é bem regular, bem concebido, e a espaços se lhe encontram grandes rasgos de gentileza poetica. A falla de Asmodeu no conselho infernal faz lembrar muito a de Lucifer em Milton. Porém quando agitado o poeta do genio mau que avexava e endemoninhava os poetas d'então, começa a guindar-se, a transpor os derradeiros limites da naturalidade: esquece todo o deleite que algumas estancias mais descuidadas nos haviam causado, e é forçoso desamparar a dura tarefa de tam incommoda leitura, porque verdadeiramente incommóda e cança tal stylo, tal phrase, tanto hyperbolico luxo e destemperado alambicar.

V

Quarta epocha: idade de ferro; aniquila-se a litteratura, corrompe-se inteiramente a lingua.—Fins do XVII, até meados do XVIII sec.

Mas ainda estes tinham sua nobreza, havia não sei que grande entre todas essas *nuvens de talco*; talvez lhes viesse dos assumptos:

porém seus discipulos que ainda quizeram ir ávante, deram em fazer *silvas*, *acrosticos*, e engendraram todos os outros monstros (originarios, segundo Diniz, do *paiz das bagatellas)* e distillando mais e mais as quintas essencias dos conceitos, tanto torceram e retorceram o ja delgado fio poetico, que de todo o quebraram. So Manuel da Veiga o atou momentaneamente em uma ou duas lyras da Laura de Amphriso. Logo tornou a estalar: e por ahi andaram as pobres musas portuguezas jogando as cabras-cegas pelas eclogas de Poliphemo e Galatea, pelos romances hendecasyllabos, e por todos os outros esconderijos do gôsto depravado, de que boas amostras se conservam no precioso tombo da *Phenix-renascida* e algums outros hoje ignorados livros d'essa triste data.

E todavia ja nós tinhamos recobrado tão gloriosamente nossa independencia, ja o nome portuguez tornára a ser honra e nobreza, e ainda essa lepra castelhana lavrava.

Dous grandes escriptores, ambos prosistas e ambos dignos de muito louvor, concorreram para a continuação d'este mal. Quem podia deixar de admirar Vieira? Quem não iria levado pela torrente de sua eloquencia? Quem resistiria aos impetos de arrebatamento de Jacinto Freire? O grande talento de ambos, a

vasta erudição e desmedido ingenho de Vieira sobre tudo, fizeram grande damno á litteratura: sabiam, escreviam perfeitamente a lingua, tinham grande crédito na côrte, tractavam grandes assumptos, animava-os o nobre e sincero enthusiasmo da glória e liberdade nacional: tudo foi após elles; imitaram-lhes vicios e virtudes. Como não distinguiam em Vieira o grande orador, o grande philosopho do gongorista affectado (quando o era); não estremavam em Jacintho Freire o historiador, o panegyrista do declamador, do academico vão: ruim e bom seguiam. E como é mais facil imitar a affectação, que a naturalidade, as argucias de má arte, que as graças de boa natureza; os imitadores foram alem de seus typos no affectado, no mau d'elles, ficaram immenso aquem do que n'esses era bello e para imitar.

Nem o conde da Ericeira, que traduziu a Arte poetica de Boileau e d'elle levou tam immerecidos e banaes elogios, tomou d'ella triaga bastante para se curar do veneno commum: e ainda assim, melhor é sua frigida Henriqueida que os outros versos que por então se faziam em Portugal: porém o unico ôlho que o fez rei em terra de cegos, não lhe era bastante para ver e acertar com a vereda da posteridade. Ahi morreu no seu seculo e

ahi jaz pela poeira de alguma livraria de bibliomaniaco.

As academias de historia, de litteratura do tempo de D. João V, as associações ridiculas de todos os nomes e descripções que então se formaram, a mais e mais empeioraram o mal, que progressivamente cresceu até o ministerio do marquez de Pombal.

VI

Quinta epocha: restauração das letras em Portugal.— Meio do seculo XVIII até o fim

A civilisação e as luzes que a geram, tinham-se estendido do sul para o norte. A corrupção que após ellas vem em seu marcado periodo, as fôra apagando, ou ennevoando ao menos, na mesma direcção. De sorte que pelos fins do XVII seculo o meio-dia, que havia sido berço da illustração da Europa, quasi se ennoitava das trevas da ignorancia, as quaes pareciam voltar como em *reacção* para o ponto d'onde partira a primeira *acção* da luz que as dissipára.

O norte, que mais tarde se havia allumia-

do, progredia no emtanto: as boas lettras, as artes, as sciencias floreciam na Inglaterra e por quasi toda a Allemanha. Milton, Descartes, Newton e Linneu brilharam ao septentrião da Europa; e nós meridionaes estudavamos as *cathegorias* e as *summas*, aguçavamos distincções, alambicavamos conceitos, retorciamos a phrase no discurso, torciamos a razão no pensamento.

Porém a face do mundo estava começada a mudar: as antigas barreiras que a politica e os preconceitos erguiam entre povo e povo quasi desappareciam; as mutuas necessidades, e até o mesmo luxo, faziam quasi indispensavel precisão as permutações do commércio; e o commércio fraternizou as nações.

Reciprocamente se estudaram as linguas, generalizou-se esse estudo: então é que exactamente os sabios começaram a ser de todos os paizes: os bons livros pertenceram a todas as linguas; e verdadeiramente se formou dentro de todos os estados um estado que (sem os inconvenientes do *status in statu* dos ultramontanos) com justiça e exacção obteve e mereceu o nome de republica das lettras, a qual é uma, universal, e sem perigo de schisma.

Os effeitos d'esta alteração no modo de existir do universo foram sensiveis: as luzes

não so reverteram (sem retrogradar) do norte para o sul, mas se diffundiram geraes. A França viu então o seculo de Luiz XIV; Italia deixou sancto Thomaz e os *concetti* por melhor philosophia e melhor gosto; Hespanha teve o seu Carlos III; e Portugal no reinado d'el-rei D. José subiu á altura dos outros povos, senão é que em muitas coisas acima.

E ainda na reforma da universidade não tinham apparecido Monteiros-da-Rocha e os outros portuguezes que d'alli expulsaram a barbaridade entrincheirada em Coimbra como em sua ultima cidadella da Europa, e ja a razão e o gosto recobravam seu imperio na litteratura; ja as odes do Garção, as obras do padre Freire e de outros illustres philologos haviam afugentado as *silvas*, os *acrosticos*, e os campanudos periodos do conde da Ericeira, regenerado a poesia e restituido a lingua.

Outravez ainda o limitado d'este bosquejo me impede de mencionar outros ingenhos que tanto mereceram da patria e da litteratura e remoçaram a perdida lingua de Camões. Exige o meu assumpto e o meu espaço que me estreite no circulo poetico.

Garção foi o poeta de mais gosto e (por aventurar uma expressão que não é legitima, mas póde ser legitimada portugueza) de mais *fino tacto* que entre nós appareceu até agora.

Haverá n'outros mais fogo, outros ferverão em mais enthusiasmo, crearão acaso mais; porém a delicadeza de Garção so tem rival na antiguidade. A musa pura, casta, ingenua, nunca lhe desvairou: em suas composições ha d'ellas onde a mais aguçada critica não esmiuncará um defeito. Tal é a cantata de Dido, uma das mais sublimes concepções do ingenho humano, uma das mais perfeitas obras executadas da mão do homem. Todo se deu ao genero lyrico, especialmente ao Horaciano; e n'esse ninguem o excedeu, antes ninguem o igualou. A ode á virtude, a que se intitula o Suicidio (que pela primeira vez sai a lume n'esta collecção)[1], outras muitas que longo fôra enumerar, são d'uma belleza, d'uma correcção, d'um *acabado* (como dizem os pintores) que difficilmente se imitará, tarde se chegará a igualar.

Não da mesma sorte Antonio Diniz, que mais arrojado, mais pomposo, menos correcto e elegante, assim correu mais caudalosa, porém menos pura torrente. Em quanto lyrico, tem rasgos pindaricos verdadeiramente sublimes; mas o todo de suas odes é em demasia ornamentado; e ellas entre si peccam amiudo de monotonias e repetições. Talvez o

[1] Referencia ao Parnaso Lusitano.

N. do Ed.

jugo dos consoantes, que tam desnecessariamente se impoz, o acanhou a isso. Mas nas anacreonticas é elle sem disputa o primeiro poeta portuguez, e digno rival do ancião de Teios. No genero bucolico tambem nos deixou mui bonitas cousas, nenhuma perfeita. Porém a verdadeira corôa poetica do Diniz, Thalia lh'a teceu, que não outra musa. O Hyssope é o mais perfeito poema heroicomico de seu genero [1], que ainda se compoz em lingua nenhuma: se no castigado da dicção o excede o Lutrin; no desenho da obra, na regularidade do edificio, na imaginação, foi o discipulo de Boileau muito alem de seu grande mestre: e com mais exacção se diria de um e outro o que de Camões e Tasso presumpçosamente disse Voltaire: que se a imitação d'aquelle fizera este, a sua melhor obra era essa. O palacio do genio das Bagatellas, a conversa do deão no cerca dos capuchos, a resurreição e vaticinio *do gallo assado*, a caverna d'Abracadabro serão, em quanto houver gosto, estudados como exemplar pelos litteratos, lidos e relidos sempre com prazer por todos os amigos das artes.

Após estes vem o virtuoso e honrado Quita, a quem pagou a patria com miseria e fo-

[1] Digo de seu genero, porque o Orlando furioso tambem é heroicomico, mas d'outro genero.

me as immensas riquezas que para a lingua e litteratura de seus versos herdou. Um pobre cabelleireiro, a quem as musas que serviu, os grandes que com ellas honrou nunca tiraram do triste officio, póde de sua baixa condição social alevantar-se ao primeiro grau litterario, que acaso lhe disputam ignorantes ou presumpçosos, nenhum homem de gosto deixará de lh'o dar.

Este é em meu humilde conceito o nosso melhor bucolico: tómo a liberdade de contrastar a opinião commum, porque o meu dever de crítico me obriga a ennunciar lealmente o meu pensamento. Tenho para mim (e fico que acharei quem me siga se de boa fé quizerem entrar no exame) que a immensa cópia de composições pastoris, as quaes não são riqueza, mas desperdicio de nossas musas, ou peccam por empoladas, por inverosimeis, por baixas, por demasiado naturaes, por sobejo elevadas. Um meio termo difficilimo de tocar, de n'elle permanecer, um stylo singelo como o campo, mas não rustico como as brenhas, são dos mais difficeis requisitos que d'um poeta se podem exigir. Se tem ingenho, custa-lhe a moldar-se e a rete-lo que não suba mais alto que a difficil medida, e raro deixa de a exceder, de perder-se do bosque e acabar em jardins cidadãos e conversas

de damas e cavalheiros o que começára no monte ou na varzea entre pastores e serranas.

Nem Virgilio d'ahi escapou, nem Sannazaro, nem Camões; Gessner sim, e depois de Gessner, o nosso Quita. Não digo que não tenha defeitos, ainda em seu genero pastoril; mas a boa e honrada critica falla em geral, louva o bom, nota o mau, porém não faz tymbre em achar defeitos e erros na menor falta para se regosijar da censura. Grandes homens, grandes erros: a natureza da mediocridade é cingir-se a tristes preceitos para esconder sua mesquinhez: porém de taes nunca fallou posteridade. Horacio e Boileau foram atrevidos quando lhes cumpriu, e desprezaram regras e arte quando os chamou a natureza, e lhes mostrou o sublime. Philinto, que os sabia de cór, tambem se levantou acima das regras, e nunca foi tamanho. E todavia foi elle o maior poeta de seu seculo: mas os grandes ingenhos não contraveem a lei, são superiores a ella, e são elles viva lei.

Mui distincto logar obteve entre os poetas d'ésta epocha Claudio Manoel da Costa: o Brazil o deve contar seu primeiro poeta[1], e Portugal entre um dos melhores.

Deixou-nos alguns sonetos excellentes, e

[1] Em antiguidade.

rivalizou no genero de Metastasio, com as melhores cançonetas do delicado poeta italiano. A que dirige á lyra com sua palinodia, imitando a tam conhecida do mesmo Metastasio a Nice, *Grazie all' ingani tuoi*, póde-se apontar como excellente modêllo. Nota-se em muitas partes dos outros versos d'elle varios resquicios de *gongorismo* e affectação *seiscentista*.

E agora começa a litteratura portugueza a avultar e enriquecer-se com as producções dos ingenhos brazileiros. Certo é que as magestosas e novas scenas da natureza n'aquella vasta região deviam ter dado a seus poetas mais originalidade, mais differentes imagens, expressões e stylo, do que n'elles apparece: a educação europeia apagou-lhes o espirito nacional: parece que receiam de se mostrar americanos; e d'ahi lhes vem uma affectação e impropriedade que dá quebra em suas melhores qualidades.

Muito havia que a tuba epica estava entre nós silenciosa, quando Fr. José Durão a embocou para cantar as romanescas aventuras de Caramurú. O assumpto não era verdadeiramente heroico, mas abundava em riquissimos e variados quadros, era vastissimo campo sobre tudo para a poesia descriptiva. O author atinou com muitos dos tons que deviam naturalmente combinar-se para formar a har-

monia do seu canto; mas de leve o fez: so se estendeu em os menos poeticos objectos; e d'ahi esfriou muito do grande interesse que a novidade do assumpto e a variedade das scenas promettia. Notarei por exemplo o episodio de Moêma, que é um dos mais gabados, para demonstração do que assevero. Que bellissimas cousas da situação da amante brazileira, da do heroe, do logar, do tempo não podéra tirar o author, se tam de leve não houvera desenhado este, assim como outros paineis?

O stylo é ainda por vezes affectado: la surdem aqui alli seus *gongorismos;* mas onde o poeta se contentou com a natureza e com a simples expressão da verdade, ha oitavas bellissimas, ainda sublimes.

Depois de Diniz o logar immediato nos anacreonticos pertence a outro Brazileiro.

Gonzaga mais conhecido pelo nome pastoril de Dirceu, e pela sua Marilia, cuja belleza e amores tam célebres fez n'aquellas nomeadas lyras. Tenho para mim que ha d'essas lyras algumas de perfeita e incomparavel belleza: em geral a Marilia de Dirceu é um dos livros a quem o publico fez immediata e boa justiça. Se houvesse por minha parte de lhe fazer alguma censura, so me queixaria, não do que fez, mas do que deixou de fazer. Explico-me: quizera eu que em vez de nos de-

buxar no Brazil scenas da arcadia, quadros inteiramente europeus, pintasse os seus paineis com as côres do paiz onde os situou. Oh! e quanto não perdeu a poesia n'esse fatal êrro! se essa amavel, se essa ingenua Marilia fosse, como a Virginia de saint-Pierre, sentarse á sombra das palmeiras, e em quanto lhe revoavam emtôrno o cardeal suberbo com a purpura dos reis, o sabiá terno e melodioso,— que saltasse pelos montes espessos a cotia fugaz como a lebre da Europa, ou grave passeasse pela orla da ribeira o tatu esquamoso,— ella se entretivesse em tecer para o seu amigo e seu cantor uma grinalda não de rosas, não de jasmins, porém dos roixos martyrios, das alvas flores dos vermelhos bagos do lustroso cafezeiro; que pintura, se a desenhára com sua natural graça o ingenuo pincel de Gonzaga!

Justo elogio merece o sensivel cantor da infeliz Lindoya que mais nacional foi que nenhum de seus compatriotas brazileiros. O Uraguay de José Bazilio da Gama é o moderno poema que mais merito tem na minha opinião. Scenas naturaes mui bem pintadas, de grande e bella execução descriptiva; phrase pura e sem affectação, versos naturaes sem ser prosaicos, e quando cumpre sublimes sem ser guindados; não são qualidades communs. Os

Brazileiros principalmente lhe devem a melhor coroa de sua poesia, que n'elle é verdadeiramente nacional, e legitima americana. Mágoa é que tam distincto poeta não limasse mais o seu poema, lhe não désse mais amplidão, e quadro tam magnifico o acanhasse tanto. Se houvera tomado esse trabalho, desappareceriam algumas incorrecções de stylo, algumas repetições, e um certo desalinho geral, que muitas vezes é belleza, mas continuado e constante em um poema longo, é defeito.

Muito ha que os nossos authores desempararam o theatro: eis-ahi o faceto Antonio José, a quem muitos quizeram appellidar Plauto portuguez, e que sem dúvida alguns serviços tem a esse titulo, porém não tantos como apaixonadamente lhe decretaram. Em seus informes dramas algumas scenas ha verdadeiramente comicas, alguns dictos de summa graça; porém essa degenera amiudo em baixa e vulgar. Talvez que o *Alecrim e Mangerona* seja a melhor de todas; e de certo o assumpto é iminentemente comico e portuguez: hoje teria todo o merito de uma comedia historica: e se fôra tractada no genero de Beaumarchais, produziria uma excellente peça.

VII

Sexta epocha; segunda decadencia da lingua e litteratura; gallicismo e traducções

Á volta d'este tempo se formou a Academia das Sciencias de Lisboa pelos generosos esforços do duque de Lafões. Este corpo scientifico, de quem tanto bem se augurou para a lingua e litteratura nacional, nem fez tudo o que d'elle se esperava, nem uma parte mui pequena do que podia e lhe cumpria fazer: mas nem foi inutil, nem, como alguns teem querido, prejudicial. E todavia sua força moral não foi bastante para vencer um mal terrivel que ja no tempo de sua creação se manifestava, mas que depois cresceu e avultou a ponto, que veiu a tornar-se quasi indestructivel.

Este mal foi a *gallo-mania*, que sôbre perverter o caracter da nação, de todo perdeu e acabou com a ja combalida linguagem: phrases barbaras repugnantes á indole do idioma, termos hybridos, locuções arrastadas, sem elegancia, formaram a algaravia da moda, e prestes invadiram todas as provincias das lettras. Estudar a lingua materna, como aquella em que fallamos e escrevemos, é dos mais difficeis estudos, ha mister longa e porfiada applicação. Que bella invenção para a

ignorancia e para a preguiça não foi ésta nova linguagem mascavada e de furtacôres, que todos podiam saber sem fadiga, cujas leis cada um moderava e arbitrava a seu modo, alterava a seu sabor com tam plena liberdade de consciencia! Foi a religião de Mafoma: propagou-a a incontinencia, a soltura, o desenfreio do appetite. Desprezaram-se os classicos, apodaram-se de ignorantes, de rançosos; e os que não ousavam, por algum resto de vergonha, desacatar assim as honradas cans dos nossos mestres, sahiram então com o banal e ridiculo pretexto de que ninguem podia lê-los pelas materias que tractaram; que tudo eram sermões, vidas de sanctos, historias de conventos, de frades. Vergonhosa desculpa! Comquê as decadas de Barros, que foi talvez o primeiro que introduziu com feliz execução o stylo classico na historia moderna, são chronicas de conventos? Fernão Mendes Pinto, o primeiro europeu que escreveu uma viagem regular da China e dos extremos d'Asia, são vidas de sanctos? E d'essas mesmas vidas de sanctos, quantas d'ellas são de summo interêsse, divertida e proficua leitura! A vida de D. Fr. Bartholomeu dos Martyres tem toda a valia das mais gabadas memorias historicas, de que hoje anda cheia a Europa, e que ninguem taxou ainda de pouco interes-

santes. Quando outra cousa não contivesse aquelle excellente livro senão a narração do concilio de Trento, a viagem e estada do arcebispo em Roma, ja seria elle uma das mais curiosas e importantes obras do seculo XVI. E D. Francisco Manuel de Mello, e Rodrigues Lobo, e Camões, e grande cópia de poetas de todos os generos,—tudo isso são sermonarios, vidas de sanctos?

Miseria é que o geral dos portuguezes jurou nas palavras de quatro peralvilhos que essas calumnias apregoavam: passou em julgado que os classicos se não podiam ler, e ninguem mais quiz tomar o trabalho nem sequer de examinar se sim ou não assim era.

N'este estado de coisas appareceram em Portugal dois homens extraordinarios, ambos dotados pela natureza de prodigioso ingenho poetico, Francisco Manuel e Bocage. Aquelle, filho da eschola de Garção e Diniz, cultivou muito tempo as musas classicas, e ja imbuido no gosto da antiguidade, ja imitador e rival de Horacio e Pindaro, começou a ser conhecido em idade madura. Este, quasi desd'a infancia poeta, appareceu no mundo em toda a effervescencia dos primeiros annos, ardente cantor das paixões, enthusiasta, agitado, do seu proprio natural violento, rapido, insoffrido, sem cabal instrucção para poeta, com

todo o talento (raro, espantoso talento!) para improvisador.

Ambos começaram imitando os grandes mestres de seu tempo, seguindo cada um em seu genero o stylo e gosto adoptado e geral desde a restauração das lettras no meado do seculo. Mas não são ingenhos grandes para seguir, senão para fundar escholas: nem tardou muito que cada um, por seu lado, não sacudisse todo o jugo da imitação, e seguisse livre e rasgadamente um trilho novo. Bocage a quem seu fado, por mais aventureira lhe fazer a vida, levou ao antigo theatro das glórias portuguezas, voltando d'Asia foi recebido em Lisboa entre os applausos dos muitos admiradores que ja tinha deixado na viril infancia de seu talento poetico. Augmentou-se ésta admiração com os novos improvisos do joven poeta, com a extrema facilidade, com o mui sonoro de seus versos. O fogo de suas idéas ateiou o enthusiasmo geral; a mocidade inflammou-se com o nome de Bocage: de enthusiasmo degenerou em cegueira, em mania; não lhe viam ja defeitos; menos elle em si mesmo. Ninguem duvidava que os improvisos dos cafés do Rocio eram superiores a todas as obras da antiguidade, e que um soneto de Bocage valia mais que todos esses volumes de versos do seculo de João III, e do de José I.

Esta era a opinião commum da mocidade: e tam geral se fez, tantas vezes a ouviu repetir o objecto de tal idolatria, que força era que a acreditasse, que com ella se desvanecesse e desvairasse.

Isso lhe aconteceu. O temperamento irritavel e ardentissimo de Bocage o levava naturalmente ás hyperboles e exagerações: essas eram as mais admiradas de seus ouvintes; requintou n'ellas, subiu a ponto que se perdeu pelos espaços imaginarios de sua creação phantastica, abandonou a natureza, e a suppoz acanhado elemento para o *genio*. Mais elle repetia *eternidades, mundos, céus, espheras, orbes, furias, gorgonas;* mais dobrava o applauso: mais delirava elle; mais o admiravam. Ao cabo, nem elle a si, nem os outros a elle o intendiam[1]. A par e passo que as idéas desvairavam, desvairava tambem o stylo, e emfim se reduziu a uma continuada antithese, perpetuos trocadilhos, *tours-de-force,* pulos, saltos, rumpantes, castelhanadas, com que se tornou monotono e (usarei d'uma expressão de pintor) *amaneirado.*

A metrificação de Bocage, julgam-na sua

[1] Assim lhe succedeu, principalmente em muitos dos, por natureza e essencia, hyperbolicos elogios dramaticos; genero de composição extravagante e quasi sempre ridiculo.

melhor qualidade: eu a peior; ao menos, a que peiores effeitos causou. Não fez elle um verso duro, mal soante, frouxo; porém não são esses os unicos defeitos dos versos. As varias idéas, as diversas paixões e affectos, as distinctas posições e circumstancias do assumpto, do objecto, de mil outras cousas,— variada medida exigem; como exige a musica varios tons e cadencias. A mesma medida sempre, embora cheia e boa,—o mesmo tom, embora afinado,—a mesma harmonia, embora perfeita,—o mesmo compasso, embora exacto, fazem monotona e insuportavel a mais bella peça de musica ou de poesia. E taes são os versos de Bocage, que nos pretendem dar para typo seus apaixonados cegos: digo *cegos*, porque muitos tem elle (e n'esse numero me conto) que o são, mas não cegos. Imitar com o som mechanico das vozes a harmonia intima da idéa, supprir com as vibrações que só podem ferir a alma pelo orgão dos ouvidos, a vida, o movimento, as côres, as fórmas dos quadros naturaes, eis-ahi a superioridade da poesia, a vantagem que tem sobre todas as outras bellas artes: mas quam difficil é perceber e executar esse delicadissimo ponto! Poucos o conseguiram: Francisco Manuel foi entre nós o que mais finamente o intendeu e executou, mas nem sempre, nem cabalmente.

Porém nos intervallos lucidos que a Bocage deixava o fatal desejo de brilhar, n'alguns instantes que, despossesso do demonio das hyperboles e antitheses, ficava seu grande ingenho a sos com a natureza e em paz com a verdade, então se via a immensidade d'essa grande alma, a fina tempera d'esse raro ingenho que a aura popular estragou; perdeu-o o pouco estudo, os costumes desregrados, a miseria, a dependencia, a soltura, a fome. Muitas epistolas, varios idilios maritimos, algumas fabulas, e epigrammas, as cantatas, não são mediocres titulos de glória. Dos sonetos ha grande cópia que não tem igual nem em portuguez, nem em lingua nenhuma, d'uma força, d'uma valentia, d'uma perfeição admiravel. O resto é pequeno e pouco. A linguagem é pobre; ás vezes facil, mas em geral escaça. Sabia pouco a lingua; a fôrça do grande instincto lhe arredava os erros; mas as bellezas do idioma, so as dá e ensina o estudo. As traducções de Ovidio, Delille e Castel são primorosas.

Mas de traducções estamos nós gafos: e com traducções levou o ultimo golpe a litteratura portugueza; foi a estocada de morte que nos jogaram os estrangeiros. Traduzir livros d'artes, de sciencias é necessario, é indispensavel; obras de gosto, de ingenho, raras vezes

convem, é quasi impossivel fazê-lo bem, é mingua e não riqueza para a litteratura nacional. Essa casta de obras estuda-se, imita-se, não se traduz. Quem assim faz accommoda-as ao character nacional, dá-lhes côr de proprias, e não so veste um corpo estrangeiro de alfaias nacionaes (como o traductor), mas a esse corpo dá feições, gestos, modo, e indole nacional; assim fizeram os Latinos, que sempre imitaram os Gregos e nunca os traduziram; assim fizeram os nossos poetas da boa idade. Se Virgilio houvera traduzido a Iliada, Camões a Eneada, Tasso os Lusiadas, Milton a Jerusalem, Klopstock o Paraizo perdido; nenhum d'elles fora tamanho poeta, nenhuma d'essas linguas se enriquecêra com tam preciosos monumentos; e todavia imitaram uns dos outros, e d'essa imitação lhes veiu grande proveito.

Esta mania de traduzir subiu a ponto em Portugal, e de tal modo estragou o gosto do público, que não so lhe não agradavam, mas quasi não intendia os bons originaes portuguezes: a poesia, a litteratura nacional reduziu-se a monotonos sonetos, a trovinhas d'amores, a insipidas enfiadas

De versinhos anões a anans Nerinas.

Tam baixos nos pozeram os admiradores e

imitadores de Bocage, a quem justamente a critica stigmatisou com o nome de *elmanistas*,— e de *elmanismo* sua affectada eschola. N'elles se mostraram exagerados os defeitos todos do enthusiasta Elmano, sem nenhum dos grandes dotes, das brilhantes qualidades do poeta Bocage.

Alguns ha comtudo de quem esta asserção não deve intender-se em todo o rigor da phrase. João Baptista Gomes, author da Castro, mostrou n'ella muito talento poetico e dramatico. D'entre os bastos defeitos d'essa tragedia sobresahem grandes bellezas. Desvaira-o o *elmanismo;* derrama-se por madrigaes quando a austeridade de Melpomene pedia concisão, força e naturalidade; perde-se em declamações, extravaga em logares communs, inverte a dicção com antitheses, destroi toda a illusão com versos amiudo sesquipedaes e entumecidos; mas por meio de todas essas nevoas brilha muita luz de ingenho, muita sensibilidade, muita energia de coração, predicados que com o estudo da lingua que não tinha, com a experiencia que lhe fallecia, triumphariam ao cabo do mau gosto do tempo, e viriam provavelmente a fazer de João Baptista Gomes o nosso melhor tragico. Atalhou-o a morte em tam illustre carreira, e deixou orphão o theatro portuguez que de

tamanho talento esperava reforma e abastança.

Mas em quanto Bocage e seus discipulos tyrannizavam a poesia e estragavam o gosto, Francisco Manuel, unico *representante* da grande eschola de Garção, gemia no exilio, e de la com os olhos fitos na patria se preparava para luctar contra a enorme hydra, cujas innumeras cabeças eram o gallicismo, a ignorancia, a vaidade, todos os outros vicios que iam devorando a litteratura nacional.

A sua epistola sobre a arte poetica e lingua portugueza, póde rivalizar com a de Horacio aos Pisões: fôrça d'argumentos, eloquencia da poesia, nobre patriotismo, finissimo sal da satyra, tudo ali peleja contra o monstro multiforme.

Que direi das odes? Minha intima persuasão é que nunca lingua nenhuma subiu tam alto como a portugueza na lyra de Francisco Manuel. Que ha em Pindaro comparavel á ode a Affonso d'Albuquerque? onde ha poesia sublime, elegante, immensa como seu assumpto, na dos novos Gamas? Se o patriotismo fallasse alguma hora aos degenerados netos de Pacheco e Albuquerque, que poderia elle dizer-lhes igual áquella inestimavel ode que se intitula *Neptuno aos Portuguezes?* E quando a liberdade troa na espada de Washington, sub-

mette os raios de Jupiter ao sceptro dos tyrannos aos pés de Franklin, ou tece pelas mãos de Penn os laços de fraterna união! Que immenso, que grandioso é o cantor de tamanhos objectos! Quando nas odes a Venus, a Marfisa, a Marcia *voltando inopinada*, no hymno á noite se requebra em amoroso jubilo, ou se enternece de saudade, todo é graças e primores de linguagem, de imaginação, de stylo, de delicadeza, de inimitavel poesia. No genero Horaciano não é elle tam puro e perfeito como Garção, mas nem intendeu menos nem imitou peior o seu modelo.

Entre as epistolas ha muitas admiraveis: dos contos e fabulas, alguns com elegante sal e chiste. As traducções do Oberon de Wieland, da guerra punica de Silio Italico, mas sobre todas, a dos Martyres de Chateaubriand, são thesouros de linguagem e de poesia.

Nenhum poeta desde Camões havia feito tantos serviços á lingua portugueza: so por si Francisco Manuel valeu uma academia, e fez mais que ella; muita gente abriu os olhos, e adquiriu amor a seu tam ricco e bello, quanto desprezado idioma: e se ainda hoje em Portugal ha quem estude os classicos, quem se não envergonhe de ler Barros e Lucena, deve-se ao exemplo, aos brados, ás invectivas do grande propugnador de seus foros e liberdades.

Nos ultimos periodos de sua longa vida afrouxaram as energicas faculdades d'este grande poeta, e excepto a traducção dos Martyres (que assim mesmo tem seus altos e baixos) quasi tudo o mais que fez é tibio e morno como de um octogenario se podia esperar. O nimio temor de commetter gallicismos, a que tinha justo e sancto horror, o fez cahir em archaismos, e affectação demasiada de palavras antiquadas e excessivos hyperbatos. Não são porém estas faltas, nem tantas nem tamanhas como o pregoou a inveja e a ignorancia.

Muito honrosa menção deve a historia da lingua e poesia portugueza a Domingos Maximiano Torres, cujas eclogas rivalizam com as de Quita e Gressner, cujas cançonetas são, depois das de Claudio Manuel da Costa, as melhores que temos. Foi este muito intimo de Francisco Manuel, mas tenho por mui exagerados os elogios que d'elle recebeu.

Antonio Ribeiro dos Santos, honra da magistratura portugueza, foi imitador e émulo de Ferreira: poucos ingenhos, poucos characteres, poucos stylos ha tam parecidos; se não que o author dos coros da Castro era muito maior poeta, e o cantor do grande D. Henrique muito melhor metrificador. Esta ode ao infante sabio, algumas outras a varios heroes portuguezes, algumas das epistolas, e espe-

cialmente os versos que lhe dictava a amizade para o seu Almeno, são d'uma elegancia e pureza de linguagem rarissima em nossos dias.

Este Almeno é Fr. José do Coração de Jesus, missionario de Brancannes, que traduziu os primeiros livros das methamorphoses de Ovidio em excellente, riquissimo, purissimo portuguez, mas em maus versos: e ainda assim, alguns d'elles são felizes: é de estudar, de versar com mão *diurna* e *nocturna* esse comêço de traducção para quem quizer conhecer as riquezas de uma lingua que compete, emparelha, vence ás vezes, a sua propria mãe latina.

Duas ou tres odes d'este virtuoso e erudito padre são mui bonitas.

Nicolau Tolentino é o poeta eminentemente nacional no seu genero: Boileau teve mais força, mas não tanta graça como o nosso bom mestre de rhetorica. E de suas satyras ninguem se pode escandalizar; começa sempre por casa, e primeiro se ri de si antes que zombeteie com os outros. As pinturas dos costumes, da sociedade, tudo é tam natural, tam verdadeiro! Confesso que de todos os poetas que meu triste mister de critico me tem obrigado a analysar, unico é este em cuja causa me dou por suspeito: tanta é a paixão, a ce-

gueira que tenho polo mais verdadeiro, mais engraçado, mais *bom homem* de todos os nossos escriptores. Aquelle *bilhar*, aquella *funcção de burrinhos*, aquelle *chá*, aquellas despedidas *ao cavallo deitado á margem;* o memorial ao principe, o presente do *perum*, são bellezas que so não admirarão atrabiliarios zangãos em perpetuo estado de guerra com a franca alegria, com o ingenuo gôsto da natureza.

De José Anastacio da Cunha, que das mathematicas puras nos deu o melhor curso que ha em toda a Europa, d'esse infeliz ingenho (que talento houve ja feliz em Portugal?) a quem não impediam as rectas de Euclides, nem as curvas de Archimedes de cultivar tambem as musas; de tam illustre e conhecido nome que direi eu senão o muito que me peza da raridade de suas poesias? Todas são philosophicas, ternas e repassadas d'uma tam meiga sensibilidade algumas, que deixam n'alma um como echo de harmonia interior que não vem do metro de seus versos, mas das idéas, dos pensamentos. Todavia ha mister lê-lo com prevenção, porque (provavelmente estropiada de copistas) a phrase nem sempre é portugueza de lei.

O padre A. P. de Souza Caldas, brazileiro, é dos melhores lyricos modernos. A poesia bi-

blica, apenas encetada de Camões na paraphrase do psalmo *super flumina Babylonis*, foi por elle maravilhosamente tractada; e desde Milton e Klopstock ninguem chegou tanto acima n'este genero.

A cantata de Pygmalião, a ode — O homem selvagem — são excellentes tambem.

Aqui me cai a penna das mãos: o estadio livre para a critica imparcial acabou. Nem posso continuar a exercê-la sem temor, nem o faria ainda assim, pois não quizera ver revogadas minhas presumidas sentenças pela severa posteridade, quasi sempre annulladora de juizos contemporãos.

Não posso todavia fechar este breve quadro sem patentear a admiração, e o indizivel prazer que me deu o poema do Passeio do sr. J. M. da Costa e Silva, cuja existencia tinha a infelicidade de ignorar (tam pouco sabemos nós portuguezes das riquezas que temos em casa!) e que não sei que tenha que invejar a Thompson e Delille, se não fôr na pouca extensão e, acaso dirá mais severo juiz, em algum verso de demasiado *Elmanismo*. Quanto a mim, folgo de me lisongear com a esperança que seu author lhe dará a amplidão e mais (poucos mais) retoques com que ficará por ventura o melhor poema d'este genero.

Apezar dos motivos referidos, pedirei uma

venia mais para mencionar, como um poema que faz summa honra ao nome portuguez, — a Meditação do sr. J. A. de Macedo, — que tem sido censurada por quem não é capaz de intendê-la. Não sei eu se ella tem defeitos; é obra humana, e de certo lhes não escapou; mas sublimidade, cópia de doctrina, phrase portugueza, e grandes idéas, so lh'o negará a cegueira ou a paixão.

Cita-se com elogio o nome do sr. A. F. de Castilho, joven poeta que se despica da injuria da sorte que o privou da vista, com muita luz de ingenho poetico.

Os *dithyrambos* do sr. Curvo Semedo, as odes do sr. J. Evangelista de Moraes merecem grande favor do publico: os apologos do sr. J. V. Pimentel Maldonado são por certo dignos da maior estimação.

As Georgicas do sr. Mozinho d'Albuquerque fizeram a reputação poetica de seu benemerito author. Alguns lhe acharam demaziada erudição, e queriam mais poesia e menos sciencia. Eu por mim tomarei a confiança de pedir ao illustre poeta, em nome da litteratura portugueza, que na segunda edição de sua tam util obra não desdenhe de aproveitar os muitos e riquissimos ornatos que habilmente póde tirar de nossas festas ruraes, de nossas usanças (como feiras, serões, desfo-

lhadas, etc.), das descripções de nosso formoso paiz; com que decerto fará mais nacional e interessante seu estimavel poema. Não sei tambem se alguma incorrecção typographica ou de cópia, seria origem de varias imperfeições e impurezas de linguagem, que os escrupulosos (e em tal materia é forçoso sê-lo) lhe notam.

Tudo isso esperamos os portuguezes que nos vangloriamos de sua excellente obra, vê-lo melhorado na proxima edição que ja reclama o público impaciente.

A litteratura portugueza não mostra presentemente grandes symptomas de vigor: mas ha muita força latente sob essa apparencia; o menor sôpro animador que da administração lhe venha, ateará muitos luzeiros com que de novo brilhe e se engrandeça.

CARTA

DE

GUIA PARA ELEITORES

EM QUE SE TRATA DA OPINIÃO PÚBLICA,

DAS QUALIDADES PARA DEPUTADO E DO MODO DE AS CONHECER

PUBLICADA

POR J. B. DA S. L. DE ALMEIDA-GARRETT

Bacharel formado em leis, e official da secretaria
d'estado dos negocios do reino

ADVERTENCIA

Hesitei por muito tempo se devia publicar ésta carta, que particularmente foi escripta por um amigo a outro, e que nem foi destinada em sua origem para a imprensa, nem depois castigada sufficientemente para isso.

Receiava tambem de lhe pôr meu nome, temeroso de que a alguem não viesse a idéa de que eu queria inculcar-me. Puz-lho, por que em toda a obra que possa ter algum principio de utilidade, nenhum homem de bem se deve esconder. Em obras de mero divertimento, em versos e cousas taes, embora o faça.

Além d'isso, quanto a *inculcar-me,* se eu em minha consciencia me julgasse capaz de

representar a nação, e de advogar os seus interêsses, não teria a minima dúvida em me offerecer publicamente para seu advogado, como em França e em Inglaterra se faz; e não é nenhuma acção deshonrada essa, nem de vergonha.

Vergonhoso e vil, e de mais criminoso, é andar pedindo furtivamente e ás escondidas, o que valia mais pedir ás claras.

Pois quanto mais nobre é dizer abertamente. — «Concidadãos, elegei-me vosso deputado, porque eu sei, posso, e prometto defender a vossa causa e os vossos interêsses!»

Não o digo eu porque me não sinto com fôrças nem physicas, extenuadas por mui compridos annos de injustissima perseguição e exilio, nem moraes, por curtos que são meus conhecimentos para tam ardua empreza.

Se assim não fosse, não recorrêra a subterfugios, nem a insinuações indirectas; mas franca e chanmente me proporia aos meus concidadãos para seu representante.

Meu fim unico é o que sempre tive e terei — a utilidade commum: meu unico movel — o desinteressado amor da ordem legitima, e da causa pública.

Imprimo esta carta porque essas causas a originaram, e esse fim leva. Assim o preencha ella em alguma parte ao menos!

Meu amigo e senhor. — Muito me confunde, com quanto muito me obriga V. , em pedir meu parecer sôbre as presentes eleições, e que lhe diga quem são as pessoas que julgo capazes para as distinctas funcções de deputado. Como poderei eu dirigi-lo sôbre a importante e difficil escolha que temos de fazer, se eu a mim proprio me não sei guiar; se em tam arriscado ponto desconfio do meu juizo, arreceio de minha consciencia, tremo da approximação d'esse momento critico, que não ousei, nem ouso ainda determinar positivamente minhas idéas para a emissão de meu voto. De todas as difficuldades da administração e governo de um povo, é na minha opinião a maior e a mais agra, a escolha das pessoas; n'essa

falham todos os dias os mais expertos, os melhores intencionados: tam facil é o illudiremnos apparencias, tam difficil conceituar dos homens e de seu interior, que entre as nações mais habituadas ao governo representativo, mais affeitas a exercerem as perigosas funcções do eleitorado, todos os dias ha erros fataes, funestissimos enganos. O que será de nós, escravos apenas fôrros, libertos de poucos dias, nados e creados na ignorancia das cousas públicas, e que no exercicio dos direitos civicos forçosamente hemos de ir ás palpadellas como cegos que somos, tropeçar muitas vezes, (inda mal, muitas!) e praza a Deus que acertêmos alguma!

Meu amigo, repito que não sei para mim, quanto mais ousarei aconselhá-lo a V., ou dar-lhe meu parecer sôbre as pessoas capazes para tam importantissimas funcções. Noite e dia penso n'este objecto; e quanto mais penso, maiores difficuldades me sobrevêem, mais dúvidas me recrescem, e quando chego a encontrar solução a alguma d'ellas, d'essa mesma solução me nasce logo um infinito número de outras e outras dúvidas; com que mais e mais se complica minha indecisão. Mas pois V. quer por força ouvir-me, pelo satisfazer e obrigar farei quanto em mim está, que é expor-lhe singelamente as minhas dú-

vidas proprias, communicar-lhe as reflexões que commigo faço; e se d'ahi lhe vier algum bom serviço, muita será minha satisfação em prestar-lho. Todavia não pense que sobre pessoas, e nominalmente sobre individuos me affoite eu a dizer uma unica palavra. Nem sei, nem devo, nem quero. Difficil, raramente se póde; nenhum homem de bem deve ou póde querer encarregar sua consciencia com emittir juizos sôbre determinadas pessoas, quer sejam favoraveis, quer desfavoraveis. Se érro no primeiro caso, prejudico a causa pública; se no segundo, offendo o mais sagrado e sancto dos direitos de um cidadão, a sua reputação e fama.

Será pois a nossa conversa generica: practicaremos de eleições e deputados, mas sem a minima referencia pessoal, sôbre o que, ja digo, nada sei. E se em minhas reflexões algum acêrto houver, V. fará, do que é geral e indeterminado, a devida applicação ás pessoas; e Deus o ajude n'essa difficil operação, assim como a mim, que a não temo e receio pouco.

A grande authoridade que geralmente se consulta para a escolha de representantes (e com effeito a maxima e talvez unica é ella) é a opinião pública.

Mas qual é a verdadeira accepção d'esta

palavra tantas vezes repetida, e tam poucas bem ajustada? As lições da experiencia (de *amarga* experiencia para nós) devem dar-nos algum esclarecimento; mas quando as consulto, so encontro motivos de desconfiança e de receio. Ja isso é um bem. Porém a razão tem regras fixas que devemos seguir. Assim é: mas quam facil é tambem o abusar d'ellas, e desvairar essa triste opinião, *rainha tutelar* do mundo, em cujo nome tem quasi sempre governado a ignorancia, a intriga, ou a má fé, quando todos se não juntam em funesto triumvirato, para em nome da *phantastica soberana* regerem não, mas desgovernarem e vexarem seus dominios.

A opinião nasce do espirito público. E o que é este? Um illustre escriptor coevo diffiniu-o. «A parte mais ou menos activa que toma a porção illustrada da população no systhema geral de seu govérno, e nos actos particulares de sua administração.»

Exactissima é, a meu ver, esta definição: nada póde haver commum entre este espirito filho da illustração, e a estupidez da massa ignorante, tam inhabil para conceituar de um principio, como para lhe calcular ou observar as consequencias. Quando o espirito público toma favoravel direcção, é elle essa confiança patriotica que ajuda com todo o seu

poder as operações da authoridade; quando, ao contrario, cede a um impulso fatal, é essa geral apathia que acolhe as mais importantes disposições, esse gelado egoismo que as illude, essa resistencia concentrada que as inutiliza, e, tarde ou cedo, mas infallivelmente as perde.

O primeiro caso suppõe obediencia voluntaria e satisfação geral; no segundo, facil é ao ôlho do observador o distinguir uma submissão constrangida, descontentamento progressivo e universal inquietação.

Uma revolução notavel e recente nos offereceu exemplos d'estes dois casos, e bem sensiveis e claros, e que devem servir-nos de lição: cara e violenta foi ella: assim lhe colhamos algum fructo! Poderemos deixar de reconhecer com effeito no principio d'ella, uma explosão verdadeira do espirito público, n'esse impulso universal que precipitava um povo inteiro, em tam diversas regiões, em tam vasta e separada immensidade, para os principios de discreta e razoada liberdade, para a destruição de inveterados abusos que lh'a impeciam? E esse mesmo espirito não foi sensivelmente mudando, não veiu a manifestar-se depois em quasi opposto sentido, quando a pública esperança foi illudida, os desejos da nação baldados, e por fatal consequencia

de erros constitutivos, de erros e faltas (não direi crimes) de administração, falhos todos os projectos de melhora e felicidade?

Pega-me a penna em objecto tam doloroso, sinto-me como o enfêrmo a quem uma tentação irresistivel leva naturalmente a mão para sôbre a chaga dorida, e é custoso empenho de medico e enfermeiro desviá-lo d'esse ruim achaque. Tenhamos mais constancia, e deixemos á natureza, e aos salutares remedios de nosso presente curativo fazer seu effeito, encarnar devagar, sarar lenta, mas cicatrizar perfeitamente a ferida que tam mal encarou; mas que n'essa mesma *comichão* que ja sentimos dá signaes de melhora.

Uma cousa muito essencial é bem distinguir o espirito de partido, do público. Bem difficil seria esse empenho se o espirito de partido tam loucamente se não trahíra pelos proprios esforços com que se retorce para illudir com sua fatal similhança. Póde ás vezes a inexperiencia enganar-se com os caracteres que elle sabe imitar com perfida hypocrisia; mas felizmente não se póde elle contrafazer bastante para copiar por muito tempo o seu modelo com rigorosa exacção: cedo cae nos extravios em que não podem deixar de o precipitar as paixões, seu unico alimento; os olhos que tinha vendado, de presto se descer-

ram; fica só e isolado na opinião, marcado para sempre com o ferrete de justa reprovação. Antes porém de chegar a este resultado inevitavel, não se póde negar que toma com muita destreza os geitos e côres de seu caracter emprestado. Ha todavia uma caracteristica essencial, que é matiz imperceptivel para a multidão, mas facil de discernir ao homem sensato e de boa fé, a qual jamais póde imitar bem, ou conservar, ao menos, tempo sufficiente para prolongar seus prestigios. É esta, aquella moderação acompanhada de razão, que não so não enfraquece o espirito público, mas faz ao contrario patentear mais vantajosamente todas as suas outras qualidades; sendo ao mesmo tempo incompativel com o espirito de partido, que despropositadamente a taxa de duvidosa, a renega e rejeita por arriscada e ambigua. Examinemos dois individuos sustentando na mesma circumstancia, opiniões e principios diametralmente oppostos; não ha (dizem elles) em seu proceder senão o mesmo movel e causa. Mas um d'elles entra nas discussões sem azedume, conserva toda a phleuma da prudencia, todo o sangue frio da convicção; se ás deliberações do governo dá a sua approvação imparcial, vê-se que como bom cidadão gosa d'esses mesmos elogios que faz á authoridade, mas tambem se vê que os

sabe suspender no ponto em que elles ja não foram senão a expressão deshonrada e deshonradora da baixeza e da adulação; se alguma acção do governo merece censura, faz-lhe sim imparcialmente, mas da maneira que o faz um interessado pela salvação do estado, e não pela ruina das pessoas que o administram. Vêde o outro, quando censura ou quando louva: ou satyriza, insulta, e murmura atrabiliariamente, ou lisonjeia, incensa, adula servilmente; não segundo a acção foi boa ou má, util ou prejudicial á causa pública, mas segundo a pessoa que a pratica, é ou não do seu partido, —cliente ou patrono seu—.

Quem não estremerá no discorrer d'estes dois homens o espirito público do espirito de partido? quem não verá n'um, a expressão da opinião pública, n'outro, a da privada opinião dos interesses pessoaes?

Até aqui da opinião em geral, e do mais seguro meio de a conhecer. Fallemos d'ella no que respeita á nossa materia d'eleições.

A opinião pública, a respeito de homens, é o maior ou menor interêsse que os cidadãos illustrados tomam por certos individuos mais notaveis d'entre elles.

Se este interesse nasce de um bom conceito, filho de acções distinctas, do saber, da virtude; a pessoa em quem recai, diz-se ter

a opinião pública a seu favor. Se é excitado pelo rumor de acções indignas, pelo mau desempenho de funcções que exerceu, chamase a isso ter contra si a opinião.

Porém n'esta parte muito mais difficil é ainda o distinguir o espirito público do espirito de partido. E com tudo se pausadamente e de sangue frio examinarmos a expressão d'esse espirito, não é impossivel o estremá-lo.

Tracta-se de eleições: um lembra certo homem. «Não (grita outro da companhia) nada! é um *discolo*, é um malvado—ou é um exaltado, um impio».—«Calumnia (brada o proponente) F... é o nosso homem, é quem nos hade salvar: se não vai ás côrtes, estamos perdidos». E aqui trava disputa entre os dois, que raras vezes acaba sem seu insulto, menor ou maior, mais ou menos rebuçado, segundo a educação dos disputantes. Porém ha n'esta sociedade quem diz: «Senhores, eu não conheço esse sujeito, desejo comtudo votar em pessoa digna e habil: dê-me alguns dados com que eu possa formar o meu conceito sobre elle».

—Essa é boa! um homem como temos muito poucos, um homem de mão cheia.

—Quero crer que assim é: mas aponte-me factos. É homem de letras?

—Não senhor.— Negociante?—Tambem não.—Magistrado?—Nada.— Lavrador?— Nada d'isso: é um homem bem conhecido em toda a Lisboa, que tem escripto muita carta para esses periodicos, e ja em outro tempo foi o açoute do governo.— Basta, senhor, tenho intendido.»

Ora d'esta conversa fui eu testemunha, e eis-aqui o que muita gente chama opinião pública! Cautella, meu amigo, cautella com a tal opinião. Quando de um homem se diz: «N... é um excellente pae, que se tem desvelado na educação de seus filhos, que é exacto cumpridor de suas obrigações, a quem se não aponta uma acção deshonrada, etc.»; quando sem *exageração* e sem *gritos* se diz isto de um homem, e a este dito ou não ha quem se opponha, ou quem se opponha de boa fé: que dúvida ha que tem elle a verdadeira opinião de honrado? Quando d'elle mesmo ou de outro se póde dizer: É homem de saber, porque seus escriptos o provam, etc.» que dúvida ha que tem a opinião de homem de lettras?

Porém, meu amigo, este objecto é immenso, e se a tractá-lo dou todas as largas que sua vastidão está pedindo, nem espaço, nem tempo me sobrará para tantos outros que o estão reclamando.

Mas fallámos ja de opinião pública e dos meios de a conhecer, senão exacta, ao menos aproximadamente. E se pois forçosamente a havemos de consultar para a boa escolha de deputados, o que devemos nós buscar n'ella, ou *o que é necessario para ser bom deputado?*

Vejamos se lhe sei responder. Examinemos o que um deputado tem de fazer nas presentes circumstancias.

A constituição de Portugal dada e decretada por Carta de lei de 29 de abril de 1826, funda-se n'estas duas grandes bases:

A liberdade do Povo.
A authoridade do Rei.

D'estes dois pontos maximos e cardeaes se derivam os generosos e sublimes principios que em si contém; e que se podem reduzir a estes:

A impeccabilidade e inviolabilidade do monarcha;
A responsabilidade de seus ministros de todas as jerarchias;
A igualdade diante da lei.

Estes são os *principios* do nosso codigo politico; o resto de seu contheúdo são os *meios* para se fazerem effectivas suas consequencias. Porém d'estes *meios* que a constituição prescreve, uns carecem de devida explicação

para se pôrem em pratica, outros de leis supplementares e de *regulamentos*, sem os quaes são inexequiveis. Eis-ahi o que *tem de fazer* o deputado.

É essencial consequencia, da igualdade diante da lei, a igual distribuição dos tributos. Essa é uma das attribuições das Côrtes (§ 8.º art. 15.º da const.), e uma das primeiras que devem preencher. De todos os vicios de nossa antiga administração, nenhum é mais absurdo que o methodo de arrecadação estabelecido; de todos os desmazellos e abusos de que estava insada, nenhum mais escandaloso que os que n'esta se tinham introduzido e arraigado. Quasi todas as contribuições pesavam sôbre o pobre, e não entravam com o ricco, avéxavam as classes productoras, quero dizer, o lavrador, o manufactor, etc., e mal tocavam o que so era consumidor.

Isto é quanto á distribuição: que direi quanto á arrecadação propriamente ditta?

Esta é intrincada deveza, em que a mão do arroteador tem obra longa, difficil, ardua.

Em muitos, em todos os Estados europeus ha abusos e grandes nas despezas públicas, na formação das listas civís: digam o que disserem os estrangeirados. Eu tambem corri essas terras, vi e sei o que por la ha: mas arrecadação, e lançamento de impostos mais

absurdo e escandaloso que em Portugal, não o ha n'este mundo sublunar, nem provavelmente haverá em nenhum dos mundos possiveis.

O amortizamento da divida pública, o exacto pagamento de seus juros é outro cuidado das Côrtes: e tal é o estado d'esse ramo, que demanda incessante remedio; sendo uma, das muitas especies que este genero immenso comprehende, a destruição dos abusos que na salutar instituição do Banco se tem introduzido; fazendo-a, mais vantagem de poucos, do que utilidade do todo.

Outra maxima e importante tarefa do corpo legislativo é a lei de responsabilidade dos empregados, exigida pelo art. 108.º e 145.º da const. Esta lei essencial a todo o govêrno representativo, e sem a qual, nem as garantias do cidadão são mais do que palavras oucas e vans, nem a dignidade e sanctidade da pessoa do Rei toma seu verdadeiro character: é, como ja disse, um dos pontos cardeaes da constituição. Necessario é que o deputado se possua bem da sua indispensabilidade, que bem se identifique com suas razões e consequencias, e que devidamente a gradue desde o secretario d'Estado até á derradeira authoridade subalterna: tendo em vista este grande axioma — *que raras vezes o superior*

prevarica se no subalterno não encontra a necessaria condescendencia para o ajudar. E essa fatal condescendencia não achará elle, se uma lei sábia e providente regular bem a responsabilidade dos publicos funccionarios.

Cumpre tambem que estejamos todos,—que estejam particularmente convencidos os deputados,—a quem a lei incumbe a vigilancia na guarda da constituição, de que *antes mesmo da feitura d'essa lei,* a responsabilidade dos funccionarios publicos está ja em vigor, pelas formaes e positivas palavras da Carta; e que ao menos *para este caso* não haverá a banal desculpa de que *faltam as leis regulamentares*, ou outra ainda peior, e que é absurda,—de que ha leis que se oppõem á lei fundamental: quartada ridicula e fatal, e que todavia ja vimos dar em tempos *dittos constitucionaes!*

Mas a igualdade diante da lei é o terceiro ponto capital da constituição, e para sua effectividade é essencialmente necessaria. Nem pretendo, nem quero, nem é util, antes funestissimo e injusto, atacar classes: vou ás causas, e das causas vem o erro: os homens são o que as leis os fazem. Com boas leis o magistrado nem póde prevaricar, e se o faz, fá-lo *uma vez,* mas não repetirá a prevarica-

ção porque a lei o privará do encargo de que abusou.

Os juizes devem ser poucos, bem pagos, independentes, e sôbretudo *so juizes*. Quero dizer que a cumulação da authoridade administrativa, e particularmente da fiscal na mesma pessoa que exerce a judiciaria, é a maior monstruosidade do nosso antigo regimen.

O magistrado que deve ser tam sancto como a lei, em nada deve depender do govêrno; e o govêrno que deve ser tam activo e vigilante como ella, tambem não deve de maneira alguma estar ligado para a remoção, nomeação e fiscalisação de seus delegados, especialmente nas provincias, onde, por falta d'isso, a acção do govêrno é hoje tam frouxa, se não é que tantas vezes nulla.

Em summa, é necessario que os juizes de fóra, os corregedores não sejam lançadores e arrecadadores de tributos, delegados de policia, authoridades municipaes, etc.; mas que para este ramo, que é distincto e tam distincto, antes tam alheio do officio de julgar, haja authoridades especiaes, homens abonados, intelligentes e dependentes do govêrno, que so d'elle recebam acção vida, ser e authoridade. E pelo contrário para julgar é necessario que haja homens inteiramente exemptos da influencia ministerial, que não conheçam

senão a lei, que não temam senão a ella, alheios a todas as paixões, estranhos a todos os interêsses. Emquanto estas duas authoridades estiverem cumuladas, façam os melhoramentos que quizerem, decretem as proprias leis de Platão, ponham em seus logares todos os homens de Plutarcho, nada fazem, nada reformam, nada melhoram e nada conseguem.

Sôbre os jurados muito quizera eu dizer, muito tinha eu que dizer; mas deixo isso para especial tractado, que a seu tempo lhe enviarei. Porora a respeito d'elles e dos juizes de direito contento-me em tocar um ponto essencial e que involve os primarios interêsses da sociedade; e é:

Será necessario esperar pelos novos codigos para melhorar a administração da justiça e reformar os abusos do fôro? Ou por outra: com a nossa actual legislação poder-se-ha julgar desde ja por jurados em certos casos; poder-se-ha, nos que o não forem, dar publicidade ás causas, evitar as prevaricações dos magistrados, diminuir a chicana dos advogados e procuradores?

Digo que sim; com a nossa actual legislação, mesmo assim imperfeita e confusa, se póde desde ja melhorar a justiça. Não digo que fazê-lo perfeitamente; mas melhorá-la muito e muito, sim póde. E deve-se: pois se

houvermos de esperar pelos codigos, temos que esperar; e se so para então hemos de ver a reforma da justiça, quasi nulla será até então a constituição — a liberdade um nome, e os melhoramentos, palavras.

As Côrtes podem desde logo fazer examinar por uma commissão de homens habeis a legislação do processo civil e crime; ver aquillo em que ella se não compadece com a publicidade do foro, as emendas necessarias para isso; e por uma lei provisoria pôr logo em vigor e força ésta grande e essencial condieção de um govêrno legitimo e representativo. E não me argumentem com o estado embaraçado da legislação, com as difficuldades da immensidão, da variedade, da contraposição das leis: por muito mau que esteja o nosso codigo actual e seus supplementos, por immensa e indigesta que seja a molle de nossa legislação, nem póde ser igual, nem peior que a de Inglaterra, onde tudo é público, onde todas as causas crimes se decidem por jurados, e onde todavia as leis, sobre tudo as civeis, e particularmente as commerciaes, quasi todas são consuetudinarias, de estylo, arestos e julgados.

Mas todos estes bens eram nullos, todos os principios e effeitos da constituição incertos, se não désse ella um *meio*, que é o mais

efficaz, e a garantia mais segura de todas suas magnificas promessas: — a liberdade da imprensa. Responsabilidade dos funccionarios, igualdade da lei, independencia de magistrados, tudo seriam chymeras, se aos cidadãos faltasse este grande recurso.

Comtudo, assim como os governantes devem ser responsaveis pelo abuso de suas obrigações, assim tambem os governados pelo abuso de seus direitos.

Este artigo da constituição é na verdade impraticavel sem uma lei regulamentar: e ésta garantia salutar será com effeito funestissima sem um severo, prudente e sensato regimento.

Seja essa lei de ferro para os perturbadores da ordem, de sangue para os calumniadores, terrivel para a immoralidade, mas franca e protectora para a livre reprehenção dos vicios, dos abusos, dos crimes, para a communicação das luzes, etc.

Oh meu amigo, tremo quando considero na difficuldade, na delicadeza de tal lei; na prudencia, no saber, na boa-fé, na moderação que é necessaria a um homem para bem legislar em tal ponto!

E tudo isto devem fazer os deputados, e fazê-lo ja e logo. Se o demoram, se espaçam, se perdem o tempo em discussões vagas, ou

de menor importancia, mal estamos. O povo não sentirá os bens da constituição. E se depois de dois ou tres annos o povo ainda pergunta *o que é a constituição?*—ai da constituição e do povo!

Ora, eis-aqui, meu amigo, o que *tem de fazer* um deputado. Muito mais tem que fazer; leis que protejam o commercio, que o desentravem e libertem; reforma de estudos e educação pública; regulamentos que deem uma fórma respeitável e ponham na ordem e attitude que devem ter a segunda e terceira linha do exercito, etc., etc.; mas isto é o urgente, o que ja e logo devem fazer.

E á vista d'isto o que é necessario para ser bom deputado?

Agora ja a resposta é mais facil.

Amor desinteressado da causa pública.

Amor de liberdade legal, prudente e moderada, mas não timida nem cobarde (que a prudencia não é cobardia).

Religião, mas sem fanatismo: intelligencia, mas sôbre tudo das nossas cousas, e não so de estrangeirices e modernices affectadas.

Lettras mas sem *tretas;* saber bom e util, sem francezias, sem casquilhices de sciencia pedante: saber provado por escriptos, por desempenho de funcções, e não pelo ditto de

meia duzia de amigos que exclamam na sua roda: *Forte homem!*

Honra, probidade e inteireza de character sôbre tudo: que sem ella nem patriotismo, nem amor de liberdade, nem Religião, nem sciencia verdadeira póde haver, nem ha.

Portanto, sem éstas qualidades de *elegibilidade*, claro é, quaes devem ser as de *rejeição*.

Nada de homens que mudam com as circumstancias.

Nada de exaltados em materia nenhuma: estamos em um systhema conciliador, prudente: estamos para curar enfermidades chronicas, e não doenças agudas. Se veem medicos empyricos, matam-nos o doente: mandem gente séria e arrazoada e verão se sara ou não.

Nem ignorantes, nem sabichões que so sabem dos seus livros: mal por mal, antes aquelles que estes.

Militares poucos; negociantes alguns, mas de conhecido crédito e honra; magistrados os que não tiverem feito *casa* nos logares, e estiverem mal com os procuradores; empregados em geral os que não *commerciarem* em seus empregos; ecclesiasticos os prudentes e exemplares; lavradores abastados; fabricantes; em fim productores de toda a especie.

O resto, nada.

O homem que não tem profissão, nem exer-

ce emprêgo, nada: são membros inuteis do estado, não devem entrar na governança d'elle.

Marcou a lei 400$000 réis de renda para podêr ser eleito deputado; mas é necessario ter présente que esse termo é o minimo, e que em eguaes circumstancias o homem mais ricco deve ser preferido, porque é mais independente; e quando essa qualidade se junta a outras, dá-lhe realce e valia maior. Intenda-se porém isto bem—em eguaes circumstancias,—sendo tudo o mais bom, tam bom como os outros; porque havendo a minima inferioridade, antes mil vezes o pobre sabio, prudente, honrado, que o ricco ignorante ou mau.

Nada de *affidalgados*, desta gente que se envergonha da classe em que nasceu, e quer ser nobre por força: respeite-se o sangue dos filhos e descendentes dos heroes, dos benemeritos da patria, especialmente quando o merecerem e não degeneraram; mas despreze-se altamente, seja cuberto da irrisão pública o peão enfronhado em fidalgote, sempre miseravel sevandija e soberbo ridiculo. D'estes, infinito é o numero, por nossa desgraça; e na nossa provincia (o Minho) parece-me que mais abundante que em nenhuma do reino.

Deus nos livre d'elles; que não vão para la decretar *excellencias* e discutir de *senhorias*.

Adeus, meu amigo, estou cançado de es-

crever: a carta sahiu longa, e acaso a achará enfadonha: mas nem pude ser mais breve, nem escrevê-la melhor. Creio porém que se as nossas eleições forem por este geito, não sahirão mal d'esta vez.

Mas haja bons eleitores, que eu respondo pelos deputados. E a este respeito, importantissimo é advertir que o numero dos eleitores de provincia é pouco maior que o dos deputados que a provincia tem de dar, que não é provavel que esses eleitores vão buscar os deputados fóra do seu gremio. Portanto quem vota para eleitor deve lembrar-se que está votando para deputado.

Cautella com as caballas dos inimigos da causa e do Rei, com as intrigas dos falsos liberaes; vigilancia e discernimento; e tudo irá bem.

Deus o auxilie e illustre, e a todos nós, que bem o havemos mister.

Quanto a mim, que n'este caso tenho em geral o interêsse e empenho que V. sabe, e todos os poucos que me conhecem, particularmente o tomo na escolha que vai fazer a nossa honrada e heroica cidade, onde me glorio de haver nascido.

Deus guarde a V. muitos annos. Lisboa, 9 de septembro de 1826.—De V. , criado e amigo.=*N.*

MANIFESTO

DAS

CORTES CONSTITUINTES

Á

NAÇÃO PORTUGUEZA

EM

22 DE AGOSTO DE 1837

As Côrtes Geraes, Extraordinarias e Constituintes da Nação Portugueza resolveram unanimemente mandar publicar o seguinte Manifesto:

Convencidos, por muita longa e dolorosa experiencia, de que as nossas leis fundamentaes careciam de reforma, os Portuguezes reclamaram o antigo, e nunca renunciado direito, dos naturaes d'estes reinos, de haver recurso ás côrtes constituintes da nação.

O nosso principal defeito organico, o mais unanimemente reconhecido, era a viciosa e falsa representação nacional, que por abuso da Carta, se tinha constituido: não era possivel aggravar para ella d'ella propria, nem esperar o remedio do mal, da mesma origem

delle. A Nação appellou para quem convinha, e para quem devia.

D'este seu antiquissimo direito, tam antigo como a Monarchia, nenhuma Constituição escripta podia privar o Povo portuguez; que por nenhuma estipulação nos obrigámos, nenhum juramento nos ligou a cedermos d'elle.

Este direito, invocado pelo Povo, foi reconhecido pela Rainha, qne d'aquelle principio deriva a Sua Real Corôa, donde nós a nossa liberdade. Convocaram-se as Côrtes Constituintes, e com o mesmo direito com que em Lamego nossos Avós declararam que eram livres e se queriam constituir como taes; com o mesmo direito com que em Coimbra alteraram a Lei fundamental, e a ordem da Dynastia; com o mesmo direito com que, depois da revolução de 1640, restabeleceram e declararam a antiga Constituição do Estado, e deferiram a Corôa á Serenissima Casa de Bragança; com o mesmo direito com que em 1822 foi reformada essa antiga Constituição, entraram as Côrtes Constituintes de 1837 na revisão e modificações do Pacto Social.

Em todas aquellas epochas gloriosas, as facções disputaram sempre ao Povo, e ás Côrtes suas representantes, o inauferivel direito de que usavam. Hoje succede outro tanto, e por eguaes motivos. Os defeitos e abusos das

Constituições antigas davam larga á dominação dos validos, e ao desperdicio da fazenda publica. Como podiam deixar de ser illegaes e tyrannicas, na bôcca dos interessados, as Côrtes que taes abusos corrigem, as Côrtes que fazem reformas, as Côrtes que exigem economia?

Fortes com o poder que imprudentemente lhe haviamos deixado, riccos ainda da substancia publica com que durante seculos tinham engrossado, os inimigos do povo,—os mesmos sempre, os mesmos que hoje apparecem em campo contra elle,—poderam vencer-nos em 1823, porque nos acharam desarmados: dissolveram tumultuariamente a Representação Nacional; impozeram mãos violentas em muitos Eleitos do Povo; e annullaram, de puro arbitrio, a Constituição do Estado. Outro tanto tinham feito os Filippes; outro tanto fez depois o ex-Infante D. Miguel. Nenhum desses factos violentos alterou o direito, que permaneceu o mesmo. As Côrtes protestaram solemnemente por elle, e aquelle protesto ficou gravado no coração dos Portuguezes: não esqueceu, não hade esquecer nunca n'este paiz.

A consciencia remordia aos tyrannos pelo crime commettido: foi um grito d'essa consciencia a traidora proclamação de Villa Franca, que nos promettia outra Constituição livre,

a trôco da roubada. Nós ouvimos em silencio a promessa, como quem antevia o cumprimento que ella havia de ter.

Eguaes promessas nos fazem hoje: sabemos ja o que ellas valem. As palavras são identicas, os fiadores os mesmos, e de mais a mais experimentados.

O Senhor *D. Pedro IV*, de saudosa memoria, esse Principe Generoso e Magnanimo que duas vezes nos libertou, longa e porfiadamente teve que luctar com esta mesma facção, antes que podesse, não *dar* como falsamente se diz, mas *propor* a sua Carta á acceitação nacional.

Estão ainda muito vivas na memoria dos Portuguezes as intrigas que precederam o juramento da Carta, as que trouxeram a regencia do usurpador, as que prepararam e consolidaram a usurpação.

Como, e porque as havemos nós de esquecer? Porque alguns dos que então foram, e hoje tornam a declarar-se, inimigos do Povo, estiveram depois em nossas fileiras e combateram a tyrannia? Certamente pelejaram e nos ajudaram a vencer; mas emquanto elles, á custa do nosso sangue, de nossas vidas, de nossa fazenda, ganharam honras e riquezas, nós vemos ainda as nossas casas em ruina, e os nossos campos em baldio. Os ossos de nos-

sos irmãos alvejam ainda insepultos por esses desertos onde foram os arrabaldes de Lisboa e do Porto: e elles insaciaveis de mando e de ouro, ja desembainham a espada contra o Povo, porque o Povo não quer ser esmagado outra vez.

É verdade que pelejaram por nós contra a usurpação; mas para inutilisar, por fim, todo o fructo de nossos sacrificios, nessa deploravel Convenção de Evora-Monte, que restaurou a guerra civil, e entregou de novo á sorte dos combates a questão, ja decidida, da liberdade da Peninsula, e as Corôas Constitucionaes de duas jovens e trahidas Rainhas.

Aquella Convenção escandalosa, feita unicamente para proteger os Chefes e principaes culpados, nunca serviu de escudo aos infelizes e allucinados, a quem so devêra amparar. Desde esse momento a Nação Portugueza não pôde mais confiar nos que assim a perdiam e vendiam.

Os Portuguezes são generosos e indulgentes, queriam e querem perdoar e esquecer: então desejavam, assim como hoje desejam, a paz e a reconciliação da Familia Portugueza. Mas para aquelles que nos offerecem guerra, que recusam a mão de irmãos que lhes estendemos, e que entregam ao sacrificio tanta victima innocente de sua ambição des-

ordenada, para com esses a Nação Portugueza não póde ser generosa.

E ainda nos fallam em liberdade! Não a queremos por certo, liberdade que de taes mãos nos venha. Sabemos o que ella significa. Longe va o funesto presente da traição!

A Nação Portugueza tinha acceitado a Carta: nem o nega, nem o desagradece. Acceitou-a do mesmo modo e com as mesmas obrigações com que acceitára a Constituição de Lamego, e as reformas constitucionaes de Coimbra e de Lisboa. Nenhum povo ainda estipulou, nem podia estipular, que hade conservar intacta uma Lei, seja qual fôr, apesar dos vicios que lhe venha a descobrir, dos defeitos que a experiencia lhe mostre, dos abusos a que na pratica der occasião.

Nós jurámos a Carta; mas esse juramento não absolveu de outros mais antigos. Jurámos a Carta, mas não jurámos os flagicios que á sombra d'ella se acoitaram. Pelejámos por ella; mas o sangue que vertemos nem sanctificou os erros que ella continha, nem se derramou pelo titulo e algarismos de sua data, senão pelos bons principios que encerra. A esses ficamos sempre, estamos ainda fieis.

Se as leis de Deus e da natureza são immutaveis, é insultar a razão humana, é

blasfemar do Creador o pretender essa qualidade para as leis dos homens.

A legitimidade da Carta não vinha so da proposição Real, que teria sido nulla sem o acceite da Nação. Essa era a mesma legitimidade da *Constituição* de 1822; essa é a mesma legitimidade que hoje authorisa os trabalhos e a missão das Côrtes Constituintes.

Concidadãos, esta missão alta e difficil estava a ponto de completar-se. Mas aquella falsa representação nacional, que era o primeiro vicio do antigo regimen, por tal modo tinha deixado devastar a fazenda publica, que as Côrtes não acharam nem renda nem credito, mas a metade do Reino empenhado em Londres, a outra metade devida e perdida em casa. Cumpria acudir logo a este mal. E escolher, entre os gravames que nos viamos forçados a impor-vos, os menos pesados, nem era facil, nem prompto de fazer.

Até este mal vos causaram os destruidores de vossa riqueza, que para amparar as ruinas que deixaram, para ter com que pagar as dividas enormes em que gravaram o Thesouro Público, foi mister gastar muito tempo, e demorar a conclusão da Lei Fundamental do Estado. E todavia ia completar-se, quando os facciosos, vendo imminente a sua perda na reconciliação dos Portuguezes, e no restabe-

lecimento da ordem legal, cega e loucamente romperam n'essas tentativas de revolução, que a sensatez nacional por toda a parte repelle, mas ás quaes a força do ouro e das intrigas poderam immolar algumas victimas.

Forçoso foi suspender os nossos trabalhos constitutivos para salvar o decoro nacional; que não tomasse a rebellião por concessões o que entre cidadãos pacificos se estava estipulando.

Em poucos dias, expulsa a facção para longe, nós repararemos o tempo, que agora se não perde, porque todo o consagramos ao empenho de defender a Liberdade.

Portuguezes, lembrêmo-nos de que ésta não é a guerra de um partido contra outro partido. Se tal fôra, tam criminosos seriamos uns como outros. Da nossa parte é a Nação, como ella appareceu em agosto de 1820, como ella se mostrou em setembro, e mais decididamente em novembro de 1836, unida, unanime, invencivel. Da parte dos facciosos o que está? Alguns soldados seduzidos. Nem a população de uma aldêa os seguiu ainda; nem um corpo do exercito poderam arrastar ao seu partido.

Elles se teem um meio unico de vencer. É o de lançar a discordia entre nós, despenhando-nos na anarchia, para ahi afogarem a li-

berdade com a oppressão do despotismo. Este é o seu pensamento intimo, que por tantos modos revelam. Estejamos nós precavidos, que a sua victoria é impossivel.

Procedamos como Nação. A desordem é para as facções. Os grandes movimentos nacionaes são gravemente solemnes e ordenados, fortes de sua unidade, invenciveis pela regularidade com que marcham.

A Nação está armada; e as populações de Lisboa e Porto, que triumpharam dos oitenta mil soldados de D. Miguel, basta que se mostrem a esse punhado de rebeldes para os dissipar.

Sahiâmos pois a campo, que nem combater será preciso. Mas sahiâmos com ordem; que não vamos cahir no laço que os inimigos estrangeiros e domesticos nos estão armando. Assim, e para os mesmos fins, arrojaram elles a França aos horrores d'aquella espantosa revolução, em que a Liberdade se afogou no mesmo pegão de sangue, donde surgiu o despotismo.

Concidadãos, os vossos Representantes merecem a vossa confiança. Descançai o animo: elles velam no deposito sagrado que lhes confiastes. Morreremos, se cumprir, defendendo-o; mas emquanto vivermos, a liberdade dos Portuguezes, as prerogativas do Throno

da Sua Rainha, a Monarchia Constitucional e Representativa, qual nol-a entregou o Mandato do Povo, não hade ser tocada por mãos profanas.

Palacio das Côrtes, em 22 de agosto de 1837.=*Macario de Castro*, Presidente=*Joaquim Velloso da Cruz*, Deputado secretario=*Fernando Maria do Prado Pereira*, Deputado secretario=*Custodio Rebello de Carvalho*, Deputado secretario=*José da Costa Sousa Pinto Basto*, Deputado secretario.

CARTA AOS AUTHORES DO OPUSCULO

ÁCERCA DA ORIGEM DA LINGUA PORTUGUEZA

COMPOSTO E DEDICADO

AO

EX.MO SR. CONSELHEIRO J. B. DE ALMEIDA-GARRETT

POR

DOIS SOCIOS DO CONSERVATORIO REAL DE LISBOA

1844

Ill.^{mos} srs.—Agradeço a VV. a honra e favor que me fazem, dedicando-me a sua interessante memoria sobre a origem da lingua portugueza. Parece-me um trabalho erudito e consciencioso, que merecia melhor patrono e com mais poder de os ajudar do que eu, que não tenho senão zêlo e boa vontade.

De quando se organisou academicamente o conservatorio real, de que VV. são dignos socios, queria e desejava eu muito que a nossa secção de lingua portugueza se occupasse tanto d'estes trabalhos especulativos como dos praticos, não menos interessantes. A má sorte que se põe á cabeceira de todas as nossas coisas assim que nascem, e desde logo lhes assiste, como a moribundos que todos veem,

não permittiu até agora que nada se fizesse. Ainda bem que esta memoria por dois socios do conservatorio, veiu supprir a nossa negligencia, e mostrar que, ao menos, não é por falta de capacidade e de estudo que as coisas se deixam de fazer n'esta terra, senão por outras faltas que se lamentam ha muito seculo; e que de mal em peior, hoje chegaram ao que vemos, e que em seus mais agoirantos prognosticos ninguem pensou ver.

Imaginem pois o gôsto com que, por tantos motivos, li a sua excellente memoria. E fico esperando anciosamente pela parte complementar d'ella, — a parte verdadeiramente philologica ou glossologica — que deve seguir-se a ésta deducção historica que agora nos dão.

Antes d'ella apparecer, pouco me atreverei a dizer eu da opinião que tenho n'esta grande questão ja tractada por dois tam distinctos escriptores contemporaneos nossos, e que pouco mais ou menos é a mesma que está occupando os mais eminentes philologos da Europa. É possivel, somente direi, que a justa admiração pelo nosso seculo de ouro, o XVI, cegue alguma coisa os defensores da opinião latina; mas tambem é mais que possivel que a moda, o espirito reaccionario que em todas as coisas dos homens se manifesta em tempos e epochas sabidas, desvaire não

pouco tambem os defensores da opinião contrária.

O que não é possivel porém é revocar em dúvida os muitos e seguros factos que se ajunctaram e examinaram com tanto escrupulo na sua memoria, e que poderão interpretar-se talvez a outro geito, tirarem-se d'elles menos severas conclusões, mas destruir não se podem.

Ja Lope da Vega observou que em Hispanha havia iliadas sem Homero: devia dizer mais; que as havia antes que nascesse o cego de Scio. A Hispanha era a America dos antigos: instigava-os a cuidar de suas coisas, a mesma cubiça que nos fez tam interessantes, a nós, as regiões do Mexico e do Perú. Strabão assegura-nos que os Turdetanos (Andaluzes e Lusitanos) tinham chronicas escriptas, poemas e leis *de seis mil annos* de antiguidade. É verdade que se resalvou com a clausula «dizem»: aliás iriamos alem das primeiras semanas moisaicas com a chronologia turdetana do bom do grego. Este contar é o dos chinas nos seus annaes, e o de Plinio ácerca dos poemas de Zoroastro *sex millibus annorum:* talvez uma hyperbole popular das que nós usamos todos, e em todos os paizes, familiarmente, — um grande definido por um grande indefinido.

Sancto Isidoro e os Godos todavia referiam estas cantigas ao tempo de Moysés. E Salazar de Mendonça que escrevia em o principio do seculo XVII (Origen de las dignidades de España) positivamente as attribue a Tobal, filho de Japetto e neto de Noé, que véiu a Hispanha (dizem os nossos veridicos chroniqueiros) cento e quarenta annos depois do diluvio, e 2163 antes de Christo: o qual Tobal era tam cantante e poetico de sua natureza, que *diò las leyes en coplas!*

Mas, deixando o Salazar, que de certo, e quando menos, deve estar no Purgatorio, incambado de mãos e pés com o nosso Fr. Bernardo de Brito, outra é a authoridade de Strabão, e as leis e lettras que elle menciona provavelmente no-las trouxessem os Phenicios, que negociavam—ou em boa phrase antiga faziam seus resgates—em Tarshish, e fundaram Cadiz, bons tres seculos e meio antes de Roma (Heeren. histor. Research. II. 49).

Os Phenicios que tanto commerciavam e em tanta harmonia viviam com os judeus, que fallavam uma lingua similhante, cujo rei Hiram era bom alliado, e *como irmão* muito prezado d'el-rei Salomão, provavelmente conheceram os antigos escriptos do Testamento Velho e outros similhantes, que sabemos que havia d'aquellas edades e nações primitivas.

Estes versos, que eram codigo e eram chronica, resistiram é occupação romana: não ha duvida. Certo os Turdetanos adoptaram a lingua e a toga dos seus conquistadores (Strab. III). Mas os nossos Gallegos continuaram a huivar as suas canções nacionaes ao costume de seus maiores, diz Silio Ital. (liv. III). Marcial, apezar de tam romano que era, ainda conservou bastante espirito e amor hispanhol para aconselhar a Licinio, seu conterraneo, que ficasse fiel ás canções populares do seu paiz, ainda que os effeminados ouvidos da grande cidade as reputassem *rusticas* (Mart. liv. IV).

Mas os mesmos Italianos admiravam a grandiloquencia, e o *pingue quiddam atque peregrinum* de Ena, um dos filhos da antiga Cordova, a patria de Lucano e tantos outros escriptores da nossa Hispanha que foram sustentar a decadente litteratura romana. (Senec. de Suas. I. 6.)

Humboldt na sua obra famosa sobre os aborigines de Hispanha (Prütung uber die urbbewhner hispaniens 1821) cita dezeseis estancias em biscainho que descobrira em Simancas o moderno archeologo Ibarguen. É uma canção montanheza do tempo de Augusto, composta para lamentar a morte de Lelo, um certo Agamemnon biscainho morto á volta da guerra por sua mulher, que se tinha arran-

jado no entretanto com um tal Zara, o Egisto daquelles Atridas. São em coplas de quatro versos, os tres primeiros pentasyllabos; o terceiro menor, é como o estribilho da cantiga. Tem vestigios de consoantes e toantes, e são ainda intelligiveis para os Vasconsos modernos.

O mesmo Humboldt achou tambem entre os Vasconsos, um resto de canção popular (quasi sem sentido para os que ainda a conservam na memoria) que visivelmente se refere ao cantico druidico *Hai doun is dery dauno*—«Vamos, corramos ao bosque dos carvalhos».

É certo, porém, e aqui não sei se desvio algum tanto da sua opinião mais estreme,—é certo que a decadencia do imperio e a elevação do christianismo deviam mudar muito os costumes, os usos, e portanto a lingua das Hispanhas. Não creio que o cléro christão ficasse unico senhor da litteratura nacional; creio sim que exclusivamente cultivou a erudita, mas a popular não. E d'aqui a perpétua distincção de duas litteraturas, entre nós, que teem existido parallelas sem nenhuma tendencia a tocarem-se senão no fim do seculo XV para o XVI, e agora n'estes modernos tempos em que a litteratura popular parece querer regularisar-se, e tirar á sua rival a unica su-

perioridade que tinha, a das *fórmas*. Note-se todavia que ja o *Peristephanon* de Prudencio, poeta christão das nossas Hispanhas, que viveu no IV seculo, é escripto no actual metro popular octossyllabo; o dos romances e canções nacionaes em todas as linguas e dialectos da Peninsula.

D'este cancioneiro sagrado, e mais ainda, da versão do Evangelho em hexametros por Juvenco, outro poeta christão da Peninsula, diz S. Jeronymo, o severo traductor da vulgata: *Non pertimuit Evangelii majestatem sub metri leges mittere.* (Amos. 5.) Tal era ja então a tendencia que characterisa a nossa poesia hispanhola, o mysticismo religioso: uma das mais bellas e mais nacionaes feições que ella tem.

Em tudo isto porém creio eu ver que a este tempo os Celtas de Hispanha escreviam ja em latim, quando escreviam. Vieram os Godos e em latim escreveram, em latim faziam sua prosa e peiores versos, versos que elles mesmos chamavam *prosas*, e de que a litteratura nos conserva ainda exemplares nos missaes e breviarios. Esquecidos das leis do metro romano, substituiam-nas pelos versos alexandrinos, pela rhyma, pela *alliteração*, pelo toante. Sancto Isidoro, o mais sabio dos Godos, cança-se de erudição para desenvolver os

mysterios da metrificação latina que ninguem mais sabia ja então para cá dos Pyrineos. Valerio, um bispo do tempo d'el-rei Wamba, fazia versos em latim barbaro pela medida da nossa actual redondilha maior de oito syllabas, e chama-lhe—*prosas*.

Não tardaram os mouros a modificar e alterar por novo modo a litteratura e a lingua á Hispanha. Os christãos mosarabes (que viviam misturados com os arabes)—«ja não sabiam»—lamenta o devoto Alvaro, cujas palavras nos conserva Flores na *España sagrada*—«ja não sabiam latim; um entre mil, «e faziam a sua delicia das pompas, metros e «rymas chaldaicas. A mocidade christan, *Ara-«bico eloquio sublimati*, desprezava as fon-«tes do paraiso que manavam da sancta egre-«ja.» E o mesmo bom e devoto Alvaro tinha com sancto Euloquio uma correspondencia em versos rhymados que elle achava—*mele suavius, fabis jucundis*—mais doces do que favas com mel.

D'esta versificação nasceu visivelmente a lingua actual, e a sua poesia, que ainda hoje se expressa pela mesma palavra—*romance*.

Ellis, o famoso litterato e collector de romances e balladas inglezas, define a lingua romance ou *roman*: «Todos os dialectos «das provincias europeas do imperio cuja

«base era o latim vulgar, quaesquer que fos-«sem os outros ingredientes que na mesma «composição entrassem.» — (Leurs, Essay on the origin of the romance language, 1835). Esta é a opinião de Schlegel contraria á de Raynouard que queria fazer o Provençal a lingua commum da Europa, o que de certo nunca foi. Os romances (linguas) hispanhoes são outros tantos dialectos que nasceram da conquista gothica, modificados, mais pelo celta aborigine, mais pela predominação arabe, segundo as circumstancias locaes. Isto é o que parece mais provavel. Como o latim se formou do hellenico e do oscano, o *romance* ou lingua roman da Peninsula nasceu principalmente do theutonico e do latim; mas se houvermos de crer os mesmos Godos, que não são suspeitos, principalmente do latim. Foi uma transacção entre os vencidos e os vencedores, em que cada um cedeu do seu para formarem um terceiro idioma. Entrou com mais o que mais tinha.

Primeiro a Provença, a *provincia* por antonomasia, que fôra isempta das guerras e mal tocada pela conquista, depois a reacção dos eruditos, continuada sempre — e crescente até o seculo XVI e talvez até hoje, retrotrahiram a lingua *roman* para a lingua romana: latinisaram mais e mais o degenerado ro-

mance para a sua origem; mas não foi dar-lhe um character que elle não tivesse, foi apurar-lhe o character que se lhe alterára.

Tal é, meus senhores, a opinião que eu tenho em geral sobre este tam controverso ponto da nossa questão: opinião que vai, como todas as minhas, por meio dos batalhões disputantes, sem agradar a nenhum, e havida por inimiga de todos. Não o é, a coitada, eu lh'o asseguro; mas quer talvez o impossivel, que é congraçar opiniões inimigas.

Oxalá que VV. façam esse impossivel, que a verdade e a litteratura não ganharão pouco.

Acceitem o agradecimento e o protesto de sincera estima com que sou—De VV. muito attento venerador e creado.=*J. B. de Almeida-Garrett.*

Boa-viagem, 18 de setembro de 1844.

DA ANTIGA POESIA PORTUGUEZA

Publicado na *Revista Universal Lisbonense*
No anno — 1846

Cantigas ou canções de Egas Moniz-Coelho

D. Violante, segundo as tradições da poesia e do romance, foi um d'aquelles prodigios de belleza e de graças, que adoravam os trovadores antigos, de quem faziam o seu idolo, a sua vida, o seu Deus. Egas, primo do outro Egas, — o aio fiel de D. Affonso Henriques, tinha consagrado a Violante a sua alma, a sua espada e o seu alaude, com a religiosa e cega devoção de um cavalleiro e de um trovador. Elle, primo do outro Egas Moniz, o aio fiel de D. Affonso Henriques, ella dama da rainha, deviam de ser eguaes em nobreza, e parece que o seriam nos outros dotes accidentaes de corpo e estado. Mas, ou os rendimentos do poeta somente eram acceitos por vaidade, ou as feições da nobre donzella foram violentadas por maior poder que o de sua paixão — se a tinha.

Como quer que fosse, Egas Moniz ignorava,

mas presentia o seu destino, quando ao sahir da côrte de Guimarães para as bándas do Mondego, se despedia de Violante na sentida canção que é a primeira das duas que nos pretendem haver conservado — Deus sabe como — os nossos antiquarios.

O presentimento cumpriu-se: porque ou ella se esqueceu do pobre Egas ausente e se agradou de um guapo castelhano, que andava na côrte e que viera, dizem, com a rainha, ou lh'o deram por marido sem consultar o seu coração, e a fraca donzella cedeu.

De um modo ou de outro, o trovador foi abandonado; e poeta *consciencioso* e fiel aos seus, tantas vezes *trovados* juramentos, assentou de morrer devéras despedindo-se da sua 'cruel e doce inimiga' em uma lastimada canção, que realmente tem muitas e sinceras bellezas, assim ella seja tam genuina como eu desejo, e a severa critica duvída.

A obra posthuma do nosso poeta, fez mais impressão do que as que tinham apparecido em sua vida. Violante atormentada de remorsos e de saudades, não quiz sobreviver a tanto amor, invenenou-se.

Aqui está o que nos contam de Egas Moniz Coelho e da sua Violante, os escriptores que o numeram entre os nossos primeiros poetas. Serão com effeito d'elle estas duas can-

ções que Miguel Leitão, Faria e Sousa e A. Ribeiro dos Santos, não sei porque, chamam cartas, e piedosamente crêem que foram achadas no castello de Arouce (Louzan) quando o tomaram dos mouros? Ou serão ellas tanto de Egas Moniz como eram de Medea ou de Penelope, as que em seu nome escrevia Ovidio a Jason e a Ulysses?

Não sei: ha pensamentos verdadeiramente antigos, mais legitimamente antigos que as mesmas palavras, em que se conhece affectação ás vezes. Póde ser porém, — e não era o primeiro exemplo de piedosa fraude philologica — póde ser que o fanatismo dos archeologos receiasse dar na singeleza em que o achou o texto d'estas trovas, — ou porque no original assim o era, ou porque nas copias se tivesse ido vulgarisando — e para confundir a impiedade dos scepticos, lhes introduzisse palavras obsoletas, archaismos improprios e talvez anachronicos, só por dar, o que suppozera maior ar vetusto, ao seu achado.

O pensamento e contextura de certo não desdizem do seculo XII a que são attribuidas.

O meu texto é correcto á vista, e pela confrontação das tres lições que temos; e creio que muito melhorado de qualquer dellas por mais racional pontuação e mais logica.

A traducção em vulgar facilitará a intelli-

gencia prompta do sentido: o que os glossarios nem sempre conseguem.

V. Miguel Leitão de Andrade, Miscelan, dialogo XVI; Faria e Sousa, Europ., tom. III, p. IV, c. IX; A. R. dos Santos, Ms. na bibl. publica de Lisboa.

A VIOLANTE

Primeira canção

(Texto antigo)

Fincaredes bos embora
Taom coitada,[1]
Que ei boi-me por hi fóra
De longada.[2]

Bai-se o bulto do mei[3] corpo
Mas ei[4] nom
Que ós[5] cocos[6] bos finca morto
O coraçom.

Se pensades que vom,[7]
Nom no pensedes;
Que chantados[8] embos estom[9]
E nom me bedes.

[1] A quem tanta coita faço, tanto chóro. [2] De longa viagem. [3] Meu. [4] Eu. [5] Aos. [6] Çapatos, borseguins, por pés. [7] Vou. [8] Posto, degrádo. [9] Estou.

A VIOLANTE

Primeira canção

(Em vulgar)

Ficae vós em boa hora
        Tam chorada,
Que eu vou-me por ahi fóra
        De longada.

Vai-se o vulto do meu corpo
        Mas eu não,
Que aos pés vos fica morto
        O coração.

E, se pensais que eu vou,
        Não no pensedes;
Que unido com vosco estou
        E não me vedes.

Mei jazido [10] e mei amar
Em bos se acara; [11]
Grenhas tendes de espelhar
Lúzia face.

Nom farom estes meis olhos
Tal abesso [12]
Que esgravizem [13] os meis dolos [14]
Da compêço: [15]

Mas se ei for para Mondego,
Pois la vom,
Carulhas [16] me fagam cego;
Como ei som.

Se das penas do amorio [17]
Que ei retouço [18]
Me figerem tornar frio,
Como ei ouço. [19]

Amademe, se queredes,
Como luseo; [20]
Se no, tórvo [21] me acharedes
A [22] muy fuseo.

[10] Estada, ser, assento, posição. [11] Une, fixa, *ou melhor*, revê. [12] Coisa tam avêssa, errada. [13] Esmiucem, contêm um a um. [14] Pezares, males. [15] Do começo, do principio. [16] Carochas, bichos maus. [17] Penas d'amor. [18] Com que lido, em que me revolvo. [19] Como te oiço, como pareces receiar. [20] Assim com pouca vista, meio cego. [21] Cego de todo. [22] E.

Em vós meu ser, meu amor
Que de vós nasce;
Tranças tendes de espelhar,
Lucida face.

Não quero os olhos voltar
Tam d'avesso
Que os meus males va contar
Do começo:

Mas se eu for para Mondego,
Como vou,
Carochas me façam cego
Que ja o sou!

Se n'estas penas d'amor
Com que lido,
Como dizeis, esfriar
O meu sentido.

Amae-me assim, se quereis,
D'este modo;
Senão peior me achareis,
Cego de todo.

Se me bos a mi leixardes...
Deis[23] me garde!
Nom as meis[24] bos de queimardes
Isto que arde!

Ora nom deixedes nom,
Ca sois garrida![25]
A sa não[26], cristelejon
Per inha[27] bida.

[23] Deus. [24] Tratteis, façais diligencia, impenheis.
[25] Bonita. [26] E se não. [27] Minha.

Se me vós a mim deixardes...
        Deus me guarde!
Que fareis vós em queimardes
        O que ja arde?

Ora não me deixeis não,
        Que sois garrida!...
E se não kirieleisão
        Por minha vida.

A VIOLANTE

Segunda canção

(Texto antigo)

Bem satisfeita fincades[1]
Corpo d'oiro:
Alegrade a quem amades,
Que ei ja moiro.[2]

Ei bos rogo bos lembredes
Que bos quige,[3]
A[4] que dolos nom abedes
Que ei bos fige.[5]

Cambades[6] a Pertigal
Por Castilla.
Abasmades o mei[7] mal...
Que dor me filha.[8]

Granhais-me[9] por castijanos...
Pestineque![10]
Achantais-me[11] binte enganos
Que ei me seque![12]

[1] Ficais. [2] Morro. [3] Quiz. [4] E. [5] Fiz. [6] Trocais. [7] Desprezais. [8] Toma. [9] Deixais-me. [10] *Interjeição, e não nome proprio como imaginou A. R. dos Santos (!) Talvez:* Peste os mate, Peste n'elles! [11] Pregais-me. [12] Sêco, morto seja eu!

A VIOLANTE

Segunda canção

(Em vulgar)

Bem satisfeita ficais,
    Corpo de oiro.
Alegrae a quem amais
    Que eu ja moiro.

Mas peço que vos lembreis
    Que vos quiz,
E que penas não haveis
    Que vos eu fiz.

Trocastes a Portugal
    Por Castella,
E levais-me alma — inda mal!
    Que dor hei n'ella!

Deixais-me por Castelhanos...
    Negra sorte!
E teceis-me mil inganos
    Por me dar morte.

Bedes moiro, bedes moiro,
Biolante!
Longe va a sestro[13] agoiro
Por diante!

Bos bibede hu centanario[14]
Mui garrioso[15]
Qu'ei me bou para trintario[16]
Lagrimoso.

A, se a vossa emembrança[17]
Ei bier
Dizei: «Egas tem folgança!»[18]
Hum xiquer.[19]

A, se ouvirdes na mortulha[20]
Os campaneiros[21]
Retouçado[22] na mormulha[23]
Os marteiros;[24]

Quando ouvirdes papear
O castejom,[25]
Membredos[26] lhe fige dar
Ja de cotom.[27]

[13] Sinistro. [14] Cento d'annos. [15] Garrido, feliz. [16] Trinta dias de preces pelos mortos. [17] Lembrança. [18] Felicidade. [19] Siquer ao menos. [20] enterramento. [21] Campanarios. [22] Revolvei. [23] Memoria. [24] Martyrios. [25] Castelhano. [26] Lembre-vos. [27] Com o coto ou couto da lança *talvez*. Ou com o coto, com a mão, bofetão.

Vêdes moiro, vêdes moiro,
Violante!
Longe va o sestro agoiro
Por diante.

Vós vivei um centenario
Mui ditoso,
Que eu me vou para o trintario
Lagrimoso.

Se um dia á vossa lembrança
Eu viver,
Dizei: «Egas, tem folgança!»
Dizei siquer.

Quando ao meu enterramento
Se tocar,
Revolvei no pensamento
O meu penar;

E quando esse castelhano
Basofiar,
Lembrae-vos que desingano
Lhe fiz ja dar.

A, que bos quije e requije
Como ber!...
A, nunca em coisa bos fige
Desprazer!

Nom bos podo mais fallar
Qua[28] me fallejo[29]
Ca[30] bem podedes asmar
Qual ei sejo.[31]

Tenho todo o arcaboiço[32]
Sem feison[33]
Mas ei bos bejo e oyço
No coraçom.

Bedes, me boy descaindo
Nésta hora...
Bos, amor, fincade rindo
Muito embora!

[28] Aqui, ca. [29] Falleço. [30] Que, por que. [31] Seja. [32] Corpo. [33] Facção, vida.

Ah! que vos quiz e requiz
Como o ver!...
E em coisa alguma vos fiz
Desprazer!

Não vos posso mais fallar
Bem me fino...
Bem podeis imaginar
Qual sou mofino.

Tenho todo o arcaboiço
Sem feição,
Mas inda vos vejo e oiço
No coração.

Vêde, ja vou descahindo
N'esta hora...
Vós, amor, ficae-vos rindo
Muito embora!

O TRAGA-MOURO

Publicado na *Revista Universal Lisbonense*
No anno — 1846.

O TRAGA-MOURO

Gonsallo Hermigues, o Traga-mouro, é o primeiro nomeado dos nossos trovadores, d'aquelles poetas guerreiros da meia-edade que faziam as suas Iliadas com a espada e as cantavam no alaude depois. E, seja este um verdadeiro character de historia litteraria, ou seja apenas um mytho em que as gerações posteriores quizessem personalisar o espirito cavalheiresco e poetico do tempo, o certo é que o seu nome e a sua imagem entraram no Walhala dos Lusitanos, d'onde os não expulsaram nunca os severos requisitorios da critica moderna. Nenhum *advogado do diabo* faz j'agora revogar a sentença do consistorio popular que beatificou o nosso Traga-mouro,

declarou genuinas as suas toscas e quasi inintelligiveis trovas, e como reliquias preciosas as collocou, a par de sua imagem, no altar sagrado das mais queridas recordações nacionaes.

Seja Frei Bernardo de Brito convencido de impostor, Miguel Leitão de Andrade de trapasseiro, Faria e Sousa de credulo, fiquem Sarmiento e André desconceituados, e o nosso bom velho Antonio Ribeiro dos Santos havido por um pobre homem; tenham embora razão, contra todos estes que assim o creram, o terrivel João Pedro Ribeiro e o Dr. Bellermann, que lh'o negam; tudo isso póde ser, menos deixar-se a poesia portugueza desappossar de Gonsallo Hermigues, da sua Oriana, e da sua canção ou cantar — embora mais gallego que outra cousa, é verdade; mas queremo-lo e crêmo-lo assim: deixem-nos com a nossa fé do carvoeiro.

Gonsallo Hermigues foi um famoso guerreiro da côrte e dos ultimos tempos de D. Affonso Henriques (rein. 1128–1185). Era filho de Hermigio Gonsalves, o Luctador, a quem mataram os mouros na batalha de Campo de Ourique. 'Foi cavalleiro mui signalado nas armas — diz Antonio Ribeiro dos Santos, resumindo os historiadores antigos — e de quem no paço se fazia grande conta, por ser, alem

de valoroso, de alegre conversação e gentil pessoa, e de mui bons dittos e motes que fazia; teve por sobrenome o Traga-mouro, appellido que lhe deu o grande ânimo e valor com que se havia extremado nas batalhas e recontros de guerra contra os mouros, e nas correrias que fazia em suas terras.'

Um dia, eram vinte e tres de junho do anno de graça mil cento e tantos, estava o nosso Gonsallo Hermigues com outros cavalleiros de sua banda e facção — dos que tomavam parte larga em suas galantes e arriscadas emprezas, e que por toda a parte repettiam com enthusiasmo as façanhas gloriosas que lhe viram obrar, e as trovas ingenhosas em que lh'as ouviam cantar.

Devisavam os mancebos, com a sôlta alegria de sua edade, sobre graças de bellas damas e gentilezas de guapos cavalleiros, e ingenhosos motes de espirito com que a uns e outros primores celebrava a diurna e gaia, ou alegre sciencia do trovador — que assim se chamava então a arte do poeta.

—'Ha muito, disse um, que o Traga-mouro não faz uma trova que se cante.'

—'Nem um feito que se trove', respondeu outro.

—'Vel-o-hemos cedo monge de Alcobaça pelo geito que leva; e la trovará em francez

com os frades ou em provençal, ou no quer que é que elles fallam.'

—'Fallam um romance que é differente do nosso, mas intende-se.'

—'Como eu intendo as trovas de Aragão e de Catalunhà; e mais são bem arrevezadas. Bons trovadores são os catalães!'

—'E bons justadores!'

—'E a batalhar não dou licença que nenhum castelhano lhes ponha o pé adeante.'

—'Castelhanos e leonezes são mais homens a cavallo do que ninguem: vêde-m'o Cid Ruy Dias!'

—'Que casta de chronica é essa, que diz que fez em coplas de arte maior um tal padre Ubeda, dos feitos e gestos do Cid?'

—'Uma coisa que parece latim, sem graça nem donaire de romance; trovas de breviario cheiram a frade. Cantigas de cavalleiros, hãode fazel-as cavalleiros. Que hãode fallar clerigos de damas? Como se hade sentir o tinir da espada no bater das coplas, se as não fizer quem está costumado á musica das batalhas, ao sonido constante do ferro? Coplas de gente de guerra querem-se feitas por este compasso, que não é tanger de sinos a matinas n'um campanario de frades.'

—'E viva o Traga-mouros que fallou como quem sabe. Quando nos has de tu fazer

uma trova por esse compasso? Já são velhas as outras como o Kirieleison.'

—'Ámanhan... esta noite...'

—'Aonde? vamos já afinar os instrumentos.'

—'E vamos que o tanger será de primor. Esta é a noite de San'João.'

—'Noite de amorio e de folgança.'

—'Para christãos e para mouros.'

—'Então deixá-los em paz.'

—'Não. Quem lhe manda aos mouros fazer festas ao nosso sancto?'

—'Bem ditto!'

—'Antes de romper d'alva havemos de estar ao pé de Alcacer do Sal. A campina é formosa e florida. Mais lindas são as mouras que hãode-vir apanhar as flores e as orvalhadas do sancto. Nós escondidos de um bravo azinhal que alli ha; os barcos promptos no rio... Que venha a mourama toda defendêl-as, havemos de trazer as melhores flores que apparecerem na campina.—E fraco trovador hade ser o que não achar materia para quatro coplas... que nem aragonez nem provençal tenham que lhes dizer.'

—'A elles!'

—'A elles!'

E imbarcaram-se logo, e chegaram á cilada, a tempo. Inda mal rompia a manhan

abriam-se as portas da villa e começaram de saír, em som de festa e de alegria, chusmas de donzellas mouras a qual mais linda e a qual mais descuidada do perigo que lhes estava tam perto.

Entre todas se distinguia como a assucena entre as violetas, virgem real de candura e de belleza uma jovem moura, mais delicada de fórma, mais singella no trajo, e todavia mais superior no garbo... e n'aquelle não sei que mais para sentir do que para ver, que separa, do vulgo das mulheres, uma... essa uma tam rara de encontrar.

De musquetos, de madresilvas, de ourégams, de boninas e de violas, já umas levàvam ás regaçadas, outras teciam capellas... Os jovens cavalleiros imbuscados viam tudo e aguardavam impacientes o signal de Hermigues para romperem da cilada. Incostado ao tronco de uma árvore que debruçando a copa até o chão permittia ver tudo aos escondidos sem os deixar ver de fóra, elle contemplava immovel o espectaculo que tinha deante dos olhos sem perceber a impaciencia dos companheiros.

—'É aquella' disse de repente o Tragamouro, voltando-se para elles 'é aquella a que eu vi hontem.'

—'Hontem, aonde?'

—'No ceo.'

—'No ceo! está louco o trovador.'

—'No ceo. Foi um sonho que tive. Mas é aquella.'

E sem dizer mais, rompeu d'entre as devezas e foi direito á linda moura que tanto se aventajava ás outras todas e que sentada na alcatifa da relva parecia escolher, entre as regaçadas de flores que lhe traziam as companheiras... e não acabar de acertar com a que lhe agradava...

Seguem-n'o os outros de tropel. O espanto corta a voz e intorpece os passos das mouras. Cada qual dos cavalleiros toma a sua nos braços. Ja se vê qual levaria Gonsallo Hermigues.

Corriam para os seus bateis. Levanta-se o alarido das mouras, que ficavam, acodem os paes e os irmãos... e os bemdittos maridos tambem, que vinham sahindo da villa. Cresce a chusma dos mouros. Ja andam no ar as espadas e os alfanges. Trava-se renhida a peleija. Mas os christãos chegam com a sua presa aos bateis. Todos não! Gonsallo Hermigues, para salvar os companheiros, teve de largar a preciosa carga que lhe não deixava livre o jôgo da espada.

—'Embarcae e tende-vos com os bateis sem largar.'

E, só, investe com um tropel de mouros que se lhe põe de diante, rompe-os e vai apoz um galhardo e possante mancebo que já lhe fugia com a sua Oriana.

A jovem belleza ia desmaiada nos braços do seu salvador — era o espôso que lhe estava destinado, ricco e poderoso senhor de muitas terras d'além Tejo. — O mouro corria, mas Hermigues voava. Ja estão junctos; o arabe treme de raiva e de despeito, sobre um combro de areia que alli viu mais a geito depõe a desmaiada belleza, e começa um tremendo duello de morte em que toda a sanha de christão a mouro, todo o odio e todo o valor das duas raças inimigas pozeram o último de sua terrivel potencia.

Mas o Traga-mouro venceu; a estrella do destino era sua. Com a última luz que lhe foge dos olhos, o arabe viu fugir o christão levando o premio do combate.

Ninguem se tem deante d'aquella espada; os mouros fogem como aterrados de um pôder sôbre-humano, confundidos pela pasmosa audacia de um só homem contra tantos. Gonsallo Hermigues está nos bateis e os bateis a vogar.

D'alli a poucos dias, Gonsallo Hermigues estava na sua herdade de Ourem. Fatima revestida dos brancos veos de catheecumena, re-

cebia na igreja, com o baptismo, o nome de Oriana, e logo a mão do seu roubador que perpetuamente se lhe consagrou com as sanctas bençãos nupciaes.

N'esse dia cantava o trovador as mais bellas e as últimas alegres trovas que soaram alegres nas cordas do seu alaude. São as unicas de que chegaram alguns echos até nós.

Oriana adorava o esposo e o encheu de quanta felicidade se pode ter na terra. Mas os transes e agonias d'aquella fatal manhã de San' João tinham apertado de mais com o fio de uma vida tam delicada.

A perfeição da graça feminina não se dá nunca — triste condicção! — senão em existencias debilmente construidas. É flor que não abre perfeita e mimosa em ramo de seiva forte e possante... Oriana morria-se no coração, e tinha a vida nas faces e nos olhos; vivia n'esse ingano o amante, e ella ajudava-se a viver de o inganar. Mas um dia a verdade chega de repente, cortou a illusão. Oriana agonisava nos braços do infeliz que mal podia crer na funesta realidade do que estava vendo.

Na mesma capella em que renasceu por Deus ás fontes baptismaes, e em que sagrára ao pé do altar os seus romanescos amores,

Oriana jaz cuberta para sempre da loisa do sepulchro. E o Traga-mouro em cima d'aquella cova, onde sumira para sempre toda a sua felicidade da terra, vestiu a cogula da penitencia e de abnegação do mundo, e, com mais cinco de seus antigos companheiros nas vans glórias d'esta vida, fundou e dotou o convento da ordem de Cister que muito tempo se chamou Sancta Maria dos Tamaraes.

Não passaram muitos annos, veio outra manhan de San'João; tangia o sino para o côro, accudiam os frades todos . . . menos um. Era frei Gonsallo que de antes do romper d'alva fôra visto andar a colhêr flores na cêrca segundo era seu costume todos os annos naquelle dia. Foram dar com elle estendido sobre a campa de Oriana, debruçado n'um feixe de goivos e boninas e sobre ellas tinha acabado de padecer.

Interraram-no aonde morrêra, na mesma cova, e com aquella mortalha de flores ainda rociada dos orvalhos de San'João e das ultimas lagrymas que chorou na terra.

Da sua memoria ficou saudoso monumento

na tradicção dos povos; das suas trovas so nos chegaram echos imperfeitos, das que compoz para celebrar a sua romanesca e última aventura.

São em tam obscura e cerrada linguagem que boa razão tem Faria e Sousa de dizer que se lhe não póde achar sentido.

Depois das laboriosas interpretações e commentarios de A. Ribeiro dos Santos, atreveu-se porém a traduzil-as em allemão o dr. Bellermann. Eu tambem me pareceu mais conveniente aventurar uma traducção em portuguez vulgar, do que amontoar glossas e commentos, que por fim, inredassem mais do que acclarassem as difficuldades e obscuridades do texto.

Todos os nossos auctores, e o erudito castelhano P. Sarmiento attribuem esta composição ao seculo XII, apezar de haver documentos portuguezes da mesma epocha mais claros e intelligiveis. O abbade André quer que ella seja anterior; J. P. Ribeiro, como já disse, considera-a apocripha. Eu, fiel ao meu systema, juncto o documento, aponto os factos, cito os arrazoados dos criticos e faço tudo concluso ao público.

Na edição que dou do texto, escolhi d'entre as varias licções, ora esta, ora aquella que melhor me pareceu.

Vej. Fr. B. de Brito, *Chron. de Cister,* L. IV, C. I; Faria e Sousa, *Europa Portug.*, tom. III, P. IV, C IX; Mig. Leitao d'Andrade, *Miscel.*; Sarmiento *Obr. posth.*, tom. I, Madrid 1775; Abb. D. J. André *Orig. progress. est. da litteratura*, tom. II; A. Ribeiro dos Santos, Ms. na bibliotheca pública de Lisboa; D. J. P. Ribeiro, *Dissert. chron. e crit.*, tom. I; dr. Bellermann *Die alten Liederbucher der Portug.* (Berlim, 1840.)

CANÇÃO

(Texto antigo)

Tinhera bos, non tinhera bos [1],
Tal a tal ca assoma! [2]
Tinherades me, non tinherades me [3],
De la vinherades, de ca pilharedes
Ca andabia [4] tudo em soma.

Per mil goivos trebelhando,
Oy, oy! vos lombrego...
Algorem se ca [5] da folgança,
Asmei eu, perque da terrenho
Nom a hi tal perchego.

[1] Assim lê.—Bellermann. Brito, lê—*Tinherabos, non tinherabos*. Cancioneiro Portuense (do dr. Gaulter) *idem*. Faria e Souza—*Tinhe rabos, non tinherabos*.
[2] Assim lê, o Cancioneiro Portuense. Brito: *Monta!* Bellermann: *Monta*. F. e Souza: *Monta?*
[3] Assim lê, Brito, Canc. Port., Bellermann. F. e Souza: *Tilharedes?*
[4] Canc. Port, Bellermann. Brito, F. e Souza: *Amabia*.
[5] Andrade, F. e Souza, Bellermann. Canc. Port: *De*.

CANÇÃO

(Em vulgar)

Ora vos tenho, ora não,
E um a um elles que chegam!
Ja me apanhais e já não . . .
D'aqui largam, e d'alli pegam,
Que anda tudo ao repellão.

Por mil goivos retoiçando
Ai, ai, que vos avistei! . .
Ja sei porque ando lidando,
Que em taes terras, bem pensei
Melhor fructo não verei.

Ouroana, Ouroana, oy tem [6] por certo
Que inha bida [7], do biber [7]
Se olvidrou [8] per tu alvidro [8] perque em cabo
O que ey de la chacone [9], sem referta,
Mas nom a [10] perque se ver.

[6] Andr., Canc. Port., Bellermann.—F. e Souza: *Oytem*.

[7] Andr., Canc. Port., Bellermann. F. e Souza: *Vida, viver*.

[8] Brito, Bellermann.—F. e Souza, Ribeiro dos Santos: *Olvidou*.

[9] Canc. Port., R. dos Santos.—Brito, F. e Souza, Andr, Bellermann: *Chebone*.

[10] F. e Souza, Canc. Port.,—Bellermann, e R. dos Santos: *Nom ha*. Brito: *Não ha*. Em gallego e portuguez antigo escreveu-se sempre: *Nom a*.

Oriana, Oriana, oh, tem por certo
Que esta vida, do viver,
Toda em ti se olvidou n'aquelle appêrto.
E o que, em trôco eu vim a haver
Não ha mais para se ver.

Traducção allemã do dr. Bellermann

Schon hielt ich euch, dann hielt ich euch nicht,
Hierhin und dorhin neigt sich der Kampf,
Ihr hattet, und hattet wieder mich nicht,
Von dort kamt ihr her, iher fuhrtel ihr fort,
Von allen Seiten wogte die Schaar.

Dort in tausend Scherzen spielend
O musst'ich euch erschauen,
Etwas liebliches gewahre ich dort,
So dacht'ich bei mir, ein besser lagen
Giebt's nicht auf diesen Auen.

Ouroana, Ouroana, o glaub'es sicher,
Nun erst gewann mein Leben
Des Lebens Werth durch deine Wahl, nun endlich
Halt mich gefangen, was ich dort erkampft,
Und nimmer kaun es Schoneres geben.

OS FIGUEIREDOS

Publicado na *Illustração*, jornal universal
No anno — 1845 a 1846

OS FIGUEIREDOS

O célebre Cancioneiro, ditto do Collegio dos Nobres, porque ahi estava quando Lord Stuard houve a cópia d'elle que imprimiu em París, é provadamente um manuscripto do seculo XIII, e contém uma collecção de poesias tam perfeitas ja de metro, tam artificiosas na rhyma, de uma linguagem tam apurada que ninguem se atreverá a dízer que similhante litteratura possa ser producto e expressão de uma civilisação que principía, de uma lingua que está balbuciante. Não é aquella a poesia primitiva da nação que se declarou independente no Campo de Ourique, e que com sua mais proxima irman, a das provincias gallegas, fallava ha muito uma lingua, doce e energica, menos forte talvez, porém menos aspera tambem que a que viera

das Asturias apperfeiçoar-se em Leão para ir d'ahi a Castella e vir a dominar na maxima parte das Hispanhas.

Os codices contemporaneos não nos conservaram nada d'essas primeiras tentativas poeticas n'esta extremidade da peninsula iberica. A tradição oral dos povos, e alguma cousa que d'ella se colligiu nos fins do XV e XVI seculo, são as unicas reliquias que nos restam.

Nem todas serão authénticas: não pretendo pelejar sôbre isso: algumas teem inteiro character de o serem.

Começa a historia da poesia portugueza com a mais romanesca e romantica aventura das primeiras eras da renascença christan da Peninsula. É a que celebram as trovas dos Figueiredos, verdadeira cantiga narrativa feita em linguagem popular para commemorar um grande feito, acreditado por certo, e havido por glorioso na opinião dos povos. Taes são os characteres distinctivos da poesia primitiva das nações; e todos elles se verificam n'esta pequena composição que tanto desconceituaram de genuina, especialmente n'estes ultimos tempos, os merecidos descreditos do primeiro historiador que a publicou, Frei Bernardo de Brito.

O bom do frade contou muita fábula, como

todos os collectores das coisas primordiaes de uma nação, que se vão perder sempre em maravilhas, confusas entre a luz e as trevas do crepusculo de seus primeiros seculos. Mas parte d'essas fábulas, se são fábulas, já muitos centos de annos antes d'elle, tinham obtido credito geral.

E assim foi no presente caso.

Tambem não ha razão nenhuma para duvidar de que no seculo XVI Frei Bernardo ainda achasse na tradição oral do povo um romance composto quatro ou cinco seculos antes, quando ainda hoje vemos conservadas na mesma tradição outros romances e cantares que positivamente sabemos, por documentos irrefragaveis, terem, quando menos, egual numero de seculos de existencia. E estes teem luctado com a acção incessante da civilisação, da litteratura mais pretenciosa e polida, do tracto dos estrangeiros, e da imphiltração dos usos e costumes novos que tudo o que era antigo teem obliterado; quando do seculo XII ao XVI, sôbretudo no centro do reino, não operou de certo nem ametade de egual fôrça.

Mui adulterado achâmos sem dúvida o que se conservou na bôcca do povo; mas sempre menos do que a sua linguagem usual, porque até muitas palavras elles repettem, no can-

tar e recitar dos romances, que não sabem o que significam, nem as usam no tracto commum da vida.

Como querem pois os criticos achar, em coisas que só no seculo XVI passaram da tradição oral para a escriptura, todos os characteres de linguagem dos remotissimos tempos em que foram compostas? Como se hade, em boa razão, pertender confrontar o que só foi codificado no tempo de Fr. Bernardo de Brito com o que está cuidadosamente escripto em bom pergaminho desde elrei D. Affonso III? É todavia esta a confrontação que fazem os criticos modernos das *Trovas dos Figueiredos* com o *Cancioneiro do collegio dos nobres*, e com os documentos dos archivos do reino; e d'ella é que tiram o principal argumento para negar áquellas a sua prioridade.

Vamos á historia do nosso Goesto Ansur, que foi o heroe, se não é que tambem o cantor, da aventura que celebram aquellas trovas.

Portugal, e o mais de Hispanha que obedecia aos reis de Asturias e Leão, pagava aos mouros o indigno tributo das cem donzellas, que todos os annos se escolhiam d'entre as mais formosas, desde que o infame rei Mauregato se obrigára a este vergonhoso feudo para obter a protecção do rei Abderrhaman

de Cordova. Faziam as auctoridades christans a derrama pelas terras, mas os mouros é que vinham cobrar.

Quasi como na décima de hoje, que as junctas do govêrno fazem o lançamento, e as companhias dos agiotas a cobrança.

Á espalda da serra, na ricca margem do norte do Mondego, vivia então em seus antigos paços, nobre mas chan residencia — que de nenhum modo se deve confundir com o castello torreado dos barões feudaes, que por cá não tinhamos ainda — uma antiga familia puritana, que, se não era do real sangue de Pelaio ou do último Rodrigo, não pertencia a menos genuino nem menos fidalgo sangue godo.

Curvado de annos e de fadigas o velho Ramiro, digno representante de todo o orgulho e pretenções de sua antiga raça, olhava triste e desconsolado para a sepultura de seus maiores que ja se abria a recebêl-o; porque não via em tôrno de si herdeiro de seu nome que lhe fexasse os olhos com as mesmas mãos com que havia de impunhar a sua espada de guerra, e guiar o seu cavallo de batalha. De dois filhos que tivera ambos lhe morreram na flor da edade, pelejando nas incessantes lides da reconquista. Restava-lhe uma filha, bella, carinhosa e amante, digna de encher

de consolação e doçura o coração de seu velho pae.

Mas ao vazio da ambição não lhe bastava affectos tam suaves. Era sua filha, queria-lhe como a tal: herdeira de seu nome, perpetuadora de sua raça não era. Sentia-se morrer, e morrer de todo, apezar d'ella, porque o mais vantajoso casamento em que a collocasse não faria senão a continuação de outra linha, não iria senão perpetuar outro nome — talvez inimigo, decerto rival da grandeza e do lustre do seu.

É preciso conhecer toda a mesquinhez, todo o egoismo da vaidade aristocrática, para conceber os ineffaveis tormentos d'aquelle infeliz que, nos accessos mais pungentes da dor, chegava a blasphemar da bondade divina, a maldizer a sua bemaventurada paternidade. O desgraçado antes quizera ser orpham.... ...de prole.

E a inveja, outro cancro roedor de taes corações, a inveja comia-o com dentes impeçonhados quando via passar deante de si a flor dos mancebos do logar, Goeste Ansur, o filho querido e unico do mais pobre, mas do mais honrado lavrador d'aquelles contornos.

De bom sangue christão, mas sem pretenções, nem direito conhecido de as ter, a essa nobreza convencional que se funda na tradi-

ção ou na história, a familia de Goesto Ansur era antiga n'aquelle alfoz ou aldea; tinham tido grande lavoura e muitas terras suas. Más colheitas, a dureza do fisco, e as desgraças da guerra, a haviam reduzido abaixo da mediocridade.

Quasi da edade de Ramiro, e eguaes de annos entre si, os paes de Goesto Ansur viviam ambos ainda, e sentiam reverdecer-se, na ultima velhice, em um filho de bençam, o unico que Deus lhes dera, mas n'elle todos os thesouros de sua misericordia. Um velho monge de Lorvão, seu tio affastado, lhe tinha dado uma tal qual educação, liberalissima para aquelles tempos. Talvez o frade esperou fazer alli um successor ás grandezas e honras monasticas... inganou-se porém. O joven Goesto não deixava seus paes nem a sua granja pelo palacio dos reis em Oviedo; o seu saio pardo, mas elegantemente trajado e cingido, pela purpura do padre sancto de Roma ou dos imperadores de Constantinopla, quanto mais pela cogulla preta d'um benedictino!

Ainda se fosse pelo arnez do cavalleiro!... Cavalgar um cavallo de batalha, sentir tinirlhe a espada á esquerda, soppezar a lança na direita, incommendar-se a Deus e á sua dama ao investir com o pagão sarraceno, cuja suberba vai castigar... Oh! sonhos d'esses ain-

da o tentam ás vezes, quando em dias folgados de outra occupação, discorrendo pelas solidões do monte, cançado de correr apoz do cervo fugidio, ou de esperar o javali furioso — ia sentar-se n'um tronco ou n'uma pedra a pensar... em quê? Na sua vida? Não é ella feliz? Contente do seu pouco, sem ambição, sem desejos de grandeza, que lhe falta? Ha no seu coração algum pezar occulto?

Ha: Goesto Ansur ama; e ama sem esperança, porque o objecto do seu amor é a jovem e linda filha de Dom Ramiro, o orgulhoso filho-de-algo do seu logar, o soberbo godo que antes interraria a espada no coração da filha querida, — antes a dera ao collector do tributo de Mauregato para ir servir de infame ornamento aos harens de Cordova, do que dá-la, em honra e virtude, ao simples filho de um lavrador.

Bem o sabe Goesto Ansur; e por isso não sabe, não desconfia siquer de sua paixão o adorado e innocente objecto que a inspirou. Treme, não por si, mas por ella; horrorisa-se com a so idea de lhe deixar adivinhar o que sente. Para infeliz basta elle, e menos o será se for so.

Tinha passado a primavera com grandes chuvas e tempestades aquelle anno; fechára o mez de San'João pouco mais suave. Mas ju-

lho vinha com todo o esplendor, com todas as iras atelli represadas e encobertas de um estio ardente e devorador.

Tambem chegava o tempo de se colher n'aquelle districto o tributo annual das donzellas. Coubera por derrama á nossa aldea dar uma victima para o Minotauro de Cordova. O proximo domingo era o dia apprazado para o sorteamento; os collectores mouros ja estavam no logar, e no mesmo dia deviam pôr-se a caminho com a sua preza. O terror e a esperança luctavam no semblante de todos...

Goesto Ansur, a quem todas as fibras do coração estremeciam e estallavam de raiva e de despeito ao approximar-se aquelle dia de infamia e deshonra pública, fugiu de o presencear, segundo seu costume; e havida licença dos paes, que sympathisavam com seus generosos sentimentos, sahiu do logar; e entrando pelas matas e devézas da serra com seus cães, e buscando caça,—que pouco lhe importava achar porque so queria fugir do povoado—vagou dias e noites por aquellas deliciosas e ermas solidões, que a todas as perfeições da natureza juntavam as de rara vez sentirem na sua relva o pé, reflectirem em suas aguas a figura do mais feroz dos animaes da creação—o homem.

Chegára no emtanto a véspera do fatal dia.

Ramiro sente um vago presentimento opprimir-lhe o coração mais fortemente... Será receio de que a fatal sorte lhe caia na filha? Não; quando fosse tam atrevido o destino que ousasse faltar-lhe ao respeito, o povo estava costumado a ver os grandes isentarem-se dos tributos de toda a especie, nem faltavam donzellas formosas e pobres entre as quaes, por poucos bezantes, se acharia quem substituisse a donzella nobre e ricca.

O temor de D. Ramiro não se fixava n'este receio, nem em nenhum... e todavia estava mais melancholico e triste do que nunca... Incaminhou-se ao adro da igreja a tomar a presidencia do tam solemne e vergonhoso acto, que lhe pertencia como a consul e alvazir, primeiro magistrado que era da terra.

A campa dobrou tristemente como em trintario de grande dó. Junctaram-se lentamente as temerosas familias. O terror está em todos os semblantes femininos, a indignação no rosto de todos os homens. Escrevem-se as sortes fataes, revolvem-se na urna. Tirou-se o votado peloiro... Que nome sahiu? O clerigo titubeou—olhou para D. Ramiro, solettrou, parecia duvidar do que via, mas, vendo a impaciencia em todos os semblantes, pronunciou alto: 'Dona Mécia'.

Ouviu-se um sussurro geral, em que ao

mesmo tempo se confundiam o espanto, a alegria e a compaixão.

Um sorriso despeitoso mas incredulo increspou os beiços do filho-de-algo.

—'Lêde melhor, ou, por S. Thiago, que vos farei tonsurar mais cerceamente—padre.'

O clerigo tremeu, fez-se branco, fez-se vermelho, mas leu de novo e em mais distincta voz: 'Dona Mécia.'

Dom Ramiro levantou-se com um estremeção de cholera... mas passou-lhe. Conteve-se, e voltando-se para os Arabes—'até á noite por algum modo se hãode cumprir as ordens d'elrei.'

Fez signal a todos que se retirassem, e elle tomava o caminho de seus paços. O povo não se movia. Começou a ouvir-se aquelle susurro que denota a effervescencia popular. Foi-se levantando, foi crescendo como cresce a tempestade no mar, e a sedição na praça rompeu em vozes claras e distinctas. Era uma revolução verdadeira.

—A sorte decidiu, cumpra-se a sorte!'

Pena é, pena é; mas foi a sua sorte.

É de melhor sangue que nossas irmans e nossas filhas? Mas a sua alma não custou mais a Jesus-Christo que nos remiu a todos com o seu.

Não: os senhores e filhos-de-algo que sof-

frem este infame tributo que o paguem. A vergonha é toda sua, que a ajudem a pagar tambem.

E gritavam e bradavam, e corriam, e teem cercado o paço de D. Ramiro — e Mécia aterrada, sem sentidos, é entregue aos soldados arabes que não esperam mais, partem.

D. Ramiro estendido por morto no chão, é levado em braços de seus familiares, que em vão se esforçam pelo soccorrer.

Os olhos fechados, a voz morta, a respiração appressada e incerta, frio ja todo o corpo, o coração e a cabeça, era a agonia que chegava... e que agonia, meu Deus!

Como succede depois das grandes demonstrações da energia popular, o povo da aldeia, aterrado de sua propria energia, e com tanto maior medo da vingança quanto, posto que dura e cruel, justiça era o que tinha feito, o povo recolhido a suas casas e cabanas, nem dentro d'ellas ousava fallar. E o dó entrou em seus corações. E as mães que ja não tremiam pelas filhas, choravam pela pobre D. Mécia — orpham, coitadinha, sem mãe para a carpir... ultima descendencia de tão nobre sangue! É boa... e o bem que ella fazia aos pobres!

Os homens se interneciam tambem.

— Mas quem havia de ir em logar d'ella! minha filha, tua irman?

—Deus nos defenda! a Virgem seja comnosco!

—E nos dê melhor rei do que temos!

—Queimado seja elle no fogo eterno para sempre, rei que reina por tal preço!...

Começavam-se a irritar outra vez os animos; mas a massa estava dispersa e cançada, não tornava a levedar.

Os mouros, contentes da bella prêsa que levavam, corriam com ella sem descançar para o depósito que tinham n'outra terra mais forte e segura, e de onde, em caravana bem guardada, haviam de cortar direitos ao sul para entrarem em terras de puro senhorio musulmano, e em que ja não havia que receiar até Cordova.

Andaram toda a noite, andaram com sol nado até ser intensa a calma. Chegavam a um sitio ameno e delicioso pela frescura das aguas e pelo viçoso das árvores que as cubriam. Era um largo bosque de figueiras cujas amplas e grossas folhas vedavam todo o sol e convidavam ao repouso com a sua sombra—sempre traidora vulgarmente se crê.

Pararam os mouros cubiçosos de aproveitar o sitio e a hora, mas receiavam e duvidavam. Senão quando, vêem chegar outro tropel maior da sua mesma gente que conduzia egual tributo das terras circumvizinhas. Jun-

ctaram-se, assentaram descançar, e que d'alli continuariāo junctos e mais seguros sua derrota.

Com D. Mécia faziam sette, as tristes e chorosas donzellas que alli se incontravam; os mouros que as guardavam, uns vinte por todos. Estes fizeram suas abluções e salèmas, comeram, e em poucos minutos, prostrados da fadiga e da calma jaziam sepultados em profundissimo somno.

Não dormiam as desgraçadas virgens christans, que approveitando aquelles curtos momentos de precaria liberdade, começaram a carpir-se, mais soltamente ao menos, com lagrymas mais folgadas e em palavras menos imbargadas do medo.

Uma se lembrava da mãe que nunca mais se consolaria; outra, das irmans que não tornava a ver; esta do pae que deixou por morto; aquella do amante que morreria de certo.

Mécia não chorava nem se carpia: a sua dor era maior que nenhuma d'essas dores.

Com os olhos no caminho por onde viera, e procurando n'aquella direcção rastiear a do seu alfoz, da sua tam saudosa e querida aldêa, Mécia estava como absorta na contemplação da sua immensa desgraça. Cuidaram-n'a as outras resignada ou insensivel, deixaram-n'a.

De repente do cantinho onde estava, Mécia dá um grito, levanta-se, quer correr, mas cai sem fôrças no chão, e desata a chorar.

Goesto Ansur estava aopé d'ella.

A explicação era facil e foi rapida.

Goesto Ansur não ouviu senão o seu coração, toda a razão, toda a prudencia desattendeu. O seu amor que nunca pensára declarar, disse-lh'o n'aquella hora terrivel. Mécia ouviu-o e chorou. Elle jurou salvá-la e libertar as suas innocentes companheiras.

So, sem armas como o fará?

Amor e desesperação fazem prodigios. Esgalha um forte tronco de figueira, e armado d'aquella poderosa massa, dá sôbre os mouros adormecidos, fere, mata, e confunde por tal modo os descuidados guardas que, antes de bem acordados, a maior parte d'elles tinham recahido em mais profundo somno, o da morte. O resto succumbiu em breve. E elle fazendo cavalgar as jovens christans e tomando para si um dos cavallos dos arabes, parte com ellas, a todo o correr, para a sua aldêa.

Chegam: o povo alborotado se juncta em torno do libertador e das donzellas; seu passmoso acto de valor excita os animos. Tomam as armas, juram de libertar a Hispanha christan d'aquelle vergonhoso tributo.

De terra em terra, de provincia em provincia, lavra o sancto fogo d'aquella virtuosa rebellião. El-rei adopta por fim a querella nacional: a vassallagem e o feudo são negados aos mouros, que em vão querem sustentar com as armas o infame direito do vil tractado. Vencidos em muitas batalhas renunciam emfim.

E Goesto Ansur, o auctor e o sustentador d'aquelle grande movimento nacional, voltou á sua humilde situação, cuberto de glória e de bençãos, o salvador da honra nacional.

Ramiro, tornado á vida pelas caricias e pela presença da filha, ouve com espanto a história do seu milagroso resgate.

A desgraça tinha humanisado o seu coração; ás portas da morte tinha visto o nada das grandezas; e a gratidão triumphou de todos os seus preconceitos. Restituido á felicidade e á saude, elle mesmo entregou a sua Mécia nas mãos de Goesto, e viveu para ver os filhos de sua filha crescer em belleza e virtude, sem degenerar do sangue de seu nobre avô, e mais illustres ainda pelo de seu nobilissimo pae.

A nova familia tomou o nome de Figueiredos que lhe deu a honrada façanha de Goesto; nome honrado e illustrissimo, que se espalhou com ella por todos os reinos da nossa peninsula.

Seria o mesmo Goesto Ansur, como alguns pretendem, que, nas trovas dittas ainda hoje dos Figueiredos, celebrou o seu generoso feito? Não o creio, mas creio que o thema popular de sua heroica resolução viveu por muitos seculos na lembrança dos povos agradecidos; e que posto n'esse ou n'outro parecido canto pelos singelos poetas dos primeiros tempos, assim foi passando de geração em geração, traduzindo-se insensivelmente de dialecto para dialecto, segundo elles se foram alterando na successão dos tempos até o XVI seculo em que se imprimiu.

As trovas são bem conhecidas, e hoje vulgares por muitas reimpressões em varios jornaes litterarios. Eu creio que a lição elaborada que possuo, colleccionada entre todas com muito escrupulo, e devidamente glossada, é a que se deve preferir. Em logar mais opportuno, que não hão de ser as columnas de um jornal, a hei de publicar.

O CASTELLO DE DUDLEY

Publicado na *Illustração,* jornal universal
. No anno — 1845 a 1846.

Folhas tiradas do album de um emigrado

Amanheceu tam bello hoje este dia como se estivessemos em adiantada primavera; e são 15 de janeiro. O ceu está sem o pesado capote das *côres nacionaes*, e os raios do sol reflectem nos innumeraveis e brilhantes espelhos que formou o gêlo severo d'estes dias. Todavia nunca senti tanto frio em minha vida.

Mettemo'-nos em um *gig*, eu e o meu amigo A. Had., para irmos visitar as célebres ruinas do castello de Dudley, e mais curiosidades de suas visinhanças. O castello tem, já se sabe, a sua aldeia ao pé. Aldeia lhe chamo eu, mas sua população é muito superior a qualquer das povoações que em Portugal assim nomeâmos. Aqui tem o nome generico inglez de *town* que me parece não ter corres-

pondente em portuguez. Cidade e villa são povoações com foral d'essa graduação, e correspondem exactamente ao *city* e *borough* inglez; mas para *town*, genero d'aquellas especies, não temos palavra.

São dez da manhan, e começâmos a rodar. Sahimos de E... pela nova estrada real que proximamente se acabou de concluir, e que serve hoje de principal communicação entre este reino e o de Irlanda. A estrada é magnifica, optimo pavimento, bem escoada de aguas, acabada com a proverbial perfeição ingleza. Toda ella é d'um lado bordada de soberbas casas apalaçadas, com seus jardins á frente, ou de elegantes *cottages*, e nos intervallos, renques d'arvores, campos sempre verdes, ou bem dispostas e cultivadas hortas. Por tam delicioso caminho andámos quasi oito milhas, incantados (pelo menos eu) da belleza e variedade dos objectos que nos cercavam, e que um depós outros, iamos descobrindo. Seria á volta das onze quando o paiz começou a mudar d'aspecto visivelmente. O esmalte das campinas vai diminuindo de seu viço, a apparencia das casas é já menos elegante, a atmosphera menos pura, até os gestos dos camponezes que encontrâmos têem não sei quê de mais rude e selvagem. Em breve dêmos n'um paiz arido, feio, e melancholico

como um dia de derradeiro outomno inglez. Campos negros, casas tristes, o chão revolvido e queimado, todos os signaes d'um volcão visinho. Augmenta esta apparencia o calor do ar, as nuvens de fummo que inlutam o ceo, a multiplicidade de clarões sulphureos que se divisam por entre a névoa, o proprio cheiro desagradavel do enxofre, e o semblante pallido dos poucos, rotos e miseraveis habitantes que se incontram. Algumas toesas mais de caminho me deram a razão da mudança: vimos a bôcca de uma mina de ferro, e juncto d'ella uma fabrica trabalhando com sua possante máchina de vapor. D'esta mina, e d'outras como ésta (das quaes algumas são tambem de carvão, e entre todas innumeraveis) provêem os fogos que avistei, o fummo, a desolação do campo, e todos os outros desagradaveis symptomas de uma terra de minas e mineiros. A que privações e miserias se não sujeita a avareza do homem; não satisfeito com as producções, que a superficie da terra com tam pouco trabalho lhe dá, vae romper os seios da mãe generosa para desentranhar esses metaes — esse ferro e esse ouro ambos origens de tantos crimes... Logares communs de moralidade velha! Com uma queixada de burro se commetteu no mundo o primeiro homicidio: o homem não lhe faz mingua coisa

alguma para obrar como quem é. Que mal lhe fazem as minas ou os mineraes?

Ja perto do castello, ja quando claramente avistavamos seus erguidos torreões e altas ameias, que pela maior parte se conservam ainda em pé, atravessámos uma planicie que se estende bastantemente larga desde a falda do monte em que elle está situado. Parámos para observar o extraordinario aspecto que appresenta. Negra toda a vasta campina, e cuberta de fezes ou escoria de ferro e sedimentos de carvão: áquem e álem pequenas e miseraveis habitações tambem negras e tristes, dispersas irregularmente. Um braço d'agua estagnada e mal cheirosa (parte do canal de Birmingham) atravessa a campina, mas sem murmurio, sem nenhum signal da animação e vida que sempre dá um ribeiro ás margens do prado por onde passa: callado, triste e sem corrente, apenas se ouve o som d'agua quando a ferem os enormes lemes das barcas que vão passando. No momento em que parámos, ia uma carregada com tres altos de carvão; á ré um velho, cego e membrudo barqueiro com todos os ares de Charonte. Duas mulheres, cujo aspecto nada tinha de agradavel, iam sentadas ao pé d'elle, sérias e carregadas, mesmo como duas inglezonas puritanas, tinham todo o geito de

duas almas recem-chegadas que o barqueiro da Styge passa para o outro lado pelo modico preço de um óbolo. — Este incidente nos fez attentar com outros olhos para a scena deante de nós. O estagnado canal tomou-me toda a apparencia de Cocito, os immensos fogos das fornalhas e ingenhos circumstantes me pareceram o inflammado Phlegetonte. A tudo deu a imaginação similhança; e se não fôra um coche a quatro que a toda a brida passou carregado de solidas massas bem viventes, bem animadas de biffe e cerveja — não accordavamos tam cedo do sonho que nos entretinha. Ladeámos para deixar passar o coche; e sahindo do nosso inferno que tam depressa alli tinhamos arranjado — tomámos o caminho da aldeia ou villa (talvez honra ou couto) de Dudley, onde entrámos em poucos minutos.

Era justamente meio dia quando parámos á porta da estalagem das *Armas de Dudley*, *(Dudley arms in)*. Um enorme retabulo pintado com todo o rigor e luxo *heraldico* estava por cima da porta principal da estalagem, e justificava o titulo ou invocação da pousada. Cumprimenteiro *Mine-host* veio á porta, de bonet na mão, com o sabido cortejo de *Mrs. & Miss Busybody*, todos tres typos classicos d'uma familia de estalajadeiro inglez: elle gordo, corado e risonho, sua *cara metade* es-

premida e puntilhosa, com um coruchéo de touca empinado, e soberbo de firifolhos espantosos; a amavel progenie alta, longa, aguda, esguia e curva — anzol verdadeiro — em que triste do peixe que morder!...

Costumo quasi sempre, fiel ás minhas tradicções e devoções shakspereanas, entrar em conversação com *Mine-host*, gallante personagem, curioso e communicativo em Inglaterra mais que em nenhuma parte. Parece que a taciturnidade geral do paiz é como consequencia de delegação tacita que dessem aos seus estalajadeiros para linguararem por todos, e fazerem as honras do palratorio aos viajantes e estrangeiros. Mas não me senti agora com ânimo — talvez me affugentou a rigidez quasi quakeriana que vi pintada na figura da dona da casa, — e a bem *inutil* reserva e *pruderie* de sua asperrima filha. — O caso é que deixei o meu amigo ordenar o jantar, e ir cuidar de negocios seus que ahi tinha no logar; e eu fui dar uma volta por elle.

Dudley é bastante grande; cuido que terá as suas dez mil almas: as ruas são soffriveis, e os edificios mais que medianos. A principal egreja ou parochia é edificio novo, mas construido perfeitamente em todo o rigor da architectura gothica, ou que vulgarmente chamamos gothica.

Pareceu-me excellente em seu genero. Os inglezes têem ultimamente restaurado este gosto de architectura, que tam bello é e tam solemne, e que o servilismo das imitações gregas, o *rococó* das monstruosidades *græcogallas* dos tres ultimos seculos tinha prescrevido e proscripto.

A architectura gothica com suas agudas arcadas, com suas compridas e estreitas janellas, suas obscuras naves, sua melancholica solemnidade, é mais propria de um templo christão e de suas augustas funcções, do que a elegante, a garrida, e demasiado risonha architectura grega. Os mysterios de Isis, as orgias festivaes de Bacho, as solemnidades de Flora, e as festas de Apollo ou Jupiter ficavam bem entre columnas doricas ou corinthias. Mas os ritos christãos, serios, graves e mais dirigidos ao coração que aos sentidos, dizem melhor com a tristeza sublime d'uma egreja gothica.

Voltei á estalagem a incontrar o meu companheiro, e junctos fomos caminho do castello que está sobre uma altura, eminente á povoação, de que ainda hoje seu dono feudal, o barão de Dudley, é senhor independente e em muitos respeitos quasi suzerano.

Batemos a uma porta ou cancella de ferro que fexa o que foi esplanada do castello.

Abriu-nos um dos trabalhadores do barão que ahi mora em uma casinha construida sobre os restos de um dos torreões da cerca exterior. Cuidou que vinhamos em busca dos muito notaveis fosseis, de que alli tem sempre copia junta para vender *aux-amateurs*, e de que abundam grandemente as ruinas calcareas que alli se lavram. Apresentou-nos logo o bom do homem várias petrificações extraordinarias na verdade, porque a maior parte são conchas, mariscos e outros productos maritimos, estando aquellas minas positivamente, no meio, e no mais alto do meio, da ilha.

Pareceu-me entre todas mais notavel uma casta de reptil (reptil cuidei eu) cuja apparencia era a de uma pequena ran na parte da cabeça, mas no resto oblongado a modo de cauda de lagarto. Todavia os meus pobres conhecimentos zoologicos me tinham inganado: o animal era um marisco hoje desconhecido a que dão o nome de *Pediculus marinus* (saltão, gafanhoto ou cigarra marinha). Trilobite lhe chama mr. Parkinson, *Dudley-locust* (locusta ou gafanhoto de Dudley). — Comprei por uma bagatella dous d'estes animaes em uma curiosa situação. — Quantos mil annos terão decorrido, e os pobres animaes (estatua e monumento do que foram) ainda hoje se conservam na mesma e signifi-

cativa posição em que os surprehendeu a morte! — Que milhares de annos haverá? Seculos por certo, que ja não poucos tem o castello de Dudley edificado sobre o monte em cuja concavidade se acham estes e outros fosseis.

Propoz-nos o vendedor das raridades se queriamos ir ver o sitio em que ellas se acham, — que é, como disse, por baixo do castello, nas profundas excavações que, pára lavrar sua mina de cal, alli se têem feito. Acceitámos; e o bom do mineiro se offereceu para *cicerone*. Caminhámos largo espaço pelo parque que rodeia o castello, e chegámos a um dos boqueirões ou entradas da mina.

Altos e corpulentos alamos assombram a entrada da caverna; sem folha agora, e sem o minimo signal de vegetação, parecem dar-lhe ainda um ar mais romanesco do que porventura quando vegetarem com o verdor da primavera. O boqueirão está exactamente aberto n'um dos lados do monte que naturalmente é quasi talhado a pique. Entra-lhe sufficiente luz para se ver o interior da caverna em oito ou dez passos de internação; mais para dentro a obscuridade é impenetravel. Descêmos por um despenhadeiro ingreme e escorregadio, e parámos a observar o extraordinario aspecto d'esta vista subterranea.

Uma abobada immensa e rude, suspensa sôbre naturaes pilares, ou porções de pedra que os mineiros foram deixando para sustentar o tecto do subterraneo, a luz do dia que entrava pela fenda da abertura, a immensidão da caverna, o som quebrado dos nossos passos que retiniam lugubremente pela vastidão d'aquellas concavidades, formava tudo uma sensação tam extraordinaria, tam nova e tam fóra da natureza, que me parecia transportado a uma scena de romance, atravessando as intranhas da terra para ir quebrar o incanto de alguma princeza que maus feiticeiros tivessem incarcerado debaixo da guarda de terriveis dragões e magicas serpentes. — Sentimos um som confuso, mas tremendo como de quéda de grandes massas na profundidade de um poço. — Todas as abobedas repetiram aquelles sons, e os multiplicaram em echos reflectidos, que, decrescendo pouco a pouco, findaram em um murmurio lamentoso, e não menos atterrador que o primeiro som d'onde provieram. — O nosso guia tinha-nos deixado, não tinhamos quem nos explicasse o extraordinario phenomeno, e o attribuimos a uma porção de abobeda que desabasse sôbre algum depósito de agua que ahi houvesse. — Mas a mesma bulha se repettiu segunda e terceira vez. Então

ouvimos umas vozes confusas e em grande distancia; logo uma luz, que parecia estar longe pelo menos tres quartos de milha. A luz foi-se approximando visivelmente e as vozes ouvindo-se mais distinctas. Não pudémos imaginar o que seria; mas os mesmos sons que haviamos escutado continuavam de vez em quando a retinir, supposto com muito menos fôrça, e em muito menor distancia. A luz approximou-se mais e mais, e de repente desappareceu.

'Temos aqui bruxaria' (disse eu ao meu companheiro de aventura) 'alguma cousa extraordinaria pelo menos'—'O que é extraordinario' (me tornou elle) 'é que o nosso *cicerone* desappareceu sem dizer nada'.

Começámos a olhar um para o outro, não com o minimo receio, porque a sahida da caverna estava perto, mas na desconfiança de que nos quizessem pregar algum susto, que é favorito divertimento dos habitantes d'aquelles subterraneos. Porém como estavamos prevenidos, determinámos esperar pelo desfeixe da aventura; e como não podiamos andar mais para deante, porque nem luz nem guia tinhamos, parámos a examinar o que era visivel na caverna.—Subito ouvimos uma rustica e simples toada de cousa como de cantiga popular, cantada por diversas vozes que

soffrivelmente se harmonizavam. Olhámos admirados um para o outro. As vozes parēciam vir debaixo da terra e de mais profundo ainda que o pavimento onde estávamos.

'E ou não é feitiçaria?' disse eu rindo contrafeito, porque todavia tam extraordinarios phenomenos me tinham exaltado um tanto a imaginação e não estava com grande vontade de rir.

Diversas e multiplicadas conjecturas começavamos a fazer, quando repentinamente ouvimos á esquerda a voz do nosso guia que surdiu ao pé de nós como sombra de theatro por alçapão.—'Vamos que aqui estão luzes.'—Voltámo-nos immediatamente, e então vimos um braço de agua que não tinhamos descuberto, e que entrava mais pelo interior da caverna, correndo por debaixo de abobeda menos elevada. O *cicerone* estava dentro de uma barca que nadava na ditta agua, e com mais tres homens, armados de candeias e archotes. Então conhecemos as razões de todas as extraordinarias cousas que tinhamos visto, e ouvido. Este canal passa por debaixo do monte, e por um leito ainda mais baixo que o pavimento da caverna onde estavamos. Parte do caminho por onde corre é coberto com uma abobeda artificial, mas em diversos intervallos é aberto; e n'um d'esses interval-

los mais remotos vimos a luz do bote que se vinha approximando, e que de repente desappareceu quando entrou outra vez debaixo da abobeda. Navegou até juncto de nós, sem o vermos porque vinha debaixo de nossos pés, e quando aquelles subterraneos navegantes lhes deu na vontade intoar a sua rude canção estavam quasi debaixo de nossos pés. Como o canal é estreito, a barca, que é toda forrada de ferro para resistir aos continuos embates que leva, tocava de vez em quando nos lados do canal, e produzia os sons que ouvimos, e que o echo das abobedas augmentava, e fazia tam temerosos.

O nosso guia, que agora nos explicava tudo isto no-lo tinha previamente occultado, e se escapára sem dizer nada por um trilho occulto, na tenção de nos causar uma *agradavel surpreza*. O que sufficientemente conseguiu, quanto podia esperar-se de dois incredulos como nós eramos em visões e outras bruxarias. Este canal é todo obra d'arte, e serve de meio de conducção a todo o commercio das provincias commarcans. A tanto tem chegado os esforços da industria ingleza, que méras emprezas de particulares negociantes (e sem a minima ajuda do estado) rompem montes, terraplenam valles, cruzam rios uns sôbre os outros, e fazem por toda a parte d'aquelle

venturoso territorio girar o commercio, e circular o verdadeiro sangue do estado pelos mais remotos angulos do paiz.

Grandes riquezas tem dado á Inglaterra o quasi exclusivo tráfico das duas Indias, os vantajosos tractados com Portugal, com o Brazil e com outras nações, e commercio espantoso e universal que sustenta, em desmesurado proveito seu, com todos os povos do mundo, desde o mais antigo de todos, a China, até os mais modernos, as republicas da America meridional. Mas o commercio externo pouco estende os seus beneficios alem das grandes cidades mercantes, se ellas são, como Lisboa ou Cadiz, isoladas do resto do paiz por falta de communicações internas e por mingua de industria. Duzias, centenares, ainda milheiros de familias, farão enormes fortunas; mas a totalidade da nação ganhará pouco ou nada com essa fonte de prosperidade que, por falta de conducção, estagna nas reprezas das capitaes, e apodrece suas aguas salutares nos paúes do luxo, da dissipação ou da avareza. Factos provam mais que tudo. Em que melhorou o interior de Portugal com o immenso e vantajoso commercio de Lisboa e do Porto durante bons tres seculos? Peiorou talvez com a emigração do agricultor e desemparo da lavoura. Todas as riquezas da India

e do Brazil paravam nas fozes do Tejo ou do Douro, sem poder penetrar no interior do reino; e, ou amuavam nas burras de alguns ricassos, ou iam para Hollanda, para Inglaterra inriquecer povos mais assisados e industriosos, ainda que menos favorecidos da natureza e da fortuna...

Entrámos na barca de ferro que officiosamente nos trouxera o nosso guia, e começámos a navegar pelo agente das varas dos barqueiros, e alguma vez tambem pelo de seus pés que fincavam d'encontro aos lados do canal e assim a faziam mover rapidamente.

Levavamos archotes accesos, e iamos observando as diversas e picturescas perspectivas que nos appresentava a caverna. Um dos nossos cicerones caminhava por terra, saltando de precipicio em precipicio com uma ligeireza que nos espantava, inclinando a luz do seu archote para o que lhe parecia mais digno de ser visto: escolha em que raras vezes o inganava sua muita práctica do officio.

Aqui uma arcada immensa que parece a entrada de um templo de architectura saxonia — mais rude e pesada do que a vulgarmente ditta gothica — la um grupo de enormes pedras que simelham ruinas de um convento — alli um precipicio talhado a pique de uma altura que foge a vista de o medir —

acolá uma ponte sôbre o canal que serve de passagem aos obreiros da mina, e que olhada de longe, com luzes sôbre a amurada, parece realisar um sonho de novella, ou uma imaginação do fidalgo da Mancha na sua visita á caverna de Montesinhos.

Andámos assim obra de uma milha, e fomos desimbarcar a um sitio que não distava do logar onde effectivamente andava a excavação. Quizemos ver trabalhar: era hora de descanço, mas obsequiaram-nos dando fogo a uma mina que estava carregada, (assim é que começam os primeiros trabalhos d'esta mineração ou excavação).

Poz-se o fogo, deixando rastilho e murrão sufficiente para termos tempo de nos pôr a salvo. Em poucos segundos rebentou a mina — e o effeito de todos aquelles echos repercutindo e reproduzindo o tremendo som, é impossivel descrever-se.

Tomámos a direcção de outra bôcca da espelunca, e emfim volvemos á luz do dia, não sem grande satisfação de respirar o ar livre, e de ver a terra dos vivos.

Parecia-me tam bella a pouca verdura que deixára a neve, tam incantadora e animada a vista de algumas escassas arvores que conservavam a folha! As pequenas casas que viamos ao longe na planicie, tudo me parecia

tam animado, tam cheio de vida, de acção, de verdade! O que fez a ausencia de poucas horas!

Suppuz-me n'aquelle instante um dos tantos infelizes que nas minas de Suecia e de Polonia nascem, vivem, e muitos morrem, sem ver a claridade do sol nem a luz creadora do dia. Que magnificò espectaculo não será para elle, se alguma vez chega a ve-lo, este universo — trivial para nós — esta maravilha da creação que o hábito nos faz ja olhar com indifferença? Que objecto de espanto não será para elle ver voltear no azul do firmamento esse globo inflammado que esparge a luz, o calor, a animação por toda a vastidão da terra! Que comparação entre as suas abobedas subterraneas e a immensa abobeda celeste, diaphana e brilhante como a saphira! O esmalte dos campos, o crystal das fontes, a folhagem das arvores, a mais singela florinha do prado... que objecto não hade ser de admiração e de amor para esse habitante de outro mundo, de um mundo creado pela cubiça do homem, de um mundo verdadeira obra de suas mãos!

Imbebido n'estas reflexões subi toda a incosta do monte, e me achei, sem o pensar, ao pé do castello. O meu companheiro de viagem tinha ja passado o fôsso e estava debaixo da arcada da porta principal. Parei a observar

o exterior d'aquellas magnificas e tam bem conservadas ruinas, quando elle, tomando uma attitude de Amadiz de Gaula, me bradou: 'Senhor cavalleiro, que pretendeis d'este castello? Sabei que aqui está incerrada a muito nobre princeza D. Florimena de Aquitania, a quem perseguem de amores vinte e quatro apaixonados importunos, e que ella jurou de não dar a sua mão senão a quem lhe trouxesse as quarenta e oito orelhas dos referidos descortezes e soezes maus cavalleiros'.... — 'Sei' — respondi eu, entrando de boamente na farça — 'sei, e por esta boa folha o juro, que S. A. comerá as quarenta e oito orelhas de azeite e vinagre antes sejam passados tres dias!

Folgámos e descansámos um pouco, e observámos que em verdade o nosso passeio d'aquelle dia tinha sido um perfeito romance. Foramos soccorrer uma bella infante ou princeza ou coisa que o valesse nos subterraneos do seu incanto, e agora vinhamos ao seu castello descançar das fadigas da nossa galante emprêza. O peior é que nem pagem á nossa espera, nem donzella para nos accompanhar e nos servir á mesa de um sumptuoso e delicado refresco em pratos de crystal, bandejas de oiro — senão é que nos levar depois tambem a uma deliciosa cama...

Com effeito não me senti com fôrça de imaginação para povoar o castello e seus palacios. Os fossos estavam meio-atulhados; e apenas alguma agua de chuva — e essa gelada — enchia as partes do valle em que elle ainda conservava alguma fundura. Um monte de intulho anivellado com o pavimento do castello intupia o valle no sitio onde ja fôra a ponte levadiça. Passamo'-lo assim, e entrámos no espaçoso atrio ou praça d'armas do castello.

A faxada interior do edificio é irregular e de diversas architecturas, mais e menos antigas; mas segundo me pareceu de uma porção mais moderna, não ha inda um seculo que deixou de ser habitado o palacio.

Todavia nem tectos nem sobrados existiam ja, nem portas nem janellas. E posto que o actual possuidor, á boa e louvavel moda ingleza, tem todo o cuidado de fazer reparar e ter mão em tam veneraveis reliquias, todas as paredes interiores faltam, e as outras estão bastante damnificadas.

Pequenas lascas de vidros de côres apenas se divisam em uma janella mais alta. O que está inteiro é a masmorra ou prisão feudal. Admiravel capricho do tempo, que em sua obra de destruição quiz poupar aquelle monumento de barbaridade.

Agora que leio éstas linhas — depois de bastantes annos — me estou recordando da impressão que em mim fez aquella severa reliquia do antigo feudalismo, a primeira que vi de perto, que por assim dizer, toquei e palpei. Lembra-me que a memoria saudosa me esteve fazendo comparação d'essas asperezas com as placidas e suaves construcções de nossos monumentos d'essa era — tam patriarchaes, tam pacificos!

Ainda me estavam todas frescas no coração e no pensamento essas imagens e essas idéas, quando, poucos mezes depois, escrevia, no VII canto do Camões, aquelle *super flumina Babylonis* do meu primeiro desterro:

Eu vi sôbre as cumiadas das montanhas
De Albion suberba as tôrres elevadas,
Inda feudaes memorias recordando
Dos Brittões semibarbaros. Errante
Pela terra estrangeira, peregrino
Nas solidões do exilio, fui sentar-me
Na barbacan ruinosa dos castellos,
A conversar co'as pedras solitarias,
E a perguntar ás obras da mão do homem
Pelo homem que as ergueu. A alma inlevada
Nos romanticos sonhos, procurava
Aureas ficções realisar dos bardos...

Triste realidade dissipava
Phantasias de vates. Nem setteira
Me bruxuleava namoradas côres
De bordado talim, serica banda
Por mão furtiva de gentil donzella
Deitada em hora esquiva ao cavalleiro,
Que aventuras correr se vai ao Oriente
E a ganhar do infiel a Terra sancta.

Nada!... So pelos fossos intupidos
Do desfolhar do Outomno e bronco intulho
Dos muros derrocados, toscas pedras
E immunda terra, á vista affiguravam
Insepultos cadaveres, golpeados
Membros, inda cubertos de aço e ferro,
Dos que em contenda injusta pereceram
Por vaidoso orgulho ou vão capricho
Do castellão suberbo. Nas ameias
Se me antolhavam horridas cabeças
Hirta a grenha, co'as carnes laceradas
Do corvo, certo amigo dos tyrannos
Que regalado o trazem...

Aopé d'essas janellas recortadas
Em que inda o tempo conservou vestigios
Dos ja pintados vidros, fresta escassa
Dá luz medonha á escuridão sombria
De fetidas masmorras inda inteiras.
Mais duradoiras que os salões dourados;

Como se a edade, que destruiu palacios,
Memorias de prazeres, luxos, pompas,
Catasse mais respeito a taes vestigios
De atrocidade e crimes—e escrevesse
Ao passar, com a fouce inferrujada
No limiar d'essas portas: 'Escarmento
Ás gerações por vir.'—Doía-me alma
Na solidão das ruinas; e a lembranças
Mais gratas me fugia o pensamento
Para os vergeis da patria esvoaçando...

Assim era com effeito: *doía-me* alma, e apertava-se-me o coração. E foi tam viva, tam intensa e profunda ésta sensação, que ainda muito tempo depois, as simples reminiscencias d'ella me inspiraram aquelle canto.

Lembra-me, a proposito d'isto, que o melhor commentario para qualquer obra poetica sería a historia das sensações que a inspiraram. Todo o poeta, todo o artista, devia escrever as suas memorias e as das suas composições.

Subimos a tôrre de menagem, que ainda está mui bem conservada, e descubrimos d'alli uma vista immensa e por extremo variada e bella.

Logo por baixo a notavel villa de Dudley, situada n'uma planicie, e que se nos offerecia aos olhos como a planta-baixa de uma cidade.

Á roda a multidão de fogos das minas e fábricas por que tinhamos passado; mais longe os elevados topes de *Malvern-hills* e outros montes de consideravel grandeza, e finalmente, no fim da perspectiva e no derradeiro horisonte, as escuras montanhas de Galles, cujas summidades perfeitamente se divisavam.

Ia eu prevenido de que alli perto, na baixa, existiam as ruinas de uma antiga abbadia ou priorado — mosteiro ou convento — cuja situação á borda de um lago era das mais picturescas do paiz. Procurei-as em vão com os olhos, e perguntando ao cicerone se m'as sabia indicar: — 'Accollá, accollá em baixo' — me disse elle apontando para um edificio grande ao pé de uma pequena lagôa — 'accollá está o Dudley priory.'

'Como! não vejo ruinas algumas, antes um grupo de edificios com toda a apparencia de habitação e confôrto!

— 'É que é uma grande fábrica de vidros agora'.

— 'Ainda bem!'

E fez-me tristeza, porque me lembrou o que eram então os nossos conventos e os nossos frades — e porque me deu o coração um baque, adivinhando-me que quando nós mandassemos os frades embora, não havia-

mos de ter juizo para fazer dos conventos fábricas de vidros—nem de outra coisa alguma.

Voltei triste para a nossa estalagem, mas dissipou-se-me a tristeza com a vista e perfume do excellente e substancial jantar que alli achámos.

Discutido o jantar, e meia garrafa do excellente Pôrto sôbre elle, montámos o nosso *gig*, e trotámos largo e rasgado para Ed... por outra estrada mais amena e mais prosaica.

Estavamos fartos—injoados de poesia.

Chegámos á suave e confortabilissima hora do chá a casa dos meus amaveis hóspedes.

O chá á noite, no hynverno, ao pé do fogão—é em Inglaterra um dos mais serenos gosos que tem a vida. Mas nunca o tinha eu sentido tanto como d'esta vez.

Deitei-me cedo: tinhamos de tornar a madrugar no dia seguinte para mais longa e atrevida excursão—a Hagley-park, tam celebrado de Pope e Thompson.

O INGLEZ

(Incompleto)

Publicado na *Illustração*, jornal universal
No anno — 1845 a 1846

O INGLEZ

I

Éstas reflexões... não chegam a ser reflexões, estes pensamentos vagos, soltos, desconnexos talvez — vieram-me o outro dia á noite n'aquella linda representação da Thalia, em que olhos e alma tinham bem mais que fazer do que estar a reparar ou a pensar em tam sublimes objectos.

Estava alli aquella cynosura da galeria... como ter sentidos e espirito para outra coisa? Pois quem, entre todos esses astros, contasse tambem uma estrella fixa d'aquellas que dominam a existencia, que tolhem o alvedrio, que não deixam livre na vida, nem o ver,

nem o pensar, nem o sentir, nem o querer, nem a razão, nem a imaginação, nem..!... E elle ha d'essas estrellas?—Ha.—E quem se deixe dominar a esse ponto?—Tambem ha.—Rara phenix de mortal! Tomára conhecê-la. Chama-se?...—Não seja curiosa, minha senhora ou meu senhor. E deixe-me continuar a serie das minhas observações, distrahidas e preguiçosas observações.

Dizia eu e digo que ter alli olhos para outra coisa que não fôsse admirar, pensamento para mais do que para adorar a brilhante e variada constellação que resplandecia em torno do theatro por cima das nossas cabeças—era o quê? Era um verdadeiro peccado mortal. Pois fi-lo eu... e d'elle me confesso, e faço penitencia publica em lettra redonda.

Aqui está como foi.

Representava-se o *Fallar verdade a mentir*, e ria toda a gente d'aquella caricatura de inglez que tam bem feita foi. Ora porque será isto—disse eu commigo—d'onde vem que nos theatros do continente o inglez é hoje um character tam eminentemente comico, tam popular, tam seguro de fazer rir, desde a platea ás torrinhas, todas as classes da sociedade sem excepção?

Mas um inglez é coisa grave, séria, reflectida... Na fórma exterior uma das mais bellas

e apuradas raças da familia humana; pelo espirito, não ha nada sublime, grande a que se não eleve... O inglez é bravo, é leal, é imprehendedor—franco e generoso, ricco e instruido, bello, valente, nobre... E faz rir!

De que se rirá ésta pateta d'esta Europa, o que acha ella n'um inglez para a fazer rir? Porque la isso rir, ri ella: mas de quê? Não sei.

Apanhei a Europa na sua maior e mais espantosa contradicção.

E senão vejam.

O inglez alarga as calças, enche-se o mundo de varinos e suliotas. Desce elle as cinturas, pomo-'nos todos com o fatto pelos quadriz. Tosquia-se, ficamos todos chamorros. Deixa crescer as guedelhas, não se vê senão nazarenos e sansimonianos por essas ruas. Gosta de cavallos, faz correr cavallos,—de Lisboa a San'Petersburgo todos os rapazes querem ser jocqueys e ciganos. O frac e a ponte pensil, o chá preto e os caminhos de ferro, o mackadam e as botas invernizadas, o systema constitucional e os colletes brancos, os romanticos e os barcos de vapor, os dandys e as companhias monstros, as tragedias em que se ri e as comedias para chorar, os exchequer bills e os cocheiros de cabelleira branca, tudo nos vem, tudo imitamos, tudo exaggerâmos dos inglezes.

Nós é que somos os macacos, e nós é que nos rimos!...

Se nós lhes vamos buscar os modos, os usos, as invenções uteis e agradaveis, tudo, — se lhes vamos estudar a vida para a imitar, porque razão nos rimos quando elles ca veem?...

É que — parece-me que achei a solução do problema — o inglez não foi feito senão para Inglaterra.

Vejamos:

Embarquemos ahi no Lady-Mary-Wood, cheguemos a Falmouth, tomemos o Stage, ca estamos em Londres. Desembarcâmos aopé d'aquelle Coffee-house. Entremos. Sancto Deus! que tristeza, que silencio! John Bull, gordo, vermelho e taciturno, com o chapeu na cabeça e tres sobrecasacas ás costas — está gravemente sentado deante de uma enorme perna de boi, sem osso, assada ou cosida, flanqueada de um pote de cerveja e do Times. João corta, bebe, lê, mastiga devagar e por intervallos, não falla, não ri, não olha para ninguem. Só de tempo a tempo: — Waiter! — Sir — More beer — Yes sir. Comeu, leu, bebeu, pagou — e foi-se sem dizer, talvez sem ver nem ouvir nem sentir mais nada.

Vistamo-nos, tomemos um coche, vamos a Kensington-gardens. São quatro horas, não

chove hoje, coisa rara! — e alli veremos reunidos todo o rank and fashion dos tres reinos. Um immenso número de equipagens, a qual mais luzida e elegante, espera á entrada dos jardins.

Uma banda militar toca o mais escolhido da Favorita, dos Puritanos, da Lucrecia. Entramos. Quem não pasma do que aqui vê, é estupido.

Que mulheres tam bellas, tam finas, que puresa de sangue! Não ha o bemposto da franceza, nem a graça e desgarre d'aquelle vestir, d'aquelle andar, d'aquelle *estar* inimitavel. Mas ha garbo senhoril, ha frescura, ha puresa de feições, ha esbelto de fórmas, riqueza de trajos, e um tam perfeito tam completo ar de gentileza! E são tantas, e tantas, e todas assim! . . . onde guarda esta gente as feias?

E não me venham com as graças francezas, e salero castelhano, e singeleza alleman e... Sabemos isso muito bem.

Mais e melhor que tudo isso é a suavidade angelica, é a incomparavel espiritualidade, a maviosa e quasi melancholica expressão da formosura portugueza.

É certo, é a phenix de toda a belleza... e rara de incontrar como a sobreditta ave que é seu typo.

Che vi sia ciascun lo dice,
Ove sia...

Não se pode concluir com o poeta—nessun lo sa; mas, se ha muito quem o saiba, ha pouco que saber.

Em Inglaterra é exactamente o contrario.

E em tudo isto, n'estes inglezes, n'estas inglezas de Inglaterra, acharam alguma coisa de que se rir? Não.

Pois continuaremos a conversar a este respeito, que vale a pena.

II

Continuemos a fallar do inglez. E por agora do inglez em Inglaterra, que é uma entidade muito differente do inglez fóra da sua ilha. Estavamos em Londres, e em Kensington-gardens, um dos mais lindos jardins e passeios do mundo. Prosigamos na nossa viagem de supposição.

É quasi noite: as brilhantes equipagens desfillam umas após das outras. O ginete de puro sangue arabe trota airoso e ligeiro apar da caleche elegante que se balancea suavemente em suas dupplicadas molas. A brisa precursora da noite folga com as plumas dos chapeus, com as blondes dos vestidos d'essas

tres damas que vão no briska azul... O cavalleiro do ginete arabe quizera continuar a conversação que se interrompeu com a sahida dos jardins.

Não o ouvem ou não lhe dão attenção?... Quem sabe?—Uma ingleza diz a um homem: «*Come and talk to me.*» Não é «falle commigo»; é «falle para mim». E o homem falla, e ella ouve ou não ouve; dá ou não dá attenção; mas quer que lhe fallem. E ai do que não falla! Ou do que não sabe fallar! Ai sôbretudo, do que não sabe o que diz! Vinte e cinco annos, o uniforme dos guardas, figura de Apollo, trinta mil libras de renda, um nome distincto—ainda melhor um titulo, avós para além da conquista, tudo isso vale em Inglaterra e póde com a mulher ingleza o que vale em toda a parte e o que póde com toda a mulher. Com essas condicções querem-n'o ainda que seja tolo—faz um marido excellente, faz mais do que isso, um par delicioso em Almanacks. Mas gostar d'elle, a mulher ingleza não gosta.

Sigamos o briska azul.

O briska azul deslisa facil e rapidamente pelas ruas areadas do parque. É lindo o briska, tam simples, tam leve, tam baixinho!... Duas lettras gothicas apenas coroadas por um timbre singelo—indicam modestamente que

se não querem usar de outros distinctivos de armaria, que ficam para mais pomposos vehiculos, e para mais solemnes occasiões.

Eu disse 'modestamente': mas não será mais refinada vaidade ainda? É vaidade, e mais refinada comeffeito, porém menos abhorrecida, menos paspalhona, de melhor gôsto. Deixá-lo ser vaidade.

Até n'isto os imita a Europa toda aos inglezes.

Se é bom stylo hoje andar sem fittas na casaca, se fóra da côrte ou de um caso muito grave é raro o pateta que por ahi apparece com o sette estrêllo no peito, apezar do que tem chovido d'essas coisas n'estes ultimos annos, a quem se deve, d'onde veio a moda? De Inglaterra.

Riam-se do inglez: fazem favor?

Mas vamos, que nos foge o briska azul por Oxford-street acima, e perdemos o melhor d'esta viagem, ou historia, ou conto — ou o que quer que isto é.

Lá parou o briska em Portman-Square, uma das elegantes e nitidas plaçuellas que alli teem o nome geral de squares (litteralmente quadrados).

O cavalleiro tambem parou; o lacaio apolvilhado desceu de um pulo da almofada, e retim, tim, tim, tim, tom, tom, tom, tom...

tom! trovejou com a aldrava da porta, n'aquelle certo e compassado número de pancadas artisticamente repicadas segundo o regulamento, para designar a qualidade e apparato da pessoa que chega, e a quem se hade ja, depressa, ja, ja abrir a porta.

Outra figura da mesma libré, com a mesma cabeça apolvilhada e a mesma cara rubicunda, abriu e se inclina humildemente com a mão na guedelha.

A mão na guedelha é o signal servil—quasi vernaculo—é o salèma inglez do criado para o amo quando o amo é fidalgo ou coisa que o valha.

As tres damas entraram: o cavalleiro entrou tambem.

Ora supponhamos—suppor não custa nada—suppunhamos, amigo leitor, que nós que fazemos ésta viagem de imaginação—para nos não referirmos a outras reaes que tenhamos feito—nós levavamos certas cartas de recommendação na nossa carteira; que uma d'ellas era para sir Ralph R... o dono da ditta casa de Portman Square, onde parou o briska azul.

Supponhamos que na véspera tinhamos entregado a carta; que recebiamos um convite de jantar para o dia seguinte, que era hoje mesmo—o dia de Kensington-Gardens—que

vinhamos á hora apprazada; e que justamente, consultado o numero da casa, achavamos ser aquella propria...

Suppunhamos: desciamos da modesta *chaise* em que vinhamos, e entravamos atraz das damas e do cavalleiro, declinando submissamente o nosso nome, que logo tinhamos o gôsto de ouvir estropear, degenerando de bôcca em bôcca de lacaio até o não reconhecermos.

Entrámos e ca estamos no *drawing-room*.

E o que é um *drawing-room?* É uma sala de visitas portugueza? Não. É o *salon* francez? Não. É uma sala de companhia, é uma sala de baile, um quarto de estar, um gabinete, uma galeria, um estudo? Não é nada d'isso, e é tudo isso.

Vejamos se eu posso explicar o que é um *drawing-room*.

Aqui ha dez annos era impossivel em Portugal, impossivel talvez em França mesmo, traduzir em phrases intelligiveis para um grande número de pessoas — ainda usando das mais rodeadas periphrases — esta mysteriosa e comprehensiva palavra *drawing-room*. Hoje está toda a Europa tam inglezada que não desespéro de me fazer intender.

Pois não é uma sala o *drawing-room?* É sim. Uma sala-de-visitas como se dizia em

Portugal? Não senhor, verdadeiramente e strictamente n'esse sentido ja disse que não, nem o salão francez tam pouco.

A sala-de-visitas era e não sei se é, uma coisa formal, fechada, fossil, cheirando e sabendo a mofo e a misuras, com umas cadeiras, uns sophas, umas cortinas, um movel todo intacto como os de Pompeia, extranhando os raios do sol, e tam pouco familiar com a dona da casa como com a sua visita. Respira-se n'ella um ar de *parvenu*... Tenho vontade de a comparar com uma gravata de setim branco...

A lusa verdadeira sala-de-visitas, no meio da Europa d'hoje, parece um d'estes ultimos colletes monarchicos de cincoenta contos de reis, que a gente incontra por ahi ás vezes triumphantemente no meio da fastidiosa e republicana simplicidade do uniforme *piquet-blanc*.

A sala-de-visitas tem o castiçal de prata de rigor, com a virginal vela de cera (a degeneração dos costumes ja derrogou até á stearina); tem o viço e primitiva frescura do lychen do escovado tapete; tem o retratto do papá com o habito de Christo (eleve ao *quadrado* da commenda para achar a equação contemporanea) e o rettrato da maman com o pintasilgo no dedo. Tem mais a sala o hermetica-

mente fechado piano, emtôrno do qual revoam saudosos os antigos echos da 'Joven Lilia abandonada'—abafados pelos da 'Casta diva'—esquecidos pelo final da Lucrecia ou por outro que tal final.

Tem sôbre a banca do jogo, hoje fechada, mas em que se joga o voltarete nos dias de annos, um formoso mandarin lettrado, oscillando sapientemente com a celestial cabeça; tem alguns *biscuits* da Sevres ou Saxe portugueza—vulgo Caldas. E tambem tem um candieiro que ja se accendeu tres vezes, ha quatro annos que veio da logea de ferragem.

O *drawing-room* inglez não tem ésta symetria, ésta regularidade classica, systematica e perfeita como uma regra de syntaxe philosophica; não é isto emfim.

Classico tambem, mas de outro typo é o salão francez. A pendula obrigada sôbre a chaminé com suas duas sentinellas á vista de vasos de flores (contrafeitas)—seu *guéridon* com pedra emcima, seu virginal apparelho de chá ou caffé...

Mas fiquemos aqui por hoje.

III

Nós vamos devagar, caro leitor; vamos muito devagar, amavel leitora, muito demais

hãode achar. Mas paciencia! Caminhâmos seguros e certos, pela vereda da analyse, que é o unico modo de achar a verdade, especialmente em materias tam difficeis e importantes.

Tracta-se de conhecer ésta existencia unica, este ente tam singular, o inglez; não se pode ir depressa, que o estudo é longo e precisa de ser profundo.

Parámos no *drawing-room;* e porquê? Porque antes de dizer, porque para poder dizer o que é um *drawing-room,* era preciso dizer o que elle não é.

Não pensem que me espalho e esqueço por inuteis digressões, não senhor: tendo constante ao meu fim, não perco de vista o meu assumpto. Estas, que ao observador vulgar, parecerão divagações desolutas são na realidade observações transcendentes, que travam e ligam magistralmente com a materia.

Continuemos portanto.

O salão francez puro, como o reconstruiu o imperio sôbre as ruinas e com as reliquias do «antigo *régime*», tem pois, segundo eu dizia, a pendula de rigor e os dois vasos de flores contrafeitas sobre a chaminé.

No lar do fogão, e artisticamente collocados em cima das «genetas» de ferro fundido, ardem na branca cinza, graciosamente impilhados os tissões graduados e medidos. O espe-

lho alto e largo, tambem assente sôbre a chaminé, reflecte tibiamente a luz do carcel vendado com seu *abât-jour* de *phantasia.*

Abât-jour como se hade traduzir em portuguez? Bandeira não parece proprio senão do anti-diluviano utensilio de latão de tres bicos, de que apenas se ve ja hoje raro exemplar na logea de algum caldeireiro anti-progressista, pendendo tristemente do enferrujado prego, como quem deplora, no eloquente silencio da immobilidade, os perdidos costumes de nossos bons maiores, e as extranhas innovações de seus degenerados netos.

«Tapaluz» talvez não fosse má palavra... ora vejamos como fica.

É noite, antes do chá: começou o whist n'aquella mesa, faz-se politica n'essoutro canto, musica alem; aqui aopé do sophá está o candieiro sôbre a banca redonda. Julia copia para a talagassa um elegante desenho de Berlin. O cabaz das lans está ao pé; e Eduardo *faz espirito*... faz?... não sei, mas é como se fizesse — faz, sim senhor, demos que *faz espirito* sobre aquelle ramo que pende, sobre aquella camelia que está aopé do *forget-me-not.*

A camelia é branca, o *forget-me-not* é azul... que lindas coisas se não dizem sôbre isto — com a graça, com o talento que têem os nos-

sos rapazes! Pois Eduardo diz coisas lindas, e Julia, que *intende* as coisas lindas (não ha nada que anime e dê espirito como é ver a gente que o intendem!)—Julia distrai-se do bordado, troca as lans... vejam! lá fez um cravo azul-claro e uma rosa verde-mar.

Peço perdão da velhice! Como se uma elegante da epocha derrogasse a ponto de bordar d'essas flores rançosas. Era uma bougainvillea, um hybiscus, uma calceolaria, um cacto mesmo, se quizerem... Mas flores do canteiro da minha avó! Que pequice!

Pois foi uma gardenia—vulgo jasmim do cabo—o que se trocou de branco para azul ou roxo, ou furtacores talvez...

Faz favor de se callar e tirar esse tapaluz do candieiro, sr. Eduardo, que não sei o que faço... troquei as lans.

O *tapaluz!*... Seria do *tapaluz?*... ou distracção por estar a pensar no que hontem lhe disse aquella pessoa?...

—Pessoa! Que pessoa? Não diga semsaborias, e tire o *tapaluz*.

— *Tapaluz* é palavra que... (tirando o *tapaluz*).

—Diga, diga alguma coisa bonita do *tapaluz*... das que tem sempre para dizer...

— *Tapaluz*... *tapaluz*... é como quem diz...

E não disse nada.

Então *tapaluz* não presta talvez.

Pois busquem outra coisa para *abát-jour*... que eu não sei.

Aqui está como se experimenta uma palavra; se as sujeitassem sempre a este processo, talvez não tivessemos algumas tam chochas e tam deslavadas na nossa lingua.

Voltemos ao salão francez.

O *abát-jour* representa uma scena do Judeu errante, talvez a panthera devorando Jovial, ou mr. Rodin espreitando pelo buraco na casa dos doidos, ou os cabellos ruivos de mademoiselle de Cardoville, ou os sapatos ferrados em cruz do proprio mysterioso protogonista, que vai ao pollo todos os annos, e é a cholera-morbus, e faz bem a toda a gente, menos aos jesuitas, que hade dar cabo d'elles, ainda bem!

O Carcel está sôbre uma banca redonda — *guéridon* — com pedra emcima.

Aos dois lados da chaminé, os *divans*, — nas paredes aguarellas ou gravuras; nas janellas cortinas ligeiras, caprichosamente apanhadas; aopé do fogo umas cadeiras estofadas sem braços — *chaufeuses* — calculadas para a enorme roda dos vestidos actuaes. (Propõe-se outra vez as saias esguias, mas eu não creio n'ellas por'ora.) Um forte piano ro-

cocó, alguns jornaes da moda, alguns tomos do romance do dia completam a mobilia do quarto.

É elegante, é bonito: *está-se* alli, pode-se alli estar; mas é possivel estar melhor n'outra parte.

No *drawing-room* inglez, não senhor: vê-se, sente-se que é impossivel *estar* senão alli, que alli está o coração, a vida, a existencia toda da mulher bella ou interessante, que é a alma da casa. Ausente ou presente, ve-se toda uma mulher ingleza na sua sala.

A franceza vive no theatro, no *boudoir*, no quarto da cama, no toucador, nas Tuillerias, em Tortoni, na *Bourse* mesmo, em Santo Thomaz de Aquino, nos arlequins, em Versailles, na exposição, nas logeas de modas, no instituto, no observatorio, nos sermões do padre Lacordaire e nas leituras de Edgar Quinet... A ingleza vai a tudo isso, ou a coisas que se parecem com tudo isso, mas *vai*, não *vive* — viver, é só no seu *drawing-room*.

Ora nós estamos em casa de sir Ralph, lembrem-se. Ja sabemos que ha tres senhoras n'esta casa: vamos vel-as no seu *drawing-room*.

A ORDEM DO BANHO

Publicado na *Illustração*, jornal universal
No anno — 1845 a 1846

A ORDEM DO BANHO

Vivemos n'um seculo democratico: é verdade; nunca forão tam odiosas as distincções sociaes, nunca se lhes deu tam pouco valor — mas nunca forão tam procuradas. A classe media que invade tudo, e que está bem longe de deixar subir a plebe até ella, quer todavia elevar-se a si mesma a par da antiga nobreza. Ja não é o peão fidalgo — o bourgeois-gentilhomme — que arremeda os ares da côrte; é uma classe, uma geração inteira que invadiu os palacios, que se mandou escrever no livro de ouro pelos reis d'armas de todos os paizes, que mofa do passado que não ouviu o seu nome, e do futuro que o não hade conhecer: o presente é seu, porque o domina. Sabe que

não vem na historia, nem hade hir á posteridade. Que fez ella, que fizeram seus avós para isso? Mas a sciencia e as lettras, a industria e as artes são suas, sua é a riqueza, seu portanto o presente.

Esses titulos, essas honras, essas decorações de ouropel não valem nada deante dos arcos de ferro da minha burra — diz a classe média: uma tira de papel assignada por mim, gyra o mundo com o valor que lhe eu quero dar; eu negociante, eu fabricante, que não sei o nome do meu avô: emquanto esses pergaminhos que têem seculos, que rezam de antepassados duques, principes e marquezes, ninguem dá um cruzado-novo por elles.

E dizem a verdade: mas querem o pergaminho, e querem a fitta, e querem a cruz, e o titulo, e... se elles podessem comprar a historia tambem!...

Moralize o facto quem quizer; eu somente o estabeleço.

Daqui o immenso número de distincções honorificas, a variedade de suas especies, a divisão infinita de seus graus. Só nas ordens militares, desde o Esporão ao Tosão de oiro, que variegado arco-iris de graduações e de côres!

A democracia invadiu a guarda-roupa do feudalismo, rasgou quantas cabaias lá achou,

dividiu-as entre si ás tiras, e foi-se mostrar pelas ruas.

Daqui tambem, do immenso número de candidatos, a necessidade de reduzir, de supprimir emfim de todo, as antigas fórmas e cerimonial que nos rituaes ecclesiasticos e civis estavam marcados para essas investiduras.

D. João II ainda fez condes com todo o rigor da lithurgia feudal. Em nossos dias, não ha muitos annos, inda era preciso ser armado cavalleiro para poder ter o habito de Christo.

Hoje, desde San Petersburgo até Lisboa, faz-se tudo com uma folha de papel que se dá ao homem, e o homem fica tudo o que o querem fazer.

A consideração pública á parte.

Em Inglaterra a democracia é mais vigorosa, mais illustrada, mais ricca do que em nenhum paiz; mas conscia da sua força não pretende assimilar-se as fórmas, doirar-se com o splendor da nobreza; quer mais, quer aniquilá-la. No continente a aristocracia não é temida, em Inglaterra sim. Mas em Inglaterra a aristocracia é forte, ricca, instruida, está senhora de toda a fôrça, de todo o poder do Estado; resiste portanto, intrincheirou-se, para resistir, na Egreja, no parlamento, nos tribunaes, no exercito, na marinha.

Por isso em Inglaterra achamos ainda as

fórmas e solemnidades feudaes conservadas com escrupulo, as distincções sociaes mais circumscriptas, o accesso ás dignidades mais difficil.

Alli ainda ninguem é cavalleiro em quanto o Soberano em pessoa, impunhando a espada do Estado, lhe não deu no hombro os golpes symbolicos e quasi religiosos que o consagram á honra, ao serviço de Deus, do Rei e da sua dama. Alli ainda se não dá uma commenda n'uma folha de papel, nem uma cruz de ordem militar por uma portaria.

Repitto que não moralizo, nem julgo dos factos; digo como elles são.

A nossa estampa[1] representa a rainha Victoria dando a investidura da ordem do Banho, na sala do throno no palacio de S. James.

A rainha, sentada no throno, revestida do manto, e ornada com collar e placa da ordem, tendo o principe Alberto á sua direita, e o duque de Cambridge á esquerda, preside o Capitulo da ordem. Os cavalleiros gran'cruzes tomam assento na mesa capitular que está defronte do throno.

O postulante conduzido pelos dois grancruzes mais modernos, ajoelha á direita do throno. Rei d'armas Bath appresenta ao prin-

[1] Referencia á gravura do jornal.

cipe Alberto a banda e insignia da ordem; este as offerece á Rainha gran-mestra, que as lança ao novo cavalleiro, que antes fôra armado tal pela mesma augusta mão. Os cavalleiros gran-cruzes estão todos com os seus mantos e insignias.

A muito honrosa ou muito honrada *(most honourable)* ordem do Banho, pretendem alguns que seja muito antiga. A sua existencia formal e regular data todavia somente de 1725, epocha em que foi restaurada por Jorge I. Walpole, o famoso Sir Robert Walpole foi o auctor da lembrança e o director da execução. As insignias da ordem são uma cruz de malta, de ouro, de oito pontos, esmaltada de branco; nos quatro angulos um leão passante; no centro a rosa por Inglaterra, o cardo por Escossia, o trevo por Irlanda, sahindo de um sceptro entre duas corôas imperiaes de ouro. Á roda um circulo incarnado com a lettra ou mote «*Tria juncta in uno*». O manto da ordem é incarnado, forrado de branco. Tambem é incarnada a fita.

Ha tres classes de cavalleiros — Gran-cruzes, commendadores e companheiros. O numero é fixo e muito limitado.

Foi ultimamente reformada em 1815.

Não costuma dar-se a estrangeiros.

Mr. SHERIDAN KNOWLES

Encontrado entre os autographos; ignorâmos se foi publicado.

Mr. SHERIDAN KNOWLES

Lisboa é uma das primeiras capitaes do mundo em grandeza e extensão, ja o foi em riqueza e commercio. Collocado no centro do mundo civilizado, entre o mediterraneo, o grande Atlantico, e o mar do norte, o seu porto podia ser o mais frequentado, se muitas causas que não é para aqui deduzir, não tivessem affugentado do Tejo a navegação estrangeira; e outras, senão as mesmas causas, deminuido tambem a nossa.

Esperemos nos carrís de ferro que bem podem restituir, por outro modo, a este 'quasi cume da cabeça' de todo o mundo, — segundo a expressão do nosso poeta, os doirados dias dos galeões da India e do Brazil.

Podem de certo, e com mais solida e perduravel grandeza do que foi a passada. Assim o

tendeu-se depois a outras tres, pelo instante pedido dos concurrentes; de maneira, que os cultores e affeiçoados da litteratura ingleza, tiveram seis noites de agradavel e proveitoso entretenimento.

Shakspeare, o grande fundador do theatro moderno devia necessariamente ser o ponto de partida das considerações, das observações e doutrina que ouvimos. Schlegel não expoz melhor, com mais enthusiasmo e convicção, as bellezas, a verdade, a philosophia de uma eschola poetica, que hoje é quasi universalmente reconhecida e seguida. O genio creador de Shakspeare, a diversidade de seus charactéres, a facilidade e verdade com que o poeta se identifica com os seus personagens a ponto de nos tornar a ficção mais natural do que a realidade, e de modo que bem podemos exclamar com Byron, ao comparar a historia com a sua poesia: Truth is strange, stranger than fiction! tudo isto nos fez sentir Mr. Sheridan-Knowles na sua primeira leitura. A dicção era fluente e animada, simples ou poetica, segundo cumpria pela variedade dos assumptos. Mas o que sôbre tudo admirámos mais, e mais nos satisfez, foi ouvir recitar os bem escolhidos exemplos dos varios auctores que trouxe para comparar as suas theorias — principalmente de Shakspeare.

A segunda leitura foi continuação do mesmo assumpto. Nunca ouvimos declamar coisa alguma com tanta perfeição como as duas fallas de Cassio e Marco Antonio na 'morte de Cesar'. Nobreza, verdade, fôrça, tudo o que ha de maravilhoso, de grande, de inimitavel n'aquellas duas fallas, sobresahia de um modo que não póde imaginar quem não tenha ouvido Talma — ou Mr. Knowles. Para cá do Rheno não viveu outro homem em nossos dias, a quem o espirito de Melpomene se revelasse assim. Não fallo dos absurdos desesperos, dos huivos e berros do drama, no sentido stricto da palavra moderna; fallo da tragedia racional.

Mr. Knowles, discipulo e sacerdote de Shakspeare, não reconhece as unidades de Aristoteles: é *protestante* em Litteratura. Muita gente é hoje d'essa egreja; mas poucos acceitaram seus dogmas e disciplina com aquelle espirito de verdade e convicção, ou os sabem prégar com aquella persuasão e eloquencia com que elle o faz.

Na terceira leitura, entre outras materias connexas, veio a questão das unidades: e com o exemplo de Macbeth, — tragedia admiravel que elle analysou rapida mas profundamente — provou á evidencia, demonstrou com toda a severidade da logica, sem perder das

galas da eloquencia, que o verdadeiro drama tragico era impossivel com as pretendidas tres unidades de Aristoteles.

Shakspeare não se explica em tres licções: mas bastariam decerto estas tres licções para mostrar a qualquer que fosse inteiramente hóspede na materia, que sem um longo, profundo e meditado estudo da natureza—de que elle foi o primeiro intérprete—não é possivel fazer coisa alguma digna da arte, n'este mais difficil de todos os generos de litteratura, o dramatico.

Shakspeare ja fôra comparado a Euripides; e com razão. Os ouvidos classicos a quem a preposição escandalizar, que vão ouvir Mr. Sheridan Knowles, e eu lhes prometto que hão de ficar convertidos.

No exame do Theatro Antigo, e principalmente de Euripides, foi impregada a quarta leitura.

A oratoria deu thema á quinta leitura. O stylo, a declamação, os exemplos de Demosthenes, de Chatam, foram brilhantemente e magistralmente tractados.

Concluiu Mr. Knowles, com uma revista geral dos poetas inglezes contemporaneos. Veio do seculo dezessete e dezoito com Milton e Pope até Southey, Scott, Byron e Campbell. É impossivel recitar com mais

graça, calor e animação do que elle recitou as passagens escolhidas d'estes coripheus do parnaso britannico. Considerou-os principalmente no sentido dramatico. Escusado é dizer que nenhum d'elles é grande escriptor de theatro, que alguns absolutamente mostraram ter negação para a scena. Tal foi W. Scott. Mas em toda a verdadeira poesia, assim como em toda a grande eloquencia, entra alguma coisa de drama.

Mr. Knowles, concluiu na sexta noite as suas leituras, com um vehemente epilogo de agradecimentos e saudade a todos os que o tinham obsequiado: e sem pronunciar nomes, designou com manifestas allusões aquelles a quem mais se sentia obrigado.

Deve ficar certo o distincto litterato que, nacionaes e estrangeiros, todos conservaremos com muita saudade a memoria da sua visita a ésta terra. E dos Portuguezes, especialmente me atrevo a affiançar-lhe que, se a difficuldade de uma lingua tão estranha e difficil como é a ingleza não obstasse ao desejo geral, as suas leituras teriam sido frequentadas por todas as classes de um povo, que é enthusiasta do verdadeiro talento, e que faz tymbre em ser hospitaleiro e cortez com os que o visitam para o honrar.

DEDICAÇÃO DA CAPELLA DOS SRS. MARQUEZES DE VIANNA NO SEU PALACIO DE LISBOA—1846

Publicado em 1847, n'um opusculo que tem por titulo: «Sermão prégado na dedicação da capella de Nossa Senhora da Bonança, no dia 14 de dezembro de 1846, pelo presbytero Carlos do Cenaculo.

Em meio d'este fervor, d'esta mania de destruição que nos tomou e que ha meio seculo se tem apoderado da Europa, sentimos todos uma ancia, uma necessidade intima de construir alguma coisa. Mas como, mas o quê, mas para quê?

A confusão de todas as ideas, a incerteza de todos os principios, o vago e indeterminado de todas as aspirações fazem impotente o espirito e o braço.

Somos filhos de paes incredulos, mas desejamos crer nós; somos herdeiros e successores dos que demoliram, e querêmos edificar nós. Morrem porém os desejos e a vontade, porque nenhum vigor de principios certos os acompanha á nascença. Este intervallo da destruição á construcção, é um repouso inquieto da humanidade que o dedo de Deus suscitou em furor de guerra, que o dedo de Deus guiará um dia á serenidade da paz — que hoje abandonada d'elle, se revolve no meio das ruinas que fez, que não podia deixar de

fazer. Ahi está, pasmada do presente, temendo ainda do passado, e anhelando por se pôr a caminho para um futuro que não sabe quando nem qual será.

A seu tempo, no tempo que so Elle sabe contar, hade dizê-lo Deus aos homens. Temos d'isso fé viva; mas tambem crêmos seguramente que primeiro nos quer deixar ver bem claro que não é a razão nem a sciencia humana que, per si sos, podem achar o fim da humanidade. Abriu-nos os olhos para ver o êrro, e combatêmo-lo; ainda no'-los não abriu para ver a verdade e nos abraçarmos com ella.

Por isso estamos assim, como os escapados do diluvio: o que era, ja não é, porque Deus o mandou destruir; o que hade ser ainda não é, porque Deus o não mandou construir.

Esperemos.

E quando a vontade de Deus se manifestar, construiremos.

No entanto, ja vemos que o corvo que sahiu da arca não voltou; e que a pomba descubriu nos cimos das oliveiras os rebentos novos que promettem a paz desejada.

É a incredulidade velha e corrupta que se affogou em si mesma; e é a fe que promette renascer. Estas são as duas unicas verdades consoladoras que existem hoje na terra. De que a isto, ao menos, chegaram os homens,

são geraes, são constantes, são inquestionaveis os symptomas.

É a fe que ha de reconstruir o mundo.

O que pretendeu a philosophia soberba e não pôde, hade fazê-lo a religião humilde que póde.

Da cruz veiu a regeneração moral, e da cruz hade vir a regeneração material e intellectual do mundo.

Foram estes pensamentos — ou mais exactamente, este era o sentimento intimo d'alma com que ha pouco, em 14 de dezembro d'este memoravel anno de 1846, assistia á mais rara e interessante solemnidade em que ainda tomei parte: — a dedicação de um novo templo.

Era no palacio dos marquezes de Vianna. Todo o brilho da riqueza, toda a elegancia das artes, todo aquelle fino gôsto que characteriza o nobre marquez e as suas esplendidas festas nos rodeava: a primeira sociedade de Lisboa alli estava, assistia o sr. Patriarcha, officiava o sr. Arcebispo de Mythilene; todas as grandezas e todas as attracções alli se reuniam. Mas erguida sôbre todas as pompas da egreja e da sociedade estava a cruz do Christo, estava a imagem da Virgem. Symbolos de fe e de esperança alçados sôbre todas as incertezas e agitações do seculo!

A invocação da Virgem é a de Nossa Senhora da Bonança; e a capella um voto feito

pelos senhores marquezes vendo-se em perigo de vida na altura do cabo de Finisterra quando regressavam de França a Portugal em 1843, no dia 30 de outubro.

N'aquelle seu palacio, ao Rato, hoje o mais elegante de Lisboa, mora ha muito com S.as Ex.as a elegancia, a urbanidade e a perfeita grandeza. Seus esplendidos salões amiudadas vezes se abrem a todas as distincções sociaes sem exclusão de partido ou de opinião. Nunca se fez melhor uso do podêr, da riqueza, da superioridade do nascimento e da posição social; nem se deu melhor documento do muito que valem reunidas, de quanto podem ser populares, e da benefica influencia que são chamadas a exercer n'uma epocha difficil como a nossa.

A erecção da elegante capella é um remate digno do palacio e do dono d'elle.

Escrevo aqui o que pensei e senti n'aquella occasião, o que muitas vezes tenho dito: que o não tome o sr. marquez por lisonja: não as sei dizer.

A sua festa foi completa. O sermão — coisa mais rara que nenhuma hoje em Portugal — tinha razão, stylo, elevação de pensamentos, e não lhe faltava uncção christan.

Recordarei sempre com satisfação a manhan do dia 14 de dezembro de 1846.

NECROLOGIA

DA EX.ᴹᴬ SR.ᴬ

D. HELENA FEO DE SOUSA E MENEZES ARANHA

JANEIRO — 1849

Publicado na Revista Universal Lisbonense

Um momento só — e voltaremos ao cansado tumulto d'essa vida affadigada em que nos gastamos. Mas um momento, para deixar cahir estas flores de saudade, e dizer duas palavras de despedida a esse pequeno tumulo onde acabam de sumir-se dezenove annos de graça e de gentileza, um coração de ouro e a mais querida esperança de toda uma familia.

Os fastos de um paiz, que verdadeiramente quer civilizar-se e ennobrecer-se, não têem de gravar sómente em suas tábuas os nomes dos grandes capitães e dos grandes escriptores. Ha illustrações que se não cortam á espada, nem se escrevem á penna. Aquella matrona romana que ficou tam immortal como os maiores ho-

mens de Plutarcho — no seu memoravel epitaphio, o que se dizia d'ella? que esteve em casa e que fiou na roca. È que na vida, e sobretudo na vida feminina, á modesta sombra das paredes domesticas florece abrigada e tranquilla mais glória, que nos campos de batalha, do que no fôro e na academia.

Gravemos pois aqui, sôbre ésta pedra singela, tam molhada das lagrymas maternas, das do espôso, dos irmãos, dos amigos que a adoravam todos, o nome de D. Helena Feo de Sousa e Menezes Aranha. Ponhamos ao pé o da inconsolavel mãe D. Maria da Conceição de Lima Feo; o de seu honrado pae, Manuel Bernardo Cotta Falcão Aranha. — Mencionemos o do afflicto marido Luiz Mendes de Vasconcellos. Todos elles dizem a nobreza da familia a que pertenceu; e recordam as poucas, mas sanctas epochas de uma vida simples, que principiou em 22 d'abril de 1829, que se fixou por um casamento de extremosa affeição em 4 de julho de 1846, e terminou com angustiado padecer em 13 de janeiro d'este anno de 49 ás tres e meia da tarde.

Boa e amante de coração, generosa e caritativa por instincto, desde pequenina o seu maior prazer era dar quanto tinha aos pobres. Sob a apparencia da saude e da frescura, começou todavia a padecer desde a edade de 5

annos, mas sem que positivamente se determinasse molestia grave alguma.

Um anno depois de casada accompanhou seu marido á Hollanda, onde viveu dous mezes, estimada e obsequiada de quantos a conheceram. Egual accolhimento encontrou em Bruxellas, onde passou o restante do hinverno, de 47 a 48, e de d'onde voltou a Portugal ja gravemente doente.

As inquietas saudades que n'esta ausencia devoravam as intranhas de sua extremosa mãe, eram --parecia— o presentimento do mal que a ameaçava, e que logo se começou a confirmar apenas abraçou tam mudada, tam transtornada a sua filha querida.

Os ares patrios e o affago dos seus mostraram, ao principio, querer restaurar a perdida saude da infêrma. Porêm foi inganosa a promessa, os maiores desvellos nada poderam: em poucos mezes a medicina desesperou.

Apenas se julgou o perigo imminente recorreu-se aos remedios espirituaes. O nuncio de S. Santidade, bem visinho e amigo d'aquella estimavel familia, celebrou o augusto sacrificio junto ao quarto da inferma e lhe administrou o Sacramento.

Soffreu resignadamente seus crueis padeceres, passou com ânimo admiravel por todos estes transes, sem queixumes, sem ancias de

espirito, com uma paciencia e conformidade angelica.

Assim chegou aos ultimos instantes da vida! O derradeiro suspiro do anjo, que o recebessem os anjos no ceo. E que de lá venham, a Esperança e a Fé consolar as maguas dos seus, dar algum alívio ás inconsolaveis saudades da mãe.

NECROLOGIA

DO

Sr. FRANCISCO KRUS

OUTUBRO DE 1849

Sabbado vinte e sete de Outubro sahiu, pela ultima vez, da sua elegante residencia, no pateo do Duque, o honrado cavalheiro e distincto negociante desta praça, Francisco Krus, patriarcalmente levado nos braços dos numerosos dependentes do seu vasto estabelecimento commercial, que assim testemunharam publicamente o seu respeito e affeição por elle. Acompanhavam-no tambem alguns de seus mais intimos amigos. Na vespera, rodeado de sua numerosa descendencia, de parentes e amigos que o choravam, fallecera tranquillamente da morte dos justos. No dia seguinte, as pessoas mais notaveis de todas as classes assistiam ao officio de corpo presente, que se ce-

lebrava na Egreja parochial do Sacramento, e acompanhavam depois ao seu jazigo no cemiterio do alto de S. João.

De muitos se diz, mas de poucos é verdade, que a sua morte foi geralmente sentida. Neste caso é bem exacta a asserção; porque é uma e unanime a voz pública sobre a austera probidade, a larga intelligencia e a pouco vulgar instrucção do fallecido.

Nascido em Altona, junto a Hamburgo, e allemão de origem, mas subdito dinamarquez, deram-lhe seus paes aquella educação vasta e profunda que alli faz tão respeitavel e preponderante a sua classe. Nem lhe faltou o que vulgarmente se chama de ornamento e agrado, porque não era hospede nas amenidades da litteratura, nem estranho á cultura das artes. Cabeça fortemente organisada, vasada no molde severo de que se fazem os mathematicos e os philosophos, no seu coração vibravam comtudo harmonicamente as cordas que precisa a alma do artista e do poeta. Ninguem resolvia melhor um problema financeiro, nem avaliava melhor um producto da arte ou do genio, nem sentia mais vivamente as grandes bellezas da natureza, que Deos dá a admirar a todos, mas a sentir a mui poucos.

Assim dotado pela natureza e instituido pela

educação, se entregou á profissão de seus paes, e começou de mui tenra edade a estudar profundamente, não as vulgares rotinas e costumeiras do commercio, mas o que elle tem de vasto e superior, e que demanda conhecimentos e instrucção não commum.

Em breve adquiriu a reputação que merecia; e viajando por Hollanda, Inglaterra e Hispanha, cujas linguas fallava como muitas outras, praticamente se aperfeiçoou no conhecimento da sua profissão, por tal modo, que tendo apenas vinte e tantos annos foi associado a uma respeitavel casa de Londres, e nessa qualidade foi residir na cidade do Porto. Alli viveu alguns annos, e dalli passou a vir fundar em Lisboa egual estabelecimento. Algum tempo depois casou com D. Josefa Pacheco Monteiro, de uma distincta familia de Merida, da Provincia da Estremadura. Começava a sorrir-lhe a fortuna, e a produzir o devido fructo a assiduidade e intelligencia dos seus trabalhos em Lisboa, quando a casa de Londres, menos feliz ou menos bem dirigida, suspendeu repentinamente os seus pagamentos. Avisado com tempo, pelo feliz accidente da demora de um paquete, pôde á força de trabalhos, occorrer áquella grande crise, ajudado por seu credito e reputação, ja então immensa. Era tal, que um grande número de

capitalistas se lhe offereceu logo para o sustentar, pondo á sua disposição sommas consideraveis.

Por esta occasião para satisfazer escrupulosamente á sua honra e dar credito a seu nome, perdeu metade de seus cabedaes, que ja eram consideraveis.

Mas não ha dúvida que, ainda quando a probidade e a honra não fossem tamanhas virtudes como são, ainda assim se deviam cultivar e adorar por mero interesse; maxima verdadeira para todos, duas vezes verdadeira para o negociante. Desde então não fez senão prosperar o seu credito e proveitos: e em breve se estendeu o gyro de suas transacções a toda a Europa. Nenhuma firma mais acreditada e nenhum homem mais respeitado havia em Lisboa. E Lisboa era tambem para elle a terra da sua predilecção, a sua segunda patria. Aqui encontrára valiosos amigos; aqui a estima e a consideração geral o acompanhavam. Este ceo, este clima, esta serena tranquillidade da povoação, que nos enfastia a nós de genio mais buliçosos, a elle o encantavam. Fallava e escrevia, como a sua, a nossa lingua, com exacção rigorosa e sem o mais leve accento, do mesmo modo que fallava o castelhano, o italiano, o inglez, o francez, e o hollandez: passando de uma a outra

com admiravel perfeição e sem um equivoco de orthographia ou de pronúncia.

Em tudo assim era, de uma pontualidade extrema. As horas do trabalho, da refeição, e do passeio todas tinha contadas.

Tão estimado porém, como foi entre nós, não o era menos nos paizes estrangeiros, e com especialidade no do seu nascimento. O governo de Dinamarca o quiz, por vezes, nomear seu Consul geral aqui; e sempre recusou, porque modesto em exaggeração, todo o cargo e funcção pública lhe repugnava. O mesmo lhe succedeu com a cidade de Hamburgo e mais cidades hanseaticas, ás quaes teve por fim de ceder, acceitando a nomeação, á força de insistencias a que já não era possivel resistir.

Aos sessenta e sete annos de sua edade, cheio de saude, e em todo o vigor do seu espirito, o accommetteu repentinamente uma congestão cerebral, com cuja violencia luctaram em balde os melhores facultativos e a incançavel assistencia de seus filhos, de sua mulher, de seus parentes e amigos mais intimos, que rivalisavam de assiduidade e carinho. Foi tremenda a lucta, durou quarenta e oito dias: tanto se empenhára a arte, e tanto resistia uma constituição poderosa, conservada por longos habitos de regularidade e moderação.

Durante o seu longo padecimento não desamparavam a porta as continuas visitas das mais distinctas pessoas desta terra. Sua Magestade El-Rei, que o honrava com especial distincção, lhe fez esta ultima de passar a informar-se pessoalmente do estado da sua saude.

Em fim, depois de um verdadeiro martyrio, soffrido com resignação de sancto, e fortaleza de philosopho, falleceu na madrugada do dia 27, com todas as demonstrações de fé e piedade christã, que o estado dos seus orgãos lhe permittia dar.

A dôr sincera e profunda dos seus, não é das que se descrevem nem se podem consolar. A herança de um milhão de cruzados que lhes deixa, adquirida com a mais exemplar honestidade, é um motivo mais de sentimento e de pena; porque não terão um momento na vida em que se possam esquecer de que devem quanto são e gosam, a um pai e a um marido que não teve outros pensamentos e cuidados senão o bem de sua familia.

A classe dos negociantes, que em nossos tempos é chamada a maiores destinos e á mais alta importancia na sociedade, que nunca teve, deve tomar por modêlo e por exemplar este homem que morreu millionario sem faltar a um dever nem transigir com um escrupulo;

que affrontou com intrepidez a sorte adversa, e se moderou com modestia na prosperidade.

Que esta opinião tam justa, tam merecida e tam geral seja a melhor herança de seus filhos; que se orne com ella a sua viuva como do mais brilhante diadema; que seja — e é — um distincto brazão de nobreza para seus netos; e que a saudade de todos os seus seja a maior consolação por tamanha perda.

Por minha parte, faço timbre em manifestar aqui publicamente quanto me honrei sempre com a sua amizade e com as distincções de obsequio e de affecto que lhe devi.

Descance em paz, viva com Deus a sua boa alma; e na lembrança dos homens a sua honrada memoria.

NECROLOGIA

DA EX.^{MA} SR.^{A}

D. MARIA THEREZA MIDOSI E MAZAREM

SETEMBRO DE 1850

Desparzam rosas sôbre o seu jazigo porque ella era bella d'alma e corpo! E as palmas da virtude que lh'as ponham tambem ahi, porque as mereceu n'uma vida pura e recatada repartida toda entre o amor de seus paes que a adoravam, do espôso a quem fez tam feliz, e dos filhos seu maior amor e cuidado.

Trinta annos viveu e trinta annos se lhe passaram n'isto: sobrado tempo a outras para accumular desvarios, e percorrer toda a carreira dos vicios e das leviandades. Para ella forão escassos dias, porque os approveitou todos assim.

O mundo conheceu-a pouco; os seus, mui-

to,—Deus ainda mais. Elle saberá premiá-la, consolar tambem os que choram.

Era a filha primogenita do conselheiro Paulo Midosi, e de sua mulher D. Marianna Midosi; chamou-se D. Maria Thereza Midosi e Mazarem porque cazou com o sr. Joaquim Luiz Mazarem, filho do distincto facultativo d'este appellido. Tinha nascido em Lisboa em 14 de agosto de 1819, e em Lisboa falleceu a 13 de setembro d'este anno de 1850.

Todas as qualidades de uma senhora exemplar se davam n'ella: religiosa sem hypocrisia, amavel sem affectação, instruida sem pretenções. Fallou, como a sua, as linguas ingleza e franceza, teve uma completa e approveitada educação; podéra brilhar como poucas pelos dotes de alma e pelas graças do corpo: escolheu viver para si, entregar-se ás modestas occupações do lar doméstico.

Domum mansit lannam fecit.

Brilhou no centro de sua familia porque para mais nada viveu.

Consummiu-a a molestia em seus últimos annos, padeceu muito (!) e veio por fim a morrer dolorosamente de uma febre typhoide que a sciencia não pôde vencer.

Em premio de tanta abnegação e soffrimento tem hoje decerto a bemaventurança n'uma vida melhor, sem termos e sem dores.

E n'esta, ficará perpetuada a sua boa memoria entre quantos a conheceram, e inextinguivel a saudade dos que lhe pertenceram.

Quem escreve éstas linhas, andou com ella ao collo — e gallantissima criança que então era! Nunca pensou viver para ter de escrevê-las!

Deus reparte a vida e a morte segundo lhe praz. Bemdittos os que morrem com elle.

MONUMENTO

AO

DUQUE DE PALMELLA

D. PEDRO DE SOUSA HOLSTEIN

LISBOA—NOVEMBRO DE 1850

Encontrado entre os autographos.

MONUMENTO AO DUQUE DE PALMELLA

Nenhum nome illustra mais a historia contemporanea de Portugal do que o do Duque de Palmella, D. Pedro de Sousa Holstein. Desde o congresso de Vienna no principio d'este seculo, até á presidencia da representação nacional n'estes ultimos annos, constantemente o vemos, o respeitado defensor das ideas nobres, generosas e livres, pugnar pela independencia do seu paiz, sustentar os direitos da corôa portugueza e luctar pelo estabelecimento do regimen constitucional entre nós.

Embaixador nas primeiras côrtes da Europa, ministro de Estado nas mais difficeis crises, chefe do partido liberal durante a imi-

gração, juncto a D. Pedro no Porto, seu logar tenente em Londres, em París, no Algarve e em Lisboa, presidente da Regencia da Terceira, e por ultimo á frente da camara dos Pares, jamais desmentiu de seus principios, que uns taxaram de pouco, outros de demaziado progressivos: próva infallivel de que não desviaram nunca da moderação que professava, e que elle tinha pelo mais curto e seguro caminho de chegar ao fim proposto.

Intelligencia transcendente e rara, cultivada por uma alta educação, amenizada por uma instrucção não vulgar, e pelo tracto dos primeiros characteres do seculo, ninguem pezava menos pela sua superioridade, nem fazia perdoar mais facilmente, o que mais custa ao vulgo perdoar — o merecimento pessoal e a constancia da fortuna.

Estas qualidades lhe fizeram muitos amigos; sua illimitada generosidade, muitos clientes, e com o tempo e com os desinganos, lhe apagaram muitas inimizades e malquerenças, muitas desconfianças e prevenções que nascem sempre ao redor da grandeza e da felicidade, que a inveja cultiva com desvelo e que só á fôrça de bondade, de indulgencia e de magnanimidade se destroem. Não o consegue nunca o vingativo nem o soberbo por mais que valha e mereça.

Bem claramente o vimos em seu funeral a que toda a população de Lisboa acudiu como em pranto público, rodeando seu feretro os homens mais eminentes de todos os partidos, mais distinctos pelo saber, podêr e haver — as tres inevitaveis aristocracias de todos os tempos.

Foi d'esta quasi unanimidade de sentir n'uma perda que todos choraram por sua, foi d'esta homenagem geral paga na morte do homem bom e do bom cidadão até pelos mesmos que lh'a recusaram em vida — que nasceu a lembrança entre alguns mais intimos amigos do fallecido de promover a erecção de um monumento público á sua memoria. Reuniram-se para este fim, consultaram dos meios e condicções com que deviam fazê-lo; e resolveram dirigir-se, como hoje fazem, á nação portugueza, pedindo-lhe que adopte por seu este pensamento, que sanccione com a sua concorrencia ésta proposta, em que tanto ou mais é interessada a sua propria glória, do que a do filho illustre que assim devem premiar e coroar.

Nós temos sido uma nação de ingratos. Monarchicos sempre, dir-se-hia que nos devora o ciume republicano e que proscrevemos com posthumo ostracismo até a memoria dos que bem nos mereceram. É tempo de

mostrarmos que é infundada a accusação que nos fazem, e que, pois temos um regimen livre, nos desaffrontâmos da que não era culpa nossa, senão do govêrno: que cidadãos, como hoje somos de um paiz livre, teriamos dado aos nossos grandes homens o tributo de honra que fomos constrangidos a negar-lhes, quando vassallos de uma terra serva.

Solicitâmos portanto do público uma subscripção geral para a erecção de uma estatua, que ha de ser levantada ao Duque de Palmella, D. Pedro.

A estatua, levantada no largo das côrtes, será em bronze fundido, collocada em um pedestal de granito; representará o Duque em pé, revestido dos trajos e insignias da alta magistratura civica a que o chamaram seus talentos e serviços nos ultimos annos de sua vida.

A commissão escolhida na reunião preparatoria dos amigos do defuncto Duque de Palmella, D. Pedro, para formular o modo e condicções com que deve promover-se a erecção de um monumento nacional á sua memoria; entendeu que naturalmente devia dividir em duas partes distinctas o seu trabalho.

Indica pois, na primeira, o methodo que lhe pareceu mais verdadeiro e proficuo de obter o concurso da grande maioria dos portuguezes que respeitam e honram a memoria do illustre Duque.

E indica, na segunda, a qualidade e fórma que julga dever dar ao projectado monumento, para haver de characterizar, assim as qualidades da pessoa que tem de representar, como o pensamento dos que vão erigi-lo.

Na primeira parte propõe a commissão:

I. Que se promova em Lisboa a formação de uma associação, para a qual sejam convocados, sem distincção de partidos, todos os cidadãos, que apreciando as virtudes civicas, e os grandissimos serviços do chorado Duque de Palmella, conhecerem ao mesmo tempo quanta obrigação e necessidade tem um paiz livre e civilisado de honrar a memoria dos seus benemeritos.

II. Que para este fim a reunião preparatoria escreva a todas as pessoas influentes e conhecidas para partilharem estes sentimentos e opiniões: assim na capital como nas provincias.

III. Que a subscripção, para ser accessivel a todas as posses, se não limite a minimo algum, acceitando-se toda a contribuição;

mas que o maximo seja limitado á quantia de 5$000 réis.

IV. Que se nomeie desde ja um thesoureiro geral.

V. Que se nomeie tambem uma commissão directora do monumento, para se começarem os trabalhos preparatorios d'elle, quanto antes.

VI. Que esta commissão tenha plenos e inteiros podêres de trattar e resolver quanto cumpra, debaixo das seguintes condições que lhe serão votadas pela reunião.

E passando á segunda parte do parecer, propõe a commissão, resumindo, as referidas condições a cinco:

I. Que o monumento que se tratta de erigir ao nobre Duque de Palmella, D. Pedro, seja uma estatua de grandeza mais que natural, em bronze fundido.

II. Que ésta seja no estylo que chamam senatorio, em pé, indicando em tudo a alta magistratura politica, exercida nos derradeiros annos de sua vida e a que o chamaram seus talentos e serviços.

III. Que o trajo, emblemas e accessorios sejam escolhidos de modo que fiquem bem characterizadas as funcções e cargos publicos do Duque, sem confundir as epochas e o seculo em que viveu.

IV. Que a estatua assente sôbre um pedestal de granito do Porto.

V. Que seja collocada, com o assentimento da auctoridade pública, a quem competir dá-lo, ou no largo das Côrtes, ou em qualquer outro logar que melhor convenha para se expor á veneração pública, a imagem do grande homem e benemerito cidadão cuja perda deplorâmos.

Lisboa, em reunião preparatoria da associacão, aos . . de novembro de 1850.= *Conde de Lavradio*=*Almeida Garrett*=*R. da Fonseca Magalhães.*

INDICE